

INSTITUTO  
SUPERIOR  
DE CONTABILIDADE  
E ADMINISTRAÇÃO  
DO PORTO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

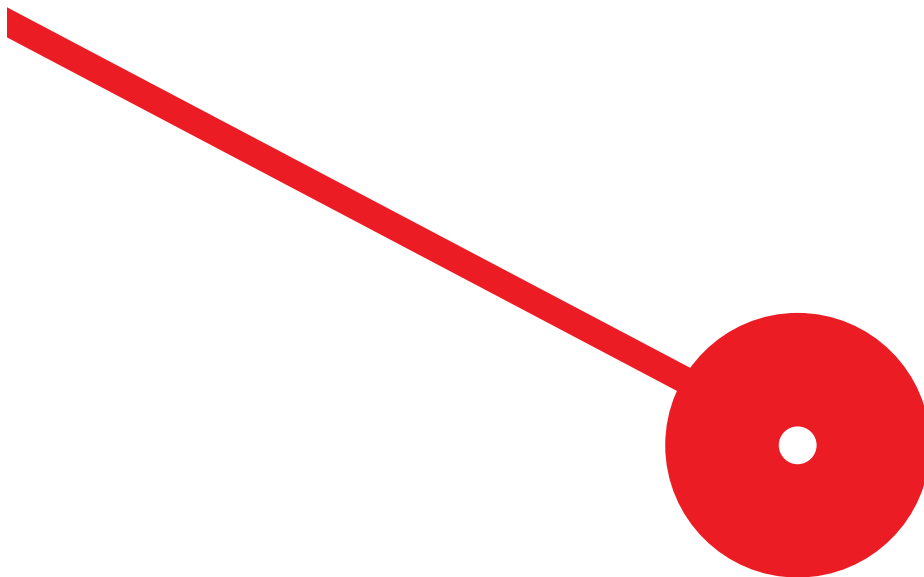
M

MESTRADO  
TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS

# Análise da tradução do *The Bell Jar* para português

M<sup>a</sup> Inês Peixoto

10/2025



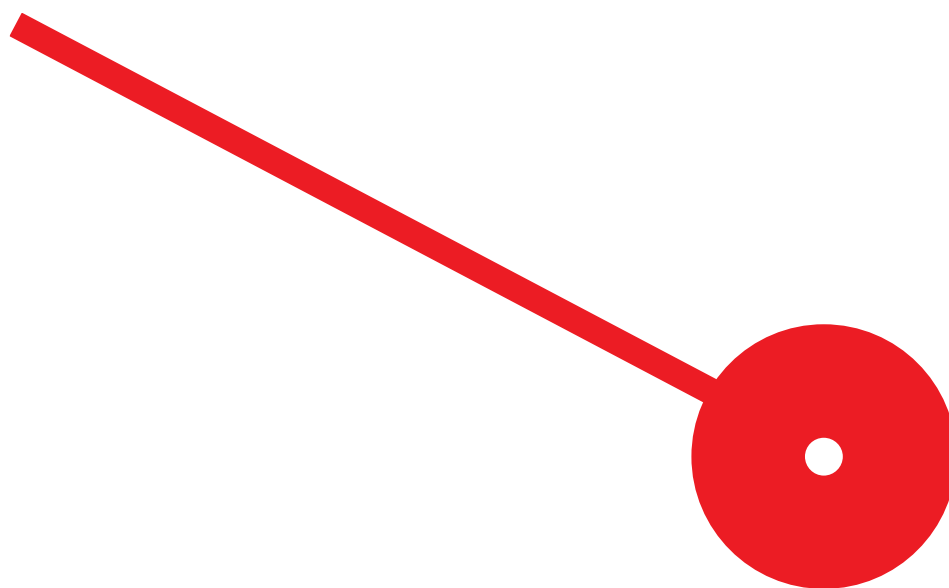
**M** MESTRADO  
TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS

# Análise da tradução do *The Bell*

## *Jar* para português

M<sup>a</sup> Inês Peixoto

**Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação de Micaela Marques Moura.**



## **Dedicatória**

A ti, meu eu do passado,

Quando começaste esta jornada, não sabias exatamente o que te esperava, mas avançaste. Entre desafios, dúvidas e pequenos progressos, foste construindo o caminho com consistência e empenho.

Esta tese é dedicada à tua persistência. À capacidade de continuares, mesmo quando o ritmo abrandava.

Que nunca te esqueças de tudo o que foste capaz de fazer, e que essa confiança te acompanhe nas próximas etapas.

Com reconhecimento,

O teu eu do presente.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais e à minha irmã, o meu mais profundo agradecimento.

O vosso apoio incondicional, a vossa paciência e o vosso amor foram o que me sustentou durante todo este processo.

À minha irmã, pela presença constante, pelos conselhos e por me ajudar a ver mais claro quando tudo parecia confuso.

Mesmo nos dias mais difíceis, soube que podia contar convosco, e isso vale tudo.

À Joana Costa, obrigada por me acompanhares com tanta presença e por trazeres luz quando mais precisei.

À Ana Catarina Oliveira, pela companhia nos últimos anos.

À Eva Cristelo, pela amizade e pelo empurrão final quando eu já não sabia por onde ir — esta tese saiu também por tua causa.

À minha orientadora, Micaela Marques Moura, obrigada pela compreensão, paciência e dedicação.

Obrigada a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram comigo neste caminho.

Este trabalho é também vosso.

## **Resumo**

Esta dissertação analisa a tradução portuguesa do romance “The Bell Jar”, de Sylvia Plath, com especial foco nos capítulos 2, 7 e 15. A investigação centra-se nas escolhas tradutivas e nas suas implicações na representação da saúde mental e da psique feminina, dois temas centrais na obra. Através de uma análise comparativa entre os segmentos do texto original e as respetivas traduções, foram identificadas técnicas como modulação, amplificação, redução, particularização e variação, cuja aplicação, por vezes, alterou o tom, o estilo e a voz narrativa da autora.

Com base no modelo de técnicas de tradução proposto por L. Molina and A. Albir (2002), a análise revelou tendências que levantam questões quanto à fidelidade ao texto de partida e à visibilidade do tradutor, particularmente em contextos marcados por experiências subjetivas e femininas. O estudo demonstra que determinadas escolhas, ainda que subtis, podem condicionar a receção da obra por parte do público lusófono, sobretudo quando envolvem omissões, erros ou adaptações excessivas.

Este trabalho procura, assim, contribuir para o debate sobre a importância de uma abordagem ética, crítica e informada à tradução literária, especialmente no que toca à representação de vozes marginalizadas e narrativas de sofrimento psicológico.

### **Palavras-chave:**

Tradução literária; Sylvia Plath; Saúde mental; Técnicas de tradução.

## **Abstract**

This dissertation analyses the Portuguese translation of “The Bell Jar” by Sylvia Plath, focusing on chapters 2, 7 and 15. It examines the impact of translation decisions on the representation of mental health and female subjectivity, which are central to the novel. Through a comparative analysis between the original segments and their translated versions, techniques such as modulation, amplification, reduction, particularisation, and variation were identified. These often altered the tone, style and narrative voice of the author.

Using the translation techniques framework proposed by L. Molina and A. Albir (2002), the study revealed patterns that question the faithfulness to the source text and the translator’s invisibility—especially when the source material conveys female experience and psychological depth. The analysis highlights how certain translational choices, even when subtle, influence the target reader’s interpretation, particularly in cases involving omissions, inconsistencies or excessive adaptation.

This work contributes to the discussion on the ethical, critical and informed practice of literary translation, especially in contexts where marginalised voices and representations of psychological suffering are at stake.

## **Key words:**

Translation; Sylvia Plath; Literature; Analysis.

## **ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
1.1 Metodologia Prática .....	13
1.2 Metodologia Teórica .....	15
<b>CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
2.1 Tradução Literária .....	25
a. Problemas e Desafios na Tradução Literária .....	28
b. Problemas e Desafios na Tradução de Textos de Saúde Mental .....	32
2.2 Contextualização da Obra .....	41
2.3 Doenças Mentais e a Psique Feminina .....	44
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE ESTRUTURADA DA TRADUÇÃO .....</b>	<b>56</b>
3.1 Discussão .....	66
3.2 Desafios encontrados .....	69
<b>CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>73</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: FLOWCHART DA METODOLOGIA UTILIZADA.....	12
---	----

## **ÍNDICE DE TABELAS**

TABELA 1: TÉCNICAS DE TRADUÇÃO .....	15
TABELA 2: MÉTODOS DE TRADUÇÃO.....	19
TABELA 3: COMPARAÇÃO TEXTO ORIGINAL COM TRADUÇÃO PORTUGUESA.....	59

## ÍNDICE DE APÊNDICE

APÊNDICE I – Análise Do Artigo "Técnicas De Tradução Revisitadas: Uma Abordagem Dinâmica E Funcionalistas" .....	77
APÊNDICE II – Capítulos A Analisar .....	81

## LISTA DE ABREVIATURAS

ISCAP	Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
APA	American Psychological Association
OMS	Organização Mundial de Saúde

# INTRODUÇÃO

---

A escolha da análise tradução do livro "The Bell Jar" de Sylvia Plath (1966) para português como tema desta dissertação foi motivada pela ambição de explorar duas questões centrais no cenário da tradução literária contemporânea: a tradução de obras escritas por mulheres e a representação de doenças psiquiátricas na literatura. Esses temas, embora distintos, convergem numa discussão mais ampla sobre a voz feminina na escrita e a forma como as narrativas são moldadas e interpretadas, o que está de acordo como o que Berton Costa and Maia Amorim (2019) afirmaram quando exploraram as práticas feministas de tradução.

"The Bell Jar" de Sylvia Plath, publicado pela primeira vez sob o pseudônimo Victoria Lucas em 1963, é uma obra seminal da literatura do século XX. A exploração de doenças mentais, da identidade e das expectativas da sociedade, feita por este romance, tem ecoado nos leitores ao longo de décadas, cimentando o lugar de Plath no cânone literário (Waham, 2023). Como tal, a tradução desta obra complexa e profundamente pessoal pareceu apresentar desafios e oportunidades únicas para estudos acadêmicos literários como pretendido com este trabalho.

Os estudos de tradução oferecem uma perspectiva inestimável sobre os processos e os resultados da tradução de textos entre línguas e culturas. A análise das traduções esclarece as subtilezas da língua, as escolhas do tradutor e a natureza interpretativa do próprio processo de tradução (Guerini, 2008). No caso de "The Bell Jar", estes fatores são particularmente significativos, dado o rico uso que o romance faz da metáfora, das referências culturais e da voz narrativa distinta da autora. Esta dissertação centra-se na tradução para português dos capítulos 2, 7 e 15 de "The Bell Jar". Estes capítulos foram escolhidos por representarem momentos cruciais na trajetória da protagonista, Esther Greenwood, e por evidenciarem, de forma particularmente intensa, as questões temáticas e estilísticas que orientam a análise deste estudo.

O capítulo 2 apresenta os primeiros sinais de desintegração psicológica da protagonista, manifestados através da sua alienação perante o mundo exterior e do contraste entre a aparência socialmente exigida e o seu estado interior fragmentado. Neste ponto do romance, Plath combina uma linguagem aparentemente simples com imagens metafóricas densas, o que coloca desafios tradutivos relacionados com o tom, a ironia e a escolha lexical. O capítulo 7 aprofunda esse processo de deterioração, traduzindo-se numa escrita cada vez mais introspetiva e simbólica. É neste momento que a metáfora do "frasco de vidro" começa a ganhar força como representação do confinamento mental e emocional.

A tradução deste capítulo exige sensibilidade para captar o equilíbrio entre literalidade e metáfora, mantendo a coerência da voz narrativa e a ambiguidade característica do estilo de Plath. Por fim, o capítulo 15 marca o início do percurso de reabilitação de Esther, após o internamento psiquiátrico. Aqui, a linguagem torna-se mais esperançosa, mas permanece atravessada por uma vulnerabilidade constante. Do ponto de vista tradutivo, este capítulo é relevante por exigir uma gestão precisa do tom e das camadas emocionais, evitando simplificações que possam comprometer a complexidade da voz feminina construída por Plath.

Ao analisar estes três capítulos, pretende-se compreender como a tradução portuguesa lida com o equilíbrio entre fidelidade e recriação, entre o respeito pela literalidade e a necessidade de preservar o impacto emocional e simbólico do texto original. Esta abordagem permitirá discutir não apenas as estratégias de tradução utilizadas, mas também a forma como as decisões tradutivas influenciam a representação da saúde mental e da identidade feminina na obra traduzida.

Ao examinar estes capítulos específicos, esta tese pretende descobrir como a tradução navega no delicado equilíbrio entre a fidelidade ao texto de partida e a adaptação à língua e cultura de chegada. As principais questões de investigação que orientam a presente análise são: Até que ponto a tradução portuguesa é fiel ao texto original em termos de significado, tom e estilo? Quais são as diferenças notáveis ou mudanças de significado entre o texto original e o traduzido? Como é que a tradução lida com referências culturais e expressões idiomáticas? Os objetivos deste estudo são identificar as estratégias de tradução utilizadas, avaliar a sua eficácia e compreender o impacto destas escolhas na experiência do leitor. Uma questão essencial para qualquer tradutor, e em particular para quem se forma na área da tradução, é compreender como traduzir um texto de modo a manter a equivalência com o original, isto é, como criar um texto que produza no leitor do idioma de chegada um efeito semelhante ao que o texto produziu no leitor do idioma de partida.

Diversas teorias procuraram responder a esta questão, propondo diferentes formas de entender o que significa “traduzir bem”. Uma das mais influentes é a de Eugene Nida (1964), que introduziu o conceito de *Equivalência Dinâmica*. Para Nida, o objetivo da tradução não é copiar palavra por palavra, mas sim reproduzir o mesmo impacto que o texto original provoca no seu leitor. A prioridade é, portanto, o efeito comunicativo e não a literalidade. Por sua vez, a *Skopos Theory*, desenvolvida por Hans Vermeer (1989),

afasta-se da ideia de equivalência e foca-se na função do texto traduzido. Segundo esta teoria, cada tradução deve adaptar-se ao seu propósito, o *skopos*, e ao contexto em que será utilizada. Por exemplo, uma tradução literária e uma tradução publicitária podem exigir estratégias completamente diferentes, porque cumprem funções distintas. Mais tarde Christiane Nord também dentro da abordagem funcionalista, refinou essa perspectiva ao introduzir o conceito de *lealdade*. Para Nord, o tradutor deve equilibrar duas fidelidades: à intenção do autor e às expectativas do leitor na língua de chegada. A tradução, assim, não é apenas um exercício linguístico, mas também um ato ético e interpretativo. Estas três abordagens: Nida, Vermeer e Nord mostram que a tradução é sempre uma forma de mediação cultural. Traduzir implica interpretar significados, decidir o que preservar e o que adaptar, e escolher conscientemente como transportar um texto de um universo linguístico e cultural para outro. É dentro deste quadro teórico que se insere o presente estudo, que procura compreender como essas decisões se manifestam na tradução portuguesa de “The Bell Jar”.

Estas questões teóricas tornaram-se particularmente relevantes no contexto da elaboração desta dissertação, à medida que se aprofundava a análise da tradução de “The Bell Jar”. Durante o processo de estudo e comparação entre o texto original e a tradução portuguesa, emergiram dúvidas e reflexões sobre como aplicar, na prática, os princípios de equivalência, função e lealdade propostos pelas diferentes teorias da tradução. A escolha deste livro, da autoria de Sylvia Plath, reflete também um interesse pessoal em compreender de que forma a voz feminina é representada e traduzida entre diferentes culturas e línguas.

Além disso, procura-se analisar como temas sensíveis, como a representação de doenças psiquiátricas, são abordados no processo tradutivo. Neste trabalho, exploro as estratégias de tradução propostas por L. Molina and A. H. Albir (2002) que funcionam, por um lado, como soluções para os vários desafios que surgem durante a tradução e, por outro, como instrumentos de reflexão antes da tomada de decisões tradutivas. Estas estratégias não só oferecem soluções para os diferentes desafios que emergem ao longo do processo de tradução, como também promovem uma reflexão consciente antes da tomada de decisões tradutivas. Paralelamente, constituem um enquadramento teórico sólido para a prática, possibilitando uma análise crítica e metodologicamente fundamentada do trabalho desenvolvido.

Os objetivos desta tese incluem: refletir sobre as estratégias de tradução aplicadas em "The Bell Jar" nos capítulos 2, 7 e 15, examinar as características do texto literário e da tradução literária, e rever as principais propostas de categorização das estratégias de tradução ao longo do tempo. Isto é importante para definir estratégias de tradução dentro da tradução literária.

Inicialmente, era esperado encontrar uma grande diversidade de estratégias de tradução no texto que iria analisar, mas, com o tempo e após uma análise final dos trabalhos realizados, foi constatada uma realidade diferente. Assim, na primeira fase do trabalho, é feito um enquadramento teórico que inclui distinções terminológicas no âmbito das estratégias, procedimentos e métodos de tradução. Em seguida, são apresentadas algumas das principais propostas teóricas de autores que se dedicaram ao estudo das estratégias de tradução.

A escolha dos capítulos para a tradução foi estratégica, no sentido de encontrar uma maior quantidade de termos relacionados à psiquiatria, o que torna essa escolha particularmente relevante para uma análise mais aprofundada da terminologia médica e dos desafios específicos na tradução de temas psiquiátricos.

Na segunda parte desta tese, foi analisada a tradução dos capítulos 2, 7 e 15 do "The Bell Jar", destacando as particularidades do projeto e como questões de gênero e saúde mental influenciaram decisões tradutivas. É oferecida uma reflexão crítica do trabalho realizado, tanto de forma geral quanto específica, sobre a conexão entre as estratégias de tradução e a prática desenvolvida.

Por fim, são apresentadas as principais ideias desenvolvidas na tese e indicando as conclusões que as partes teórica e prática do trabalho permitem alcançar, destacando a importância da tradução como meio de dar voz a narrativas femininas e explorar temas complexos como as doenças psiquiátricas na literatura.

O significado básico da tradução de facto é escrever, a partir de um texto-base numa língua, um novo texto em outro idioma, mas essa tarefa não se resume a um fazer mecânico. A experiência de passar um texto mais complexo pelo famoso DeepL é ter um produto final que pode até fazer algum tipo de sentido, mas é comum que a fluência do texto seja prejudicada e até o sentido de várias frases seja simplesmente perdido. Traduzir, portanto, exige uma sensibilidade humana, pelo menos até ao presente.

O serviço de tradução envolve várias particularidades, mais do que a simples definição de “trocar palavras entre línguas” alcança. O falante de um idioma, aliás, não está necessariamente apto para traduzi-lo. É possível que alguém consiga “operar” o francês, por exemplo (ou seja, usá-lo para situações quotidianas), mas a tradução do francês exige uma série de processos que um falante não domina necessariamente. Traduzir consiste em dominar, além da gramática, a cultura associada a duas (ou mais) línguas. Não basta conhecer a ortografia, algo essencial, mas também compreender especificidades como estilo, voz, contexto e fluência tanto das expressões que o tradutor pretende traduzir quanto das expressões traduzidas, utilizadas no texto final (Guerini, 2008).

A tradução, então, toma em conta a existência do texto para além da folha de papel e das palavras encaradas de forma isolada, articulando visões de mundo, objetivos específicos da tradução em questão e detalhes que fazem toda a diferença para comunicar o conteúdo original. É por isso que, ao realizar um serviço de tradução, o essencial é ter alguém especializado no assunto a trabalhar o texto. Isso impede que haja ruídos na expressão de conceitos e valores que são decisivos na imagem de uma empresa ou de uma pessoa que precisa do serviço de tradução, seja para verter um histórico académico, seja para traduzir um documento jurídico.

Independente do âmbito da tradução, o trabalho de um tradutor com experiência e conhecimento sobre o ofício é uma grande vantagem. Num mundo cada vez mais globalizado, a comunicação efetiva entre culturas é essencial para o entendimento mútuo, a cooperação e a construção de relações. Nesse contexto, a tradução e a interpretação desempenham um papel fundamental como facilitadores da comunicação entre diferentes idiomas e culturas. A tradução e a interpretação assumem hoje um papel incontornável na construção e manutenção do diálogo entre culturas, ultrapassando largamente a dimensão linguística e atuando como instrumentos de mediação entre sistemas de pensamento, valores e visões de mundo. Como observa Mona Baker (2018), traduzir é muito mais do que substituir palavras de uma língua por palavras de outra: “Translation involves far more than finding target-language equivalents for source-language words; it requires an understanding of the way meaning is constructed within different cultural and linguistic systems.”

Traduzir exige, portanto, não apenas competência linguística, mas também uma consciência cultural capaz de interpretar e reconstruir significados, preservando o impacto comunicativo e simbólico do texto original. Assim, a tradução torna-se uma

atividade essencial para superar as barreiras linguísticas e para a transmissão de conhecimento e de valores entre comunidades diversas. Neste contexto, desempenha igualmente um papel decisivo na preservação e partilha das identidades culturais, permitindo que textos literários, científicos e artísticos atravessem fronteiras e mantenham vivas as expressões das sociedades que os produzem, tornando-as acessíveis a novos públicos.

Este processo de circulação e recriação cultural é central para o que Baker (2018) descreve como a construção de pontes discursivas entre culturas, uma vez que cada tradução representa uma forma de diálogo entre modos de pensar distintos. A tradução permite, portanto, a coexistência entre diversidade e comunicação global, funcionando simultaneamente como espelho e mediador das diferenças. A sua relevância manifesta-se ainda no domínio económico e institucional, em contextos como o comércio internacional, a diplomacia, o turismo ou a saúde, onde a tradução e a interpretação asseguram que a troca de informações e decisões ocorra de forma clara e eficaz.

Katan (2009) reforça esta ideia ao afirmar que a tradução atua como um processo de mediação cultural fundamental, através do qual se produzem formas partilhadas de entendimento entre grupos com referências culturais distintas. Para Katan, o tradutor não é apenas um transmissor de mensagens, mas um mediador intercultural que garante o equilíbrio entre precisão linguística e adequação comunicativa. Outro contributo determinante da tradução no mundo contemporâneo é o acesso global à informação: em sociedades marcadas pela circulação rápida de dados e pelo domínio das tecnologias de comunicação, a tradução garante que o conhecimento: científico, académico, jurídico e mediático, etc. possa ser disseminado de forma equitativa. Katan (2009) considera que este papel é, em si mesmo, um ato de democratização, já que ao eliminar as barreiras linguísticas, a tradução permite que cidadãos de diferentes origens linguísticas participem no fluxo global de conhecimento, reforçando a inclusão e a partilha intercultural.

Desde as suas origens, a tradução foi uma necessidade humana para comunicar, compreender e preservar o saber. Já na antiguidade, textos religiosos, filosóficos e científicos eram traduzidos como forma de transmitir o conhecimento entre civilizações, do grego ao árabe, do árabe ao latim e, mais tarde, às línguas modernas. Ao longo dos séculos, a tradução tornou-se um elemento estruturante do progresso intelectual e cultural, permitindo que ideias atravessassem fronteiras e sobrevivessem no tempo. Com o avanço da globalização e das tecnologias digitais, esta função ampliou-se e a tradução

consolidou-se como um mecanismo essencial de interligação entre culturas, economias e instituições. Assim, a tradução e a interpretação devem ser compreendidas não apenas como atividades técnicas, mas como práticas sociais e culturais de profundo impacto: sustentam o diálogo entre povos, preservam a diversidade cultural, promovem o entendimento mútuo e asseguram o acesso equitativo à informação num mundo cada vez mais interdependente. Em última análise, traduzir é participar ativamente na construção de um espaço de comunicação global, onde o conhecimento, a arte e a linguagem se tornam bens partilhados pela humanidade (Baker, 2018; Katan, 2009).

Ao longo deste trabalho, analisou-se a forma como as doenças mentais e a psique feminina foram historicamente associadas, muitas vezes através de leituras estigmatizantes e redutoras, e de que modo esse legado discursivo influencia a tradução portuguesa da obra em estudo. Com base nessa contextualização, optou-se por uma abordagem sustentada no modelo de técnicas de tradução de L. Molina and A. Albir (2002), utilizado como ferramenta teórica para identificar e interpretar as estratégias tradutivas observadas, bem como os seus efeitos na representação da saúde mental e da identidade feminina no texto traduzido. Este enquadramento metodológico estabelece a base para a análise que será desenvolvida nos capítulos seguintes.

# **CAPÍTULO I – METODOLOGIA**

---

A metodologia utilizada nesta tese baseou-se numa abordagem qualitativa, centrada na análise comparativa do texto original em inglês e da tradução para o português dos capítulos 2, 7 e 15 de “The Bell Jar”, de Sylvia Plath. Esta abordagem permitiu uma exploração aprofundada das escolhas tradutivas e do seu impacto na representação da saúde mental e da psique feminina, elementos centrais na obra de Plath.

A metodologia adotada procurou destacar as nuances linguísticas e culturais envolvidas na tradução literária, bem como as implicações dessas escolhas na receção da obra no contexto lusófono. A obra em análise é da autoria de Sylvia Plath e foi publicada em Portugal pela editora Relógio d'Água, na coleção Ficções, em agosto de 2016. A edição apresenta o ISBN 9789896416140 e conta com tradução de Mário Avelar. A seleção dos capítulos 2, 7 e 15, da obra “A Campânula de Vidro” não foi aleatória, pelo contrário, decorreu de uma análise preliminar do romance, identificando os trechos que melhor exemplificam as dinâmicas psicológicas da protagonista, Esther Greenwood, e as estratégias tradutivas que afetam a transmissão dessas experiências ao público-alvo (Baker, 2018).

O capítulo 2 estabelece algumas das bases emocionais da personagem, enquanto o capítulo 7 aprofunda a sua relação com a sociedade e os desafios da sua saúde mental. O capítulo 15, por sua vez, representa um momento crítico da narrativa, evidenciando o agravamento do seu estado psicológico. A escolha destes capítulos permitiu uma amostra representativa das transformações linguísticas e discursivas que ocorrem na tradução e o seu impacto na construção da personagem e do tom da obra.

Para a análise comparativa, foram utilizadas ferramentas da teoria da tradução, com especial atenção às técnicas empregues pelos tradutores. A investigação focou-se na identificação e interpretação de estratégias tradutivas, tais como modulação, particularização, criação discursiva, amplificação, calque e tradução literal. Estas técnicas foram analisadas em termos do seu efeito na manutenção ou alteração da intenção original do texto e da fidelidade ao estilo de Sylvia Plath. A comparação entre a versão original e as traduções procurou evidenciar padrões e desvios que pudessem indicar tendências nas escolhas tradutivas (L. Molina & A. Albir, 2002).

Além disso, foi adotado um enquadramento teórico que articula estudos de tradução literária com perspetivas da crítica feminista e dos estudos de saúde mental na literatura (Alegre & Herget, 2021). Dado que “The Bell Jar” é frequentemente lido como um

romance semiautobiográfico que reflete as experiências de Plath com depressão e internamento psiquiátrico, tornou-se essencial considerar como as diferentes traduções preservam ou transformam essa dimensão. A análise procurou compreender se as estratégias tradutivas suavizam, reforçam ou alteram a carga emocional e psicológica do texto original, e como essas alterações podem influenciar a recepção da obra num público lusófono.

A aplicação destes critérios possibilitou uma abordagem sistemática e detalhada, que foi complementada por um estudo da recepção crítica das traduções. No que diz respeito à técnica de análise textual, foram utilizadas ferramentas de análise discursiva para examinar a construção do discurso da protagonista e as suas transformações nas traduções. Essa abordagem permitiu uma observação detalhada de padrões narrativos e de como a voz interior de Esther Greenwood foi mantida ou alterada nos diferentes contextos linguísticos. Particularmente, verificou-se se a intensidade emocional, a ironia e a ambiguidade do texto original foram preservadas, adaptadas ou atenuadas.

Outro aspeto importante da metodologia foi a consideração das implicações éticas e ideológicas da tradução de obras que abordam temas sensíveis, como a saúde mental. O enquadramento teórico incluiu uma reflexão sobre a responsabilidade do tradutor na preservação da intenção autoral e na transmissão de discursos sobre doença mental, num contexto em que as palavras escolhidas podem influenciar perceções e estigmas sociais. Foram analisadas escolhas tradutivas que poderiam potencialmente alterar a forma como a experiência da depressão e do internamento psiquiátrico é percebida pelos leitores lusófonos.

A metodologia também teve em conta a relevância da intertextualidade na obra de Sylvia Plath e a forma como referências culturais e literárias específicas foram traduzidas. Foram analisadas as estratégias utilizadas para lidar com alusões culturais, citações e expressões idiomáticas, determinando se houve tendência para equivalência direta, adaptação ou omissão. Este ponto foi crucial para compreender se a tradução mantém a riqueza intertextual do original ou se a torna mais acessível através da adaptação ao contexto português (Alegre & Herget, 2021).

Assim, a metodologia desta tese combinou uma abordagem qualitativa e comparativa, articulando teoria da tradução, crítica literária e estudos sobre saúde mental como pode ser visto na Figura 1 (pág. 12). Através da análise dos capítulos selecionados, foram

examinadas as técnicas de tradução utilizadas e as suas implicações na representação da psique feminina e da saúde mental na obra de Sylvia Plath à luz do artigo "Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach", (L. Molina & A. Albir, 2002). Este estudo pretendeu contribuir para uma compreensão mais aprofundada do impacto das escolhas tradutivas e das suas consequências na receção da obra em língua portuguesa, destacando o papel da tradução literária.

Em resumo, o artigo de L. Molina and A. Albir (2002) propõe uma atualização das técnicas de tradução à luz de uma abordagem dinâmica e funcionalista, em que a tradução é vista como um processo criativo e adaptativo. As autoras defendem que a tradução deve ser flexível, ajustada às necessidades contextuais do texto e ao público-alvo, e que as escolhas do tradutor devem ser orientadas pela função comunicativa do texto e pela cultura em que ele será lido. Esta perspetiva amplia a compreensão do processo de tradução, destacando a sua dimensão cultural, estratégica e reflexiva, e oferece uma abordagem mais completa e eficaz para a prática tradutiva.

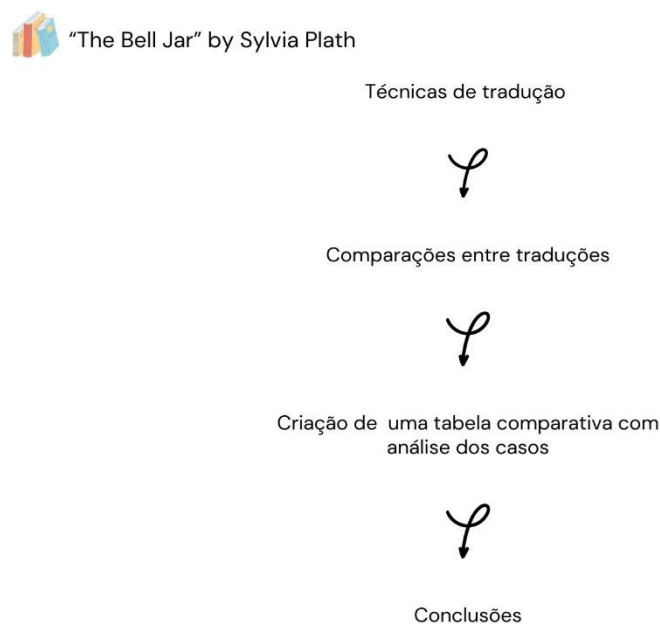


Figura 1: Flowchart da Metodologia utilizada.

## 1.1 Metodologia Prática

A avaliação das técnicas de tradução deve ser sempre contextualizada, considerando as características do texto de partida, o propósito comunicativo da tradução e as expectativas do público-alvo. Cada técnica escolhida reflete decisões interpretativas do tradutor, que procura equilibrar a fidelidade ao conteúdo original com a adequação cultural e funcional do texto de chegada. Como refere L. Molina and A. Albir (2002), a aplicação das técnicas de tradução não pode ser dissociada das intenções comunicativas e do contexto em que o texto será recebido. A tradução, portanto, configura-se como um processo dinâmico, em constante negociação entre línguas e culturas, no qual as técnicas desempenham um papel essencial para garantir uma equivalência funcional e uma transferência significativa de sentido.

A escolha das técnicas de tradução deve ser cuidadosamente ponderada, considerando a natureza do texto, o objetivo da tradução e as expectativas do público (Eco, 1979). Embora as técnicas possam variar dependendo do contexto, o tradutor deve sempre procurar soluções que preservem o sentido, a tonalidade e a intenção do texto original, ao mesmo tempo em que tornam o conteúdo acessível e relevante para os leitores da língua de chegada.

A abordagem enfatiza a importância de um tradutor adaptável, capaz de ajustar as suas escolhas conforme o contexto específico e o público a que se destina. Ao aplicar esses princípios na análise da tradução, é necessário observar como as técnicas podem ser usadas para navegar pelas diferenças culturais e linguísticas, mantendo a funcionalidade do texto original no novo ambiente comunicativo (Guerini, 2008). Assim, criei uma tabela para ilustrar precisamente como essas decisões tradutivas se refletem no texto traduzido, ao permitir uma observação detalhada das escolhas feitas ao longo da tradução.

Cada exemplo contido na tabela 3 (Página 57) representa uma oportunidade para explorar como o tradutor geriu os desafios impostos pelas diferenças de língua e cultura, assegurando que a mensagem central do texto fosse mantida, mas também ajustada às particularidades do público-alvo. Foi criada a tabela 3 com quatro colunas, uma com a versão original, outra com a tradução em português dos capítulos 2, 7 e 15, como já foi referido anteriormente, outra com observações acerca da tradução feita e uma última com interpretação e análise das técnicas que terão sido aplicadas pelo tradutor segundo a tabela

1 (Página 15). Esta tabela foi estruturada de forma a permitir uma comparação direta entre o texto original e a tradução, facilitando a análise das técnicas de tradução utilizadas. A tabela 3 inclui frases ou passagens selecionadas dos capítulos, nas quais se observam as escolhas feitas pelo tradutor e as suas possíveis implicações para a compreensão do texto (Apêndice II).

Com o suporte do artigo de L. Molina and A. Albir (2002) “Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach”, foi desenvolvida uma análise das técnicas de tradução aplicadas nas versões em português dos textos selecionados. O artigo fornece uma base teórica sobre as técnicas de tradução, como modulação, amplificação, calque, adaptação e outras, e discute a importância de considerar não apenas a equivalência linguística, mas também a função comunicativa do texto e a adequação cultural no processo tradutivo. Com isso em mente, a análise centrou-se na identificação das técnicas específicas empregadas nas traduções dos capítulos 2, 7 e 15.

A tabela 3 permite visualizar como as escolhas de tradução podem influenciar a transmissão do significado e como a adaptação cultural e linguística foi realizada em cada caso. A análise das passagens traduzidas revelou que em algumas situações houve uma clara utilização de técnicas de modulação, onde o tradutor alterou o ponto de vista ou a forma de apresentar a informação (como por exemplo quando “men” traduziu para “outros”). Em outros casos, a amplificação foi observada, com o tradutor adicionando elementos explicativos para garantir que o significado fosse claro para o público-alvo. Além disso, houve exemplos de calque, onde a tradução foi feita de forma mais literal, mantendo a estrutura original.

A análise foi conduzida com base na compreensão das técnicas descritas no artigo, que orientam o tradutor a considerar as variáveis culturais, sociais e contextuais na escolha das estratégias tradutivas. A tabela 3 serve, portanto, como uma ferramenta para ilustrar as diferentes abordagens adotadas ao longo do processo de tradução e para verificar a aplicação das técnicas de forma prática, sem assumir conclusões sobre os resultados.

## 1.2 Metodologia Teórica

Para começar, é importante realçar que segundo L. Molina and A. H. Albir (2002) no domínio da tradução, um método e uma técnica são conceitos distintos. Um método de tradução aplica-se a todo o texto a traduzir, enquanto várias técnicas de tradução podem ser utilizadas no mesmo texto, dependendo dos casos específicos e elementos linguísticos que necessitam de tradução. No artigo, as autoras Lucía Molina e Amparo Hurtado Albir mencionam diversas técnicas de tradução:

Tabela 1: Técnicas de Tradução

<b>Técnicas de Tradução</b>	
1. Adaptação	Substituição de um elemento cultural do texto de partida (ST) por um elemento da cultura do texto de chegada (TT), e.g., substituir "baseball" por "futebol" numa tradução para espanhol.
2. Amplificação	Introdução de detalhes não presentes no ST, como informações ou paráfrases explicativas, e.g., adicionar o mês muçulmano do jejum ao traduzir "Ramadan" para o espanhol.
3. Calque	Tradução literal de uma palavra ou expressão estrangeira; pode ser lexical ou estrutural, e.g., traduzir "Normal School" como "École normale" para o francês.
4. Compensação	Introdução de um elemento de informação ou efeito estilístico do ST em outro lugar no TT, quando não pode ser refletido no mesmo local do ST.
5. Criação discursiva	Estabelecimento de uma equivalência temporária e imprevisível fora de contexto, e.g., a tradução do filme "Rumble Fish" para o espanhol como "La ley de la calle".
6. Descrição	Substituição de um termo ou expressão por uma descrição de sua forma ou função, e.g., traduzir "panettone" como "bolo italiano tradicional comido na véspera de Ano Novo".
7. Empréstimo	Tomar uma palavra ou expressão diretamente de outro idioma. Pode ser um empréstimo puro (sem alterações) ou naturalizado (adaptado às regras ortográficas do TL), e.g., usar "lobby" em vez de "vestíbulo".
8. Equivalente estabelecido	Usar um termo ou expressão reconhecida (por dicionários ou uso comum) como equivalente no idioma de chegada.

9. Generalização	Uso de um termo mais geral ou neutro, e.g., traduzir "guichet", "fenêtre" ou "devanture" como "window" no inglês.
10. Amplificação linguística	Adição de elementos linguísticos, frequentemente usada em interpretação consecutiva e dublagem, e.g., traduzir "No way" como "De ninguna de las maneras" em vez de "En absoluto".
11. Compressão linguística	Sintetização de elementos linguísticos no TT, frequentemente usada em interpretação simultânea e legendagem, e.g., traduzir "Yes, so what?" como "¿Y?" no espanhol.
12. Modulação	Mudança de ponto de vista, foco ou categoria cognitiva em relação ao ST, e.g., traduzir "you are going to have a child" em vez de "you are going to be a father".
13. Omissão	Supressão de um item de informação do ST no TT, e.g., não mencionar o mês do jejum ao traduzir "Ramadan" para o árabe.
14. Particularização	Uso de um termo mais preciso ou concreto, e.g., traduzir "window" como "guichet" em francês.
15. Redução	Supressão de um item de informação do ST no TT, e.g., a omissão do mês do jejum na tradução para o árabe ao traduzir "Ramadan".
16. Substituição (linguística, paralinguística)	Mudança de elementos linguísticos por elementos paralinguísticos (como gestos ou entonação) ou vice-versa, e.g., traduzir o gesto árabe de colocar a mão no coração como "Thank you".
17. Transposição	Mudança de uma categoria gramatical, e.g., traduzir "He will soon be back" para "No tardará en venir", alterando o advérbio "soon" pelo verbo "tardar".
18. Variação	Mudança de elementos linguísticos ou paralinguísticos que afetam aspectos de variação linguística: mudanças de tom, estilo, dialeto social ou geográfico, e.g., mudar indicadores dialetais ao traduzir para o teatro.

As técnicas são abordadas no artigo como ferramentas flexíveis, que podem ser aplicadas de maneira estratégica dependendo das exigências contextuais e culturais da tradução. No artigo as autoras discutem, além das técnicas de tradução, diferentes métodos de tradução que guiam o tradutor nas suas escolhas. A conexão entre os métodos de tradução e as técnicas de tradução é uma relação funcional e complementar, porque os métodos fornecem a orientação geral sobre como abordar o processo de tradução, enquanto as

técnicas são as ferramentas específicas usadas para implementar esses métodos de forma prática. Por outras palavras, os métodos orientam a estratégia geral que o tradutor deve adotar, e as técnicas representam as ações concretas que serão realizadas durante o processo de tradução.

Por exemplo, se um tradutor adota o método da Tradução Literal, ele provavelmente usará técnicas como tradução literal e transposição para manter a estrutura e o vocabulário do texto original, minimizando alterações e tentando ser o mais fiel possível ao original. Nesse caso, a técnica de tradução literal é diretamente alinhada ao método de tradução literal, porque busca uma correspondência palavra por palavra. Por outro lado, se o tradutor optar pelo método da Tradução Livre, ele pode usar técnicas como adaptação, omissão, amplificação e compensação. Isso acontece porque o tradutor tem mais liberdade para alterar a estrutura, adicionar explicações ou ajustar o texto para que seja mais eficaz no novo contexto cultural e linguístico, sem a necessidade de manter a estrutura gramatical ou terminológica do original.

A adaptação, por exemplo, constitui uma técnica essencial dentro deste enquadramento, porque permite ao tradutor ajustar ou transformar elementos culturais do texto de partida de modo a torná-los mais compreensíveis e pertinentes para o público-alvo. Essa técnica revela o caráter interpretativo e criativo do ato tradutivo, uma vez que exige do tradutor a capacidade de reconhecer diferenças culturais e de as converter em equivalências funcionais.

O conceito de *Equivalência Dinâmica*, proposto por Nida (1964) relaciona-se diretamente com este tipo de abordagem. Para Nida, o objetivo da tradução não é a correspondência literal entre palavras, mas a produção de um efeito comunicativo equivalente ao do texto original no leitor da língua de chegada. Assim, técnicas como a modulação e a expansão tornam-se instrumentos privilegiados para concretizar essa equivalência, permitindo ao tradutor ajustar a estrutura, o tom e, quando necessário, o próprio conteúdo do texto, de forma a preservar o sentido e a naturalidade no novo idioma.

A modulação poderia ser usada para mudar o ponto de vista ou a perspectiva da frase original, enquanto a expansão poderia ser aplicada para adicionar mais contexto explicativo, sempre com o objetivo de garantir que o público-alvo compreenda a intenção do texto original. Da mesma forma, a *Equivalência Formal*, que visa manter a fidelidade à forma do texto original, pode ser associada a técnicas como calque e tradução literal,

que tentam reproduzir o conteúdo da forma mais precisa possível, sem grandes adaptações.

Em suma, a interseção entre os métodos e as técnicas de tradução é dinâmica: os métodos fornecem a abordagem geral que o tradutor deve adotar, enquanto as técnicas são as estratégias concretas usadas para implementar essa abordagem, com o tradutor escolhendo as técnicas mais adequadas conforme o método escolhido e as características do texto a ser traduzido. As técnicas são, portanto, o meio pelo qual os métodos de tradução se tornam aplicáveis em contextos específicos de tradução.

Apesar de as autoras não proporem propriamente novos métodos de tradução, a sua compilação das abordagens existentes revelou-se essencial para o enquadramento teórico deste estudo. A sistematização que apresentam permite compreender de forma mais clara as diferentes correntes e princípios que orientam a prática tradutiva, evidenciando como cada método reflete uma determinada visão sobre o papel do tradutor e sobre a relação entre texto de partida e texto de chegada. Ao reunir contributos dispersos de vários autores, as autoras oferecem uma visão global e estruturada do campo, que funciona como ponto de partida para a análise das técnicas de tradução.

Este enquadramento foi particularmente útil para a compreensão do próprio artigo, uma vez que os métodos apresentados servem como base conceptual para a proposta das autoras. Ao identificar a origem e a lógica subjacente a cada método, tornou-se mais fácil perceber de que modo as autoras reformulam a noção de técnica e a organizam de forma mais operacional. A leitura dos métodos ajudou, assim, a clarificar a intenção das autoras: não criar categorias, mas estabelecer pontes entre as abordagens teóricas já existentes e a prática efetiva da tradução.

A partir dessa compreensão, a tabela que se segue foi fundamental para consolidar o entendimento das relações entre métodos e técnicas e, por consequência, para aplicar esse conhecimento à análise das traduções da obra em estudo. A sistematização apresentada pelas autoras serviu como base sólida para identificar, comparar e justificar as opções tradutivas observadas. Desse modo, o estudo das autoras funcionou não apenas como uma referência teórica, mas como uma ferramenta metodológica que orientou a reflexão crítica sobre o processo tradutivo ao longo deste trabalho.

Na tabela 2 (pág. 19) são apresentados os métodos de tradução identificados pelas autoras:

Tabela 2: Métodos de Tradução

<b>Métodos de Tradução</b>	
1. Equivalência Dinâmica	procura transmitir o significado de forma natural no TT, focando-se mais na função do que na forma do ST.
2. Equivalência Formal	mantém uma correspondência mais próxima à forma e estrutura do ST, sem grande liberdade na adaptação ao TT.
3. Tradução Contextual	leva em conta o contexto do texto e do público-alvo para garantir uma tradução adequada.
4. Tradução Funcionalista	considera o propósito e a função do texto no TT, ajustando a tradução às necessidades do público-alvo e contexto.
5. Tradução Intercultural	envolve a adaptação de um texto de uma cultura para outra, considerando as diferenças culturais.
6. Tradução Interlingual	envolve a tradução de um idioma para outro, ou seja, entre diferentes línguas.
7. Tradução Literal	procura traduzir palavra por palavra ou expressão por expressão, com o mínimo de alteração possível na forma original do texto.
8. Tradução Livre	o tradutor pode adaptar livremente o conteúdo, focando-se no significado e contexto, em vez da tradução literal.

A apresentação destes métodos permite compreender o enquadramento teórico a partir do qual Molina e Albir constroem a sua proposta de técnicas de tradução, evidenciando as diferentes formas de conceber a relação entre texto de partida e texto de chegada. A diversidade de abordagens reunidas demonstra que a prática tradutiva resulta sempre de escolhas conscientes, condicionadas por objetivos, contextos e públicos distintos. Este quadro metodológico torna-se, assim, essencial para a análise que se seguirá, uma vez que fornece as bases para a identificação e interpretação das estratégias tradutivas aplicadas na tradução da obra em estudo, permitindo uma leitura objetiva das opções do tradutor e dos seus efeitos no texto final.

## **CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

---

A tradução literária é um campo complexo e multifacetado que envolve não apenas a transposição de palavras de uma língua para outra, mas também a preservação da essência, do estilo e do impacto emocional da obra original. Através da tradução literária, o tradutor torna-se um mediador entre culturas, criando uma ponte que permite que leitores de diferentes idiomas tenham acesso a obras que, de outra forma, estariam inacessíveis (Guerini, 2008; Venuti, 2008).

Este processo exige uma sensibilidade única, porque o tradutor não só deve compreender o texto original de forma profunda, mas também deve ser capaz de transmitir, de forma fiel, as nuances de significado e as características estilísticas do autor. Ao considerar a tradução literária, é importante compreender que este tipo de tradução não pode ser tratado da mesma forma que a tradução técnica ou científica, onde a precisão e a clareza são as principais preocupações (Munday, 2016; Sun, 2022). Como defende Nord (1992), a tradução literária exige que o tradutor analise não só o conteúdo linguístico, mas também o contexto, o propósito do texto e o efeito pretendido sobre o leitor.

A tradução literária lida com textos criativos, muitas vezes com grande complexidade linguística e estilística, e exige do tradutor a capacidade de recriar um texto que não só seja fiel ao original em termos de conteúdo, mas que também capte a atmosfera e a estética da obra. O tradutor literário é, assim, não apenas um técnico, mas também um artista, capaz de imergir no universo criado pelo autor e de encontrar as palavras certas para evocar as mesmas emoções e imagens no leitor da língua-alvo (Berman, 1999; Eco, 2006). Essa dimensão criativa é essencial para manter o valor literário da obra, sobretudo quando o estilo é indissociável do conteúdo.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos tradutores literários é a questão da equivalência cultural. Muitas vezes, o texto original contém referências a conceitos, costumes, expressões idiomáticas ou realidades sociais que não têm uma correspondência direta na língua de chegada. Por exemplo, uma expressão popular ou uma prática cultural específica pode não ter uma tradução exata em outro idioma. Nesses casos, o tradutor precisa encontrar uma solução que, embora possa não ser uma tradução literal, consiga transmitir o significado e o impacto da expressão ou conceito original. Isso pode envolver o uso de adaptações, explicações ou até mesmo a criação de novas expressões na língua-alvo (L. Molina & A. Albir, 2002). Como observa Venuti (2008), este tipo de intervenção implica sempre escolhas ideológicas e culturais, que tornam o tradutor visível no texto.

Outro desafio importante na tradução literária é a questão da fidelidade ao estilo do autor. Cada escritor tem uma voz única, um estilo próprio de expressão, e o tradutor deve ser capaz de capturar essas características, respeitando a originalidade do autor enquanto faz a transposição para outra língua. Isso é particularmente desafiador quando se trata de autores que utilizam jogos de palavras, trocadilhos ou estruturas linguísticas complexas que são intrinsecamente ligadas à língua original. Em alguns casos, a solução para preservar o estilo do autor pode envolver uma adaptação criativa, que mantenha a essência da obra, mas que ao mesmo tempo seja compreensível e eficaz na língua de chegada (Munday, 2016; Nord, 1992).

A tradução literária também levanta questões sobre a relação entre o texto e o leitor. O tradutor deve ter em mente não apenas o autor original, mas também o público-alvo da tradução. Cada língua tem suas próprias convenções linguísticas, estéticas e preferências de leitura, e o tradutor deve adaptar o texto para garantir que ele seja bem recebido no contexto cultural e literário da língua-alvo. Isso significa que o tradutor deve estar ciente das expectativas do leitor, enquanto se esforça para manter a integridade da obra original. Em alguns casos, isso pode envolver o ajuste de certas escolhas de palavras ou estruturas, mas sempre com o objetivo de preservar o significado e o impacto do texto original (Nord, 1992; Sun, 2022). A noção de “adequação”, amplamente trabalhada por autores funcionalistas, é central para lidar com esta tensão entre fidelidade e recepção (L. Molina & A. Albir, 2002).

Em muitas situações, a tradução literária também se envolve com a noção de “fidelidade”, um conceito que pode ser interpretado de várias maneiras. A fidelidade à língua de origem não significa necessariamente uma correspondência palavra por palavra; em vez disso, refere-se a uma fidelidade ao espírito da obra, à intenção do autor e à experiência que o leitor deve ter ao ler o texto. No entanto, alcançar essa fidelidade pode ser um desafio, porque o tradutor deve equilibrar as tarefas de precisão com as de adaptação e fluidez no idioma de chegada. Em alguns casos, a fidelidade pode envolver escolhas difíceis, como manter um significado específico enquanto se altera a estrutura ou o estilo da frase para garantir que o texto funcione bem na língua-alvo (Berman, 1999).

Além disso, a tradução literária também é influenciada por fatores históricos e políticos. Em muitos casos, uma obra pode ser traduzida em momentos diferentes da sua história, o que pode afetar a maneira como é interpretada e apresentada ao público. Por exemplo, um tradutor pode ser influenciado por tendências literárias ou por normas sociais

específicas da sua época, o que pode resultar em diferentes interpretações de uma mesma obra ao longo do tempo (Sun, 2022; Venuti, 2008). Em alguns casos, as traduções podem refletir ideologias ou perspectivas particulares, que podem colorir a maneira como o texto original é transmitido. Isso levanta questões importantes sobre a natureza da tradução literária e sobre o papel do tradutor como intermediário cultural e ideológico.

Para além das questões técnicas, estilísticas e culturais, a tradução literária é também um processo profundamente subjetivo. O tradutor, como leitor da obra original, traz consigo as suas próprias interpretações, emoções e experiências, que inevitavelmente influenciam sua escolha de palavras e a maneira como ele transmite a mensagem do autor. Isso pode levar a variações na tradução, dependendo da sensibilidade e da perspectiva do tradutor. Algumas traduções podem enfatizar certos aspetos da obra, enquanto outras podem oferecer uma interpretação mais pessoal ou única do texto. Esse carácter subjetivo da tradução literária pode ser uma força ou uma fraqueza, dependendo do ponto de vista. Por um lado, permite que a tradução seja enriquecida pelas percepções e *insights* do tradutor; por outro lado, pode resultar numa perda de fidelidade à intenção original do autor (Berman, 1999).

A importância da tradução literária não pode ser subestimada. Ela desempenha um papel crucial na disseminação da literatura e na promoção do intercâmbio cultural entre diferentes nações e culturas. Sem a tradução, muitas das grandes obras da literatura mundial seriam inacessíveis a leitores que não dominam a língua original (Eco, 2006; Venuti, 2008). A tradução permite que ideias, histórias e pensamentos de autores de diferentes partes do mundo sejam compartilhados e compreendidos por uma audiência global. Além disso, a tradução literária pode ajudar a construir pontes entre diferentes culturas, promovendo o entendimento mútuo e a apreciação de diferentes formas de expressão artística.

Em suma, a tradução literária é um campo que exige uma combinação de competências técnicas e criativas, além de uma profunda sensibilidade cultural e literária. O tradutor deve ser capaz de navegar pelas complexidades da linguagem, mantendo a integridade da obra original, enquanto adapta o texto para a língua de chegada de uma maneira que seja fluída e eficaz. A tradução literária não é apenas uma tarefa de transposição de palavras, mas um processo de recriação, que envolve uma interpretação pessoal do texto e um esforço para transmitir a experiência estética e emocional que a obra original proporciona.

O tradutor literário, enquanto mediador entre diferentes mundos linguísticos e culturais, desempenha um papel fundamental na preservação e promoção da diversidade literária, contribuindo para o diálogo entre tradições e para a construção de um entendimento mais profundo entre leitores de culturas distintas. A tradução literária é um campo particularmente complexo, que exige do tradutor não apenas competência técnica, mas também sensibilidade estética e criatividade interpretativa. Traduzir literatura implica lidar com escolhas que transcendem o nível lexical, afetando o ritmo, o tom, o estilo e as conotações culturais do texto. Cada decisão tradutiva envolve um equilíbrio delicado entre fidelidade e recriação, exigindo do tradutor a capacidade de transferir não só o conteúdo, mas também a voz e a atmosfera que tornam o texto literário singular.

Christiane Nord, uma das teóricas mais influentes na área da tradução, propõe uma abordagem funcional à tradução, na qual enfatiza a importância da “equivalência funcional” e da análise do contexto em que a tradução será realizada (Nord, 1992). Através dessa perspectiva, é possível entender que a tradução literária não deve ser apenas uma transposição de palavras de uma língua para outra, mas um processo de adaptação que preserva a função e o efeito do texto original, respeitando as diferenças culturais e as convenções da língua de chegada. O primeiro desafio que se coloca ao tradutor literário é o de lidar com as diferenças linguísticas e culturais entre a língua de origem e a língua de chegada. Cada idioma possui sua própria estrutura, vocabulário e formas de expressão que são intrinsecamente ligadas à cultura que o utiliza.

## 2.1 Tradução Literária

Quando se trata de tradução literária, é necessário que o tradutor, além de entender profundamente o texto original, seja capaz de transmitir as nuances culturais que estão subjacentes a esse texto. Christiane Nord propõe que a tradução deve ser vista como uma “atividade orientada para um propósito” (Nord, 1992), o que implica que o tradutor deve considerar o impacto da obra na língua de chegada e adaptá-la para que cumpra a mesma função que o texto original desempenha na cultura de origem. Esta abordagem aproxima-se da visão de Jakobson (1959), que afirma que, numa tradução interlingual, o essencial não é a equivalência lexical ou gramatical, mas sim a equivalência de sentido, ou seja, a reprodução da mensagem de forma eficaz na língua de chegada. Para ele, "a equivalência na tradução não é a equivalência de palavras, mas de mensagens".

As expressões idiomáticas são um exemplo claro das dificuldades que surgem devido às diferenças culturais e linguísticas. Estas expressões são, muitas vezes, profundamente enraizadas na cultura de origem e podem não ter um equivalente direto em outra língua. Jakobson sublinha que “não há sinónimos perfeitos entre línguas”, o que significa que o tradutor terá inevitavelmente de recorrer à reformulação criativa para preservar o sentido e a intenção da mensagem (Jakobson, 1959). Para Nord, um dos principais aspetos do processo tradutivo é precisamente a procura por equivalência funcional, ou seja, o tradutor deve tentar criar um efeito semelhante no público da língua de chegada, mesmo que isso signifique adaptar ou até substituir uma expressão idiomática por outra mais compreensível no novo contexto cultural (Nord, 1992). Esta noção é reforçada por (L. Molina & A. Albir, 2002), que defendem que a adequação textual deve prevalecer sobre a correspondência formal quando se trata de alcançar o objetivo comunicativo do texto.

Este processo exige sensibilidade cultural e uma profunda compreensão do significado subjacente de cada expressão no contexto original. Venuti (2008) sublinha, aliás, que o tradutor é inevitavelmente um agente cultural, cujas escolhas contribuem para moldar a receção do texto traduzido, tornando visível a mediação cultural envolvida.

Outro desafio relevante na tradução literária é a preservação do estilo do autor. O estilo literário é uma das marcas mais distintivas de uma obra e deve ser cuidadosamente mantido durante a tradução. Christiane Nord argumenta que, ao traduzir, o tradutor deve prestar atenção não apenas ao conteúdo do texto, mas também ao seu tom, ritmo e voz

narrativa. A tradução literária não deve ser uma simples transposição de palavras, mas uma reinterpretação que tenta reproduzir o impacto emocional e estético do texto original, respeitando a intenção do autor (Nord, 1992). Nesse sentido, Umberto Eco (2006) acrescenta que traduzir é dizer “quase a mesma coisa” reconhecer que a literalidade é muitas vezes insuficiente para transmitir os efeitos estilísticos e retóricos do original, e que é necessária uma recriação guiada pela intenção. No entanto, essa fidelidade ao estilo nem sempre é fácil de alcançar, sobretudo quando o autor utiliza técnicas complexas, como neologismos ou jogos de palavras. Nestes casos, o tradutor precisa encontrar soluções criativas que equilibrem o respeito pelo original com a inteligibilidade e fluidez na língua de chegada. Antoine Berman (1999) também aborda esta tensão, alertando para o risco da “traição etnocêntrica” isto é, a tendência para apagar a alteridade do texto original na tentativa de o adaptar à cultura de chegada.

A fidelidade à obra original é, de facto, uma questão central na tradução literária. Para Nord, essa fidelidade não deve ser entendida como uma equivalência palavra por palavra, mas como a manutenção da função do texto, do seu significado essencial e do impacto sobre o leitor. A equivalência funcional, tal como proposta por Nord, sugere que o tradutor deve considerar o efeito que o texto original produz na cultura de partida e tentar reproduzi-lo da forma mais adequada possível na cultura de chegada (Nord, 1992). Munday (2016) observa que este tipo de abordagem permite uma maior flexibilidade ao tradutor, sem sacrificar a integridade da obra.

A equivalência cultural é particularmente importante em tradução literária, porque o tradutor frequentemente se depara com referências específicas que são intrinsecamente ligadas ao contexto original. Essas referências podem ser desconhecidas ou irrelevantes para o leitor da língua de chegada, exigindo do tradutor decisões criteriosas sobre como adaptar ou substituir esses elementos para garantir a acessibilidade e a eficácia comunicativa do texto. Nord (1992) enfatiza que o tradutor deve sempre ter em mente o propósito da tradução e a função que o texto irá desempenhar na cultura-alvo.

De acordo com a mesma autora, a subjetividade da tradução literária não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma oportunidade para enriquecer o texto traduzido. O tradutor, como leitor da obra original, traz para a tradução uma visão própria, que pode agregar valor ao processo de recriação textual. No entanto, a autora também adverte que o tradutor deve manter um equilíbrio, evitando que a sua interpretação pessoal se sobreponha à intenção do autor (Nord, 1992). Essa reflexão é partilhada por Berman

(1999), que reconhece a inevitabilidade de uma marca pessoal na tradução, mas alerta para a importância de respeitar a alteridade do texto original.

Além das questões linguísticas, culturais e subjetivas, a tradução literária também pode ser influenciada por pressões comerciais e editoriais. O tradutor literário muitas vezes enfrenta a pressão de adaptar o texto para torná-lo mais atrativo para o público da língua de chegada ou para satisfazer as exigências do mercado editorial. Essas pressões podem resultar em alterações que afetem a fidelidade ao texto original. Nord sugere que o tradutor deve ser consciente dessas pressões, mas também procurar manter a integridade da obra, sem sacrificar a qualidade da tradução para cumprir convenções comerciais (Nord, 1992). Venuti (2008) vai mais longe, denunciando a invisibilização do tradutor em prol de uma fluência artificial que disfarça o trabalho de mediação cultural.

Em suma, a tradução literária é um processo complexo e multifacetado que envolve uma série de desafios, desde as dificuldades linguísticas até às questões culturais e estilísticas. Christiane Nord, ao apresentar a teoria da equivalência funcional, oferece uma abordagem valiosa para lidar com esses desafios, enfatizando a importância de considerar o propósito da tradução e a função do texto na cultura de chegada. Jakobson, por sua vez, reforça que o centro do processo não está nas palavras, mas nas mensagens e que, muitas vezes, é necessário abandonar a forma para conservar o sentido. O tradutor literário deve ser sensível às nuances culturais e linguísticas do texto original, enquanto procura criar uma tradução que seja fluída, eficaz e fiel ao espírito da obra. A tradução literária, portanto, não é apenas um ato de transposição, mas um processo de recriação que exige uma combinação de competências técnicas, sensibilidade estética e consciência cultural.

## **a. Problemas e Desafios na Tradução Literária**

A tradução literária enfrenta múltiplos problemas e desafios que vão além da simples transferência de palavras de uma língua para outra. Este processo complexo envolve a adaptação de contextos culturais, a preservação da essência estilística do autor e a manutenção do impacto emocional sobre o leitor.

No caso de Jon Fosse, escritor norueguês laureado com o Prémio Nobel da Literatura, a singularidade do seu estilo representa um exemplo paradigmático destes desafios. Fosse utiliza uma linguagem minimalista, repetitiva e carregada de nuances que reflete não só o ritmo da fala quotidiana, mas também um certo misticismo existencial. A tradução da sua obra exige, portanto, uma atenção meticulosa aos detalhes e uma sensibilidade apurada para reproduzir o efeito emocional e o fluxo hipnótico que caracteriza a sua escrita (Searls, 2023).

Fosse trabalha de perto com o seu tradutor principal, Damion Searls, que é responsável pela maior parte das suas traduções para o inglês. Este nível de colaboração garante uma interpretação fiel do estilo único do autor e ajuda a mitigar os desafios que surgem na transposição do seu trabalho para outras línguas. A partir das entrevistas com o tradutor Damion Searls e do próprio autor Jon Fosse verifica-se que a colaboração entre autor e tradutor é extensa: Searls aprendeu norueguês para ler o original e Fosse reviu rascunhos da tradução, o que revela um esforço consciente para preservar o ‘ritmo’ e a ‘música’ da prosa de Fosse no inglês (Searls, 2022).

Umberto Eco, teórico e escritor italiano, contribuiu significativamente para a compreensão dos desafios da tradução literária (Eco, 1979). Eco argumenta que traduzir é, acima de tudo, um processo de negociação entre fidelidade ao texto original e adaptação ao contexto cultural da língua de chegada. Segundo Eco, a tradução perfeita é uma utopia; não se trata de dizer exatamente a mesma coisa, mas de recriar o efeito que o texto original produz no seu leitor.

Para isso, o tradutor deve considerar não apenas o significado literal das palavras, mas também as suas conotações, o estilo do autor, as referências culturais e até as expectativas do público-alvo. Este equilíbrio delicado torna-se ainda mais desafiante quando se trata de traduzir literatura, onde a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas

também um fim em si mesma. Eco enfatiza a importância do contexto e da interpretação no processo tradutivo, sublinhando que cada escolha feita pelo tradutor implica uma perda e um ganho, um compromisso inevitável.

No âmbito da tradução literária, um dos problemas centrais é a transferência de elementos culturais. Textos literários estão frequentemente imersos em especificidades culturais que podem ser desconhecidas ou incompreensíveis para leitores de outra língua. Este desafio requer que o tradutor encontre formas de transmitir essas referências culturais sem comprometer a compreensão do leitor.

Por exemplo, na obra de Jon Fosse, a paisagem e a atmosfera da Noruega desempenham um papel crucial na criação do ambiente emocional das suas histórias. Traduzir estas descrições envolve não apenas a seleção de palavras adequadas, mas também a manutenção de uma sensação de isolamento e introspeção que é característica. A utilização de termos específicos ou mesmo de estruturas gramaticais incomuns pode ser necessária para capturar o espírito da obra original.

Outro desafio importante é a preservação do estilo e da voz do autor. Cada escritor tem uma maneira única de utilizar a linguagem, que pode incluir jogos de palavras, aliterações, repetições ou uma sintaxe distintiva. Na tradução de Jon Fosse, a repetição deliberada e a simplicidade do vocabulário são elementos centrais que criam um ritmo quase musical. No entanto, o que pode soar natural em norueguês pode parecer artificial ou monótono noutra língua. O tradutor deve, portanto, encontrar soluções criativas para manter o efeito estilístico sem alienar o leitor.

Eco sublinha que este processo é sempre subjetivo, uma vez que as decisões do tradutor são influenciadas pela sua própria compreensão do texto original e pelas suas competências linguísticas e culturais. Além disso, a tradução literária enfrenta o desafio de lidar com ambiguidades e polissemias. Muitas obras literárias exploram o poder sugestivo da linguagem, criando significados múltiplos ou contraditórios. O tradutor deve decidir a qual dessas interpretações dar prioridade, o que pode alterar significativamente a experiência de leitura. Para Umberto Eco, esta é uma das razões pelas quais a tradução não pode ser considerada uma mera atividade mecânica, mas um ato criativo que requer interpretação e análise.

Na leitura aqui realizada, Eco (2006), sublinha a importância de procurar respeitar a intenção comunicativa do autor, ainda que reconheça que essa intenção nem sempre é

clara, estável ou totalmente recuperável pelo tradutor. A tradução, nesse sentido, torna-se um exercício de interpretação, em que o tradutor tenta reconstruir o sentido possível, não o sentido absoluto. Tal como defende Venuti (2008), a receção da obra traduzida é um fator decisivo e não pode ser dissociada do contexto cultural que a acolhe: um texto literário traduzido deve ser legível e natural para o público da língua de chegada, mas sem apagar as marcas da sua origem.

A tensão entre naturalidade e visibilidade do ato tradutivo é, portanto, inevitável e é precisamente neste equilíbrio que reside a qualidade de uma boa tradução literária. No entanto, há situações em que a estranheza do texto fonte é intencionalmente preservada, de modo a conservar a sua singularidade estilística e cultural. Como observa Venuti (2008), a manutenção da diferença ou *foreignization* pode ser uma estratégia consciente para resistir à domesticação e à homogeneização cultural.

Na obra de Jon Fosse, por exemplo, esta tensão entre estranheza e familiaridade torna-se especialmente evidente: o estilo minimalista e repetitivo do autor desafia a fluidez natural da língua de chegada, exigindo do tradutor um equilíbrio delicado entre legibilidade e fidelidade. Eco (2006) sublinha que traduzir implica sempre uma negociação entre a clareza comunicativa e o respeito pela estrutura e ritmo do texto original, sendo impossível atingir ambas plenamente.

Por outro lado, é importante reconhecer que o processo de tradução literária não se desenrola num vácuo ideal. Como nota Pym (2012) fatores externos como prazos editoriais, limitações contratuais ou pressões do mercado influenciam inevitavelmente as decisões do tradutor. Estas condições podem comprometer a profundidade do trabalho tradutivo, conduzindo a soluções mais rápidas, menos refletidas ou mesmo divergentes da intenção autoral. Assim, a prática tradutiva situa-se entre a ética e a economia, entre o ideal estético e as exigências concretas do sistema literário.

Como defende Eco (2006) o processo tradutivo requer tempo, reflexão e um envolvimento profundo com o texto de partida. A tradução literária não se limita à aplicação de técnicas, mas constitui um exercício criativo em que arte e método se entrecruzam. Traduzir implica compreender o ritmo, a voz e a intencionalidade do autor, exigindo do tradutor uma combinação rara de competência linguística, sensibilidade cultural e imaginação interpretativa.

Este processo, inevitavelmente complexo, traduz a própria natureza da literatura, que vive de ambiguidades, de camadas de sentido e de múltiplas possibilidades de leitura. Assim, cada desafio enfrentado na tradução literária é também um reflexo da sua riqueza: a dificuldade de traduzir é, em última instância, um sinal da vitalidade e profundidade do texto original.

## **b. Problemas e Desafios na Tradução de Textos de Saúde Mental**

A tradução de textos sobre saúde mental apresenta uma série de desafios únicos que exigem não apenas um conhecimento técnico específico, mas também uma sensibilidade cultural e ética profunda. A saúde mental, como campo interdisciplinar, envolve uma linguagem que não só é técnica, mas também profundamente ligada à experiência humana, às emoções e aos contextos sociais e culturais. Quando estes textos são traduzidos, o tradutor precisa lidar com um conjunto complexo de questões que envolvem precisão científica, clareza emocional e a capacidade de transmitir nuances culturais e linguísticas.

Neste processo, o tradutor assume um papel central como mediador intercultural e social, sendo responsável não apenas pela transferência linguística, mas também pelo impacto que o texto terá na comunidade de chegada. Como defende Pym (2012), o tradutor tem uma “responsabilidade ética” na construção de pontes entre contextos culturais e sociais, especialmente em domínios sensíveis como o da saúde. Esta perspectiva é reforçada por Baker (2018), que considera que as escolhas do tradutor moldam os discursos que circulam nas sociedades, influenciando a forma como temas delicados, como os relacionados com a saúde mental, são percebidos.

Um dos primeiros desafios na tradução de textos sobre saúde mental é a questão da terminologia técnica. A saúde mental constitui um campo vasto, interdisciplinar e em constante evolução, no qual coexistem conceitos provenientes da medicina, psicologia, psiquiatria, neurociência e das ciências sociais. Cada uma dessas áreas contribui com uma terminologia própria, muitas vezes com nuances semânticas que variam consoante o enquadramento teórico e cultural. Traduzir textos deste domínio exige, portanto, não apenas competência linguística, mas também um conhecimento sólido da terminologia especializada e da sua utilização nos contextos clínico e acadêmico.

A coerência terminológica é um dos pilares da tradução especializada. Como afirma Munday (2016) a consistência terminológica é essencial para a credibilidade de qualquer texto técnico, uma vez que a ambiguidade ou a variação indevida de termos pode comprometer a clareza da comunicação e no caso da saúde mental pode afetar diretamente

a precisão da informação clínica. Contudo, esta coerência não se aplica apenas dentro de um único texto, mas deve estender-se entre textos pertencentes ao mesmo domínio, de forma a garantir uniformidade conceptual e terminológica em toda a produção escrita desse campo.

Em tradução técnica fala-se frequentemente de coerência intertextual, isto é, a manutenção sistemática de um mesmo termo e conceito ao longo de diferentes textos, como relatórios médicos, artigos científicos, manuais clínicos ou diretrizes institucionais. Esta consistência é crucial para assegurar a fiabilidade da comunicação entre profissionais, investigadores e instituições, evitando mal-entendidos que possam ter implicações práticas graves, sobretudo quando se trata de diagnósticos, tratamentos ou políticas públicas.

Apesar disso, a tradução terminológica na área da saúde mental apresenta desafios adicionais devido às variações culturais e epistemológicas que moldam a forma como os diferentes sistemas de saúde conceptualizam o sofrimento psíquico. Termos como *depression, anxiety disorder ou personality disorder*, por exemplo, possuem equivalentes em português, mas os seus contornos semânticos e clínicos nem sempre coincidem totalmente, refletindo diferentes tradições médicas e perceções sociais da doença mental.

Além disso, alguns conceitos são culturalmente carregados, o que significa que a sua tradução exige uma compreensão profunda das representações culturais do sofrimento e da normalidade. O tradutor, neste contexto, deve agir como mediador intercultural, capaz de reconhecer as especificidades terminológicas de cada sistema e de encontrar soluções linguísticas que preservem a exatidão técnica sem perder a sensibilidade cultural.

Traduzir textos sobre saúde mental é, portanto, um exercício de equilíbrio entre fidelidade terminológica e adequação cultural. O tradutor deve garantir a consistência e a precisão próprias do discurso técnico, mas também considerar a dimensão humana e simbólica que acompanha o discurso sobre o sofrimento psíquico. A terminologia, longe de ser apenas uma questão linguística, reflete visões do mundo, valores sociais e conceções de saúde e doença e é precisamente essa complexidade que torna a tradução neste domínio uma tarefa tão exigente quanto essencial.

A tradução de terminologia relacionada com a saúde mental coloca desafios particulares devido à natureza culturalmente situada do discurso psiquiátrico. Muitos termos usados em psicologia ou psiquiatria possuem conotações que ultrapassam o seu valor técnico,

transportando consigo representações sociais da doença, do desvio e da identidade. Um termo que, na língua de partida, tem um significado relativamente estável e partilhado entre especialistas pode, na língua de chegada, não dispor de um equivalente que reflita simultaneamente o mesmo alcance conceptual e a mesma carga simbólica. Essa discrepância conduz, frequentemente, a soluções tradutivas que reduzem a complexidade semântica ou apagam traços ideológicos do texto original. Como defende Lawrence Venuti (2008), o tradutor não é um agente neutro, e a sua atuação envolve sempre uma escolha entre tornar-se “invisível”, isto é, adaptar o texto às normas culturais e linguísticas da língua de chegada, ou assumir a sua “visibilidade” enquanto mediador consciente das diferenças culturais.

No contexto da saúde mental, esta visibilidade adquire um valor particular: o tradutor pode optar por manter termos que revelem a especificidade conceptual da cultura de partida, por exemplo, expressões que designam estados emocionais ou perturbações mentais sem correspondência direta em português, permitindo que o leitor perceba o modo como cada sociedade constrói e nomeia o sofrimento psíquico. Essa decisão, embora possa exigir notas, explicações ou uma menor fluidez textual, preserva a integridade cultural do discurso e evita uma domesticação que o diluiria nas categorias da língua de chegada.

Deste modo, a “visibilidade” do tradutor, tal como a entende Venuti, converte-se num gesto ético e epistemológico: ao invés de esconder as diferenças, torna-as legíveis e promove a compreensão intercultural. Pym (2012) reforça esta perspetiva ao salientar que a responsabilidade do tradutor reside precisamente na sua capacidade de avaliar as consequências comunicativas e culturais das suas escolhas. Traduzir, especialmente em domínios sensíveis como o da saúde mental, implica decidir não apenas o que é linguística e semanticamente adequado, mas também o que é social e eticamente responsável, prevenindo simplificações que possam perpetuar estigmas ou distorcer conceitos clínicos.

Nessa linha, Schaeffner (2004) adverte que, ao lidar com discursos ideologicamente carregados, o tradutor deve estar atento às implicações normativas das palavras que escolhe, uma vez que cada termo pode reproduzir ou desafiar visões dominantes sobre o sofrimento, o género, a sanidade e a marginalidade. Traduzir textos sobre saúde mental é, portanto, um exercício de reflexão crítica: exige sensibilidade para captar as dimensões simbólicas e culturais do discurso, consciência do poder que as palavras exercem sobre a forma como o sujeito é compreendido e, acima de tudo, a coragem de assumir uma

posição tradutiva que preserve a complexidade ética, linguística e humana do texto original.

Além disso, a linguagem médica é frequentemente densa, marcada por jargão técnico e expressões que podem parecer desumanizante se forem transpostas de forma literal. Traduzir saúde mental exige, por isso, mais do que precisão terminológica: requer empatia linguística. Eco (2006) lembra que traduzir é sempre um exercício de aproximação, de tentativa de dizer “quase a mesma coisa”, e nunca uma transposição exata. No caso da saúde mental, essa tentativa implica cuidar do tom, da sensibilidade do discurso e das suas implicações para o leitor da língua de chegada.

Assim, o trabalho do tradutor, neste contexto, não é apenas técnico, mas profundamente ético e político, uma vez que está envolvido na construção de sentidos que influenciam a forma como a saúde mental é compreendida e representada numa nova cultura. Como aponta Pym (2012), o tradutor não atua num vácuo, mas dentro de sistemas sociais e ideológicos nos quais as suas escolhas têm consequências reais. A tradução de textos sobre saúde mental deve, portanto, ser abordada com uma consciência crítica das implicações culturais, terminológicas e emocionais do texto, respeitando tanto o rigor técnico como a dignidade humana que lhe está subjacente.

A tradução de um texto técnico sobre saúde mental exige que o tradutor tenha um conhecimento profundo tanto da língua de origem quanto da língua de chegada, bem como compreensão das teorias e abordagens subjacentes nas áreas de psicologia, psiquiatria e terapia. Isso é particularmente importante quando se traduzem textos que envolvem descrições de condições psiquiátricas ou terapêuticas, como perturbação de ansiedade, depressão ou esquizofrenia. O tradutor deve ser capaz de escolher palavras que não apenas comuniquem os conceitos de forma precisa, mas que também sejam compreensíveis e acessíveis para os profissionais de saúde ou pacientes da língua de chegada.

Outro desafio significativo na tradução de textos sobre saúde mental é o de lidar com as diferentes abordagens culturais e sociais sobre a saúde mental. A forma como as perturbações mentais são compreendidas, abordadas e tratadas pode variar bastante entre diferentes culturas e sistemas de saúde. Por exemplo, a concepção de saúde mental em muitas culturas ocidentais é frequentemente influenciada por modelos médicos e biomédicos, enquanto em algumas culturas não ocidentais, a saúde mental pode ser vista

sob uma ótica mais holística, espiritual ou comunitária. Esses diferentes sistemas de crenças podem levar a diferentes interpretações e terminologias para doenças mentais e tratamentos. É importante também que o tradutor compreenda as implicações éticas e sensíveis que a tradução de textos sobre saúde mental envolve (Costa, 2025)

No contexto da obra de João Carlos Melo, que trata de questões complexas relacionadas à perturbação de personalidade *borderline*, podemos perceber uma reflexão que se alinha com essa variabilidade cultural (Melo, 2021). A perturbação de personalidade *borderline* (PBP) é frequentemente estigmatizada, especialmente em sociedades onde a saúde mental não é amplamente compreendida ou discutida. Em muitas culturas, a experiência do sofrimento emocional e a instabilidade comportamental associada ao PBP são vistas como fraquezas pessoais ou até como falhas morais, o que pode resultar em marginalização social e tratamento inadequado. A sociedade pode ter dificuldade em entender essas condições, considerando-as como "irracionais" ou "desviantes", o que intensifica o estigma e a exclusão social daqueles que sofrem. Isso é particularmente verdadeiro em sociedades que enfatizam normas rígidas de comportamento e onde a saúde mental é, muitas vezes, tratada como tabu.

A maneira como essas pessoas são vistas pode variar conforme o contexto social, o que pode agravar ou atenuar os sintomas e os desafios enfrentados. O sofrimento dessas pessoas é, muitas vezes, exacerbado pela falta de compreensão ou pelo estigma social associado a essas condições. O meio envolvente em que cada ser humano está inserido também desempenha um papel crucial no desenvolvimento de doenças mentais. O ambiente familiar, social e cultural pode predispor um indivíduo a certas condições mentais, sendo fatores de risco que, muitas vezes, estão ligados à adversidade e ao trauma.

Em muitas culturas, o sofrimento emocional é minimizado ou desvalorizado, especialmente quando está relacionado a experiências de trauma. A resiliência pode ser incentivada, mas o reconhecimento das dificuldades emocionais de um indivíduo pode ser negligenciado. O meio envolvente, incluindo fatores como a educação, a estabilidade emocional, a classe social e o apoio familiar, pode ser determinante para a manifestação e o desenvolvimento de doenças mentais.

A falta de acesso a cuidados de saúde mental de qualidade e a marginalização das pessoas que sofrem de doenças mentais pode resultar em consequências graves, como o agravamento dos sintomas, o aumento do risco de suicídio ou a incapacidade de lidar com

o sofrimento de maneira eficaz. No entanto, ao longo da construção desta tese concluiu-se que a consciencialização crescente sobre as doenças mentais e a promoção da saúde mental em muitas partes do mundo estão agora a mudar essa percepção cultural.

A obra de João Carlos Melo, ao expor as histórias íntimas de pessoas que vivem com perturbação de personalidade *borderline*, também oferece um vislumbre da luta interna que esses indivíduos enfrentam, enquanto destaca a necessidade de uma mudança na forma como a sociedade vê as doenças mentais. Muitos textos de saúde mental lidam com questões extremamente delicadas, como sofrimento psicológico, trauma e estigmatização. A forma como esses temas são abordados num contexto cultural pode influenciar o modo como os leitores da língua percebem as condições descritas e as soluções propostas.

Por exemplo, em algumas culturas, a saúde mental ainda pode ser um tabu ou associada a estigmas sociais, enquanto em outras, há uma maior aceitação e compreensão das perturbações mentais como condições tratáveis. O tradutor deve ser cauteloso ao escolher termos e expressões que possam não ter as mesmas conotações em diferentes línguas e culturas. O uso inadequado de uma palavra ou de um conceito pode, inadvertidamente, reforçar estigmas ou mal-entendidos sobre a saúde mental (Costa, 2025).

A tradução de textos sobre saúde mental também pode envolver desafios relacionados à acessibilidade do conteúdo para o público-alvo. Muitas vezes, textos sobre saúde mental são direcionados a profissionais da área e utilizam uma linguagem altamente técnica e específica. No entanto, também existem textos destinados a pacientes ou ao público em geral, nos quais é essencial que a informação seja apresentada de forma clara e compreensível. O tradutor, nesse caso, deve equilibrar a precisão técnica com a simplicidade e a clareza, evitando o uso excessivo de jargão e tornando o conteúdo acessível para quem não tem formação técnica na área. A tradução de textos sobre saúde mental para pacientes e para o público em geral requer uma atenção especial à escolha das palavras, à estrutura das frases e à apresentação de conceitos complexos de maneira compreensível (Costa, 2025).

Outro aspeto importante a ser considerado é o potencial de erros de tradução que podem afetar a qualidade do atendimento à saúde mental. Quando um texto técnico sobre saúde mental é mal traduzido, pode resultar em interpretações incorretas que afetem a compreensão de uma condição mental, a escolha de um tratamento ou o diagnóstico.

Além disso, a tradução pode afetar a comunicação entre profissionais de saúde mental e pacientes, comprometendo a confiança e a eficácia do tratamento.

Assim, a tradução de textos sobre saúde mental exige uma enorme responsabilidade por parte do tradutor, que deve ser não só fluente nas línguas envolvidas, mas também ter uma sólida compreensão dos conceitos médicos. A evolução da terminologia relacionada à saúde mental também apresenta desafios contínuos para os tradutores. Novos termos e conceitos estão sempre a surgir, à medida que a pesquisa e os tratamentos em saúde mental avançam. Isso implica que o tradutor deve estar em constante atualização e familiarizar-se com as últimas mudanças na terminologia, para garantir que os textos traduzidos reflitam as mais recentes descobertas e práticas da área. Isso é especialmente relevante num campo como a saúde mental, onde o entendimento de doenças e tratamentos está em constante mudança, o que torna a precisão e a atualização da tradução ainda mais importante.

Além disso, a tradução de textos sobre saúde mental pode envolver o uso de metáforas e linguagem figurativa que são frequentemente usadas para descrever experiências psicológicas e emocionais (Alegre & Herget, 2021). A experiência da saúde mental é muitas vezes subjetiva e, portanto, as metáforas são frequentemente usadas para transmitir o sofrimento, a ansiedade e outros estados mentais. Traduzir essas metáforas é um desafio, porque muitas vezes elas não têm equivalentes diretos na língua de chegada. O tradutor pode ser obrigado a criar metáforas ou adaptar as existentes, para garantir que o leitor da língua de chegada compreenda a experiência que está a ser descrita de forma precisa e eficaz. Isso exige uma grande sensibilidade e criatividade do tradutor.

Um exemplo pertinente da complexidade na tradução de expressões idiomáticas relacionadas a estados mentais e emocionais pode ser encontrado na comparação entre os termos *psicose* (em português) e *psychosis* (em inglês). Embora ambos os termos tenham um significado técnico equivalente, designando um distúrbio mental grave, as conotações culturais e sociais dos termos podem ser muito diferentes dependendo do contexto. Em português, a palavra *psicose* pode carregar uma carga emocional mais forte e até estigmatizante, frequentemente associada a um comportamento irracional e desviante. Em contrapartida, o termo *psychosis* em inglês, embora igualmente grave, é muitas vezes tratado com mais neutralidade e em um contexto clínico mais formal, sendo utilizado predominantemente em ambientes médicos ou científicos.

A palavra *descompensada* em português, frequentemente usada para descrever alguém em um estado emocional ou psicológico instável, pode ter conotações mais informais e até pejorativas, especialmente quando se refere a comportamentos que fogem à norma. Em contraste, o equivalente em inglês, *decompensated*, usado no contexto médico, carrega uma conotação mais técnica e neutra, referindo-se a um agravamento de uma condição de saúde mental ou física.

Assim, ao traduzir *descompensada* para o inglês, é fundamental que o tradutor escolha uma expressão que preserve o tom adequado, evitando que a palavra ganhe um peso emocional ou estigmatizante indevido, dependendo do público-alvo. Um erro comum em manuais de saúde ocorre quando termos médicos, como *constipated* em inglês, são mal traduzidos. Embora *constipated* signifique prisão de ventre em inglês, muitas vezes é erroneamente traduzido como constipado em português, que, no entanto, se refere a uma constipação comum.

Esse contraste nas conotações implica que, ao traduzir tais termos, o tradutor deve considerar não apenas o significado técnico, mas também o impacto emocional que a escolha de uma palavra pode ter no público recetor. Além disso, a tradução tem de refletir as nuances culturais que podem influenciar como os leitores percebem o conceito de saúde mental, o que exige do tradutor um conhecimento profundo tanto da língua original quanto da língua de chegada.

A diferença entre as abordagens ocidental e oriental na compreensão da saúde mental pode ter um impacto significativo na tradução de termos e conceitos relacionados. No Ocidente, a utilização do DSM-5 (Association, 2013) para diagnosticar distúrbios mentais baseia-se numa abordagem categórica e técnica, que se foca em sintomas específicos e no tratamento médico, frequentemente associado ao uso de medicamentos. Em contraste, a abordagem oriental, representada pelo CID-11 (Saúde, 2019), adota uma perspectiva mais holística, considerando a saúde mental como um equilíbrio entre corpo, mente e espírito, com ênfase em fatores culturais e espirituais.

Dentro da tradução, é fundamental saber qual sistema utilizar em cada contexto, além de compreender como fazer a transição entre esses sistemas de maneira precisa e sensível. O tradutor deve garantir que as nuances culturais e filosóficas de ambos os modelos sejam adequadamente refletidos, para que o público-alvo compreenda corretamente os conceitos, respeitando as diferenças entre as abordagens ocidental e oriental.

Portanto, a tradução de textos sobre saúde mental envolve uma série de desafios técnicos, culturais, éticos e linguísticos que exige uma abordagem cuidadosa e informada. O tradutor deve ser capaz de lidar com a terminologia técnica e especializada, respeitar as diferenças culturais e sociais no entendimento da saúde mental, e garantir que o texto seja acessível e compreensível para o público-alvo. Além disso, o tradutor precisa ser sensível ao potencial impacto que suas escolhas linguísticas podem ter na percepção da saúde mental em diferentes culturas.

A responsabilidade de traduzir textos de saúde mental é enorme, porque a tradução incorreta pode ter consequências graves, desde diagnósticos errados até o reforço de preconceitos. Portanto, a tradução de textos sobre saúde mental não é apenas uma questão de precisão linguística, mas também de sensibilidade cultural e ética.

Em suma, a visão das doenças mentais e o impacto do meio envolvente nas condições de saúde mental variam de acordo com a cultura, o ambiente social e as experiências individuais. A tradução de toda a literatura relacionada à psicologia deve ser feita com extrema cautela e precisão. Isso é crucial porque nuances e significados específicos podem ser facilmente perdidos ou distorcidos no processo de tradução, comprometendo a integridade das teorias e conclusões apresentadas. Uma interpretação inadequada pode levar a mal-entendidos e à aplicação incorreta dos conceitos psicológicos, o que poderia ter consequências significativas para a prática e a pesquisa na área.

## 2.2 Contextualização da Obra

"The Bell Jar" é uma rica fonte de estudo para compreender como a literatura aborda a saúde mental e a psique feminina. Plath usa uma linguagem poética e uma narrativa imersiva para explorar os sentimentos internos e as experiências de Esther, a personagem principal, oferecendo *insights* sobre como a sociedade e os tratamentos psiquiátricos afetam a experiência feminina.

A análise literária da obra destaca as nuances da mente de Esther e a forma como Plath critica a desconexão entre os métodos clínicos da época e as necessidades emocionais da paciente. A autora expõe com delicadeza e profundidade as complexidades internas de Esther, evidenciando a falta de compreensão e empatia no tratamento dos distúrbios mentais.

Através de uma narrativa envolvente, Plath questiona a eficácia e a humanidade dos tratamentos psiquiátricos da época, sublinhando a importância de uma abordagem mais holística e sensível às emoções dos pacientes. A complexidade da linguagem e a natureza das experiências descritas tornam "The Bell Jar" um texto particularmente desafiante e enriquecedor para tradutores, cuja tarefa é manter a integridade emocional e estilística da obra original.

"The Bell Jar" ou, na versão portuguesa, "A Campânula de Vidro" (Plath, 2016), editado pela primeira vez em 1963, em Inglaterra. É o único, ainda que polémico, romance de Sylvia Plath. Assinado com o pseudónimo Victoria Lucas, o romance mostra um estilo único de expressão literária pela combinação ficcional e autobiográfica dos episódios e personagens narradas.

Em torno da crise psicológica da narradora encontramos os sintomas conservadores e patriarcais experimentados por Plath na sociedade americana dos anos 1950. Uma sociedade que ditava o destino feminino ao papel doméstico de mãe e esposa, da submissão sexual à volúpia masculina. Este retrato mostraria ser decisivo para o colapso mental quer de Plath como da protagonista do romance.

A protagonista, Esther Greenwood, é uma jovem estudante americana que durante o seu estágio numa revista feminina em Nova Iorque, experimenta a vida nova iorquina, o stress e a desilusão de um estilo de vida há muito idealizado. Embora rodeada de amigas e

colegas de trabalho, das soirées luxuriantes, dos encontros e tentações masculinas, percebemos a imensa solidão que rodeava Esther, prefere recolher-se no isolamento da leitura e criação poética. É no seu regresso a casa, em New England, que a miséria psicológica de Esther cresce. Esther deixa de conseguir dormir, ler e escrever por dias a fio. Incentivada pela mãe, inicia os tratamentos psiquiátricos, com recurso à terapia electroconvulsiva. Eventualmente encontramos a personagem perdida em pensamentos autodestrutivos consecutivos, decidindo por termo à sua vida.

Esta obra embora não sendo recomendada a leitores que estejam a passar por um estado psicológico e emocional mais debilitado, pela dureza do tema a que se dedica, mostra-nos a importância em tornar visíveis as diferentes questões relacionadas com a saúde mental. Das necessidades específicas de quem sofre o estigma, a exclusão ou discriminação social com base na sua identidade e/ou expressão de género, orientação sexual, características sexuais, entre outras. Ainda que não seja evidente a homossexualidade de Esther Greenwood, são várias as dificuldades que esta enfrenta numa sociedade altamente patriarcal, misógina, materialista e conservadora, tendo com isto chegado a um esgotamento mental.

Esta obra revela a necessidade de desafiar as normas e expectativas sociais que ditam como devemos ser, parecer ou comportar-nos. Ao questionar estas convenções, a autora destaca a importância da autenticidade e da liberdade individual, promovendo uma reflexão profunda sobre o conformismo e a pressão social. As expectativas de Plath, embora cinco décadas passadas desde a publicação do romance, continuam atuais. A feminilidade desejável, apesar dos significativos avanços em matéria de igualdade de género, continua a ser heterossexual, reprodutiva e doméstica.

Este livro é uma lição de subversão do estigma, das formas desiguais de poder, da emancipação sexual e dos códigos normativos de género. É também, um apelo ao reconhecimento da saúde mental enquanto assunto central da vida social que não devemos ignorar. A obra 'The Bell Jar', de Sylvia Plath, é rica em detalhes psicológicos e literários que oferecem uma profundidade singular ao texto. A narrativa introspectiva da protagonista, Esther Greenwood, tece com precisão as suas lutas internas e experiências pessoais, proporcionando uma exploração íntima da mente humana.

A linguagem poética e as metáforas complexas que Plath utiliza são essenciais para transmitir as subtilezas emocionais e os estados mentais de Esther. No entanto, estas

mesmas qualidades tornam a tradução uma tarefa desafiadora. A sutileza da linguagem e os jogos de palavras muitas vezes não têm equivalentes diretos noutras línguas, e a tradução deve ser cuidadosa para manter a fidelidade ao tom e à essência do texto original, sem perder o seu impacto emocional.

## 2.3 Doenças Mentais e a Psique Feminina

As doenças mentais são frequentemente mal compreendidas (Kaur, 2016). Muitos ainda acreditam que se trata apenas de questões emocionais ou de falta de força de vontade, ignorando a sua base biológica e os seus impactos físicos. No entanto, a ciência tem demonstrado que a saúde mental está profundamente ligada à saúde física e que perturbações como a depressão, a ansiedade e a esquizofrenia envolvem alterações neuroquímicas e estruturais no cérebro.

Compreender essa realidade é essencial para reduzir o estigma e melhorar o acesso aos tratamentos adequados. Apesar dos avanços da medicina e da psicologia, ainda existe uma grande desinformação sobre o que são doenças mentais. Muitas pessoas acreditam que estados depressivos ou ansiosos são apenas fases passageiras ou uma questão de perspectiva, e não condições que requerem tratamento especializado. Essa visão limitada contribui para o estigma e pode impedir que quem sofre de uma doença mental procure ajuda.

Além disso, é comum associar doenças mentais apenas ao sofrimento subjetivo, ignorando que estas podem manifestar-se também fisicamente. Por exemplo, a depressão pode causar fadiga extrema, alterações no sono, dor crónica e problemas gastrointestinais. Da mesma forma, perturbações de ansiedade podem desencadear taquicardia, dificuldades respiratórias e dores musculares. Essa ligação entre corpo e mente é um dos aspetos fundamentais para compreender a verdadeira natureza das doenças mentais.

O dualismo entre corpo e mente tem sido amplamente questionado pela neurociência. Estudos mostram que os estados emocionais influenciam diretamente a saúde física e vice-versa. O stress crónico, por exemplo, está associado a doenças cardiovasculares, diabetes e distúrbios do sono. Da mesma forma, alterações na saúde física podem ter impacto negativo na saúde mental. Doenças como o cancro, a fibromialgia ou mesmo deficiências nutricionais podem contribuir para estados depressivos e ansiosos. O cérebro é um órgão físico e, tal como qualquer outro órgão do corpo, pode adoecer e necessitar de tratamento adequado (Goodwin, 2006).

As doenças mentais são frequentemente causadas ou agravadas por desequilíbrios neuroquímicos. Os neurotransmissores são substâncias químicas que permitem a

comunicação entre neurónios, e a sua regulação é fundamental para o funcionamento adequado do cérebro. Alguns dos neurotransmissores mais importantes na saúde mental são a serotonina, conhecida como o "neurotransmissor do bem-estar", regula o humor, apetite e sono, com baixos níveis associados à depressão e ansiedade. Medicamentos como os ISRS, como fluoxetina e sertralina, aumentam sua disponibilidade no cérebro.

A dopamina está relacionada ao prazer, motivação e aprendizagem, e desequilíbrios podem resultar em doenças como depressão, esquizofrenia e Parkinson, sendo modulada por antipsicóticos para estabilizar o humor e reduzir sintomas psicóticos. A noradrenalina é crucial na resposta ao stress e atenção, e a sua regulação é fundamental no tratamento de depressão e perturbações de ansiedade, com medicamentos como a venlafaxina atuando para melhorar o equilíbrio emocional. Esses psicofármacos ajudam a estabilizar os neurotransmissores, aliviando sintomas e melhorando a qualidade de vida dos pacientes (Chandley MJ, 2012).

Além da farmacoterapia, abordagens modernas como a eletroterapia têm demonstrado eficácia no tratamento de perturbações mentais. O eletroencefalograma quantitativo (QEEG) é uma tecnologia que permite mapear a atividade elétrica do cérebro e identificar padrões anormais associados a doenças como a depressão e a perturbação obsessivo-compulsivo. Com base nesses dados, tratamentos personalizados podem ser aplicados, incluindo: Estimulação Magnética Transcraniana (EMT): Utiliza campos magnéticos para estimular áreas específicas do cérebro. É especialmente eficaz para a depressão resistente a medicamentos. Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (TDCS): Aplica correntes elétricas fracas para modular a atividade cerebral. É usada para tratar depressão, ansiedade e dor crónica. Essas terapias têm demonstrado resultados promissores e oferecem alternativas para pacientes que não respondem bem aos medicamentos tradicionais (Robertson & Mortimer, 2022).

As doenças mentais têm uma base física concreta, afetando tanto a química cerebral quanto a estrutura neuronal. O desconhecimento sobre a sua natureza biológica contribui para o estigma e para o atraso do tratamento. No entanto, avanços na neurociência têm permitido compreender melhor essas condições e desenvolver abordagens terapêuticas eficazes, incluindo a utilização de psicofármacos e de terapias de estimulação cerebral. Com uma maior divulgação dessas informações, é possível combater mitos e garantir que mais pessoas tenham acesso ao tratamento adequado, promovendo uma abordagem mais humana e cientificamente informada da saúde mental (Costa, 2025).

A literatura tem sido, ao longo dos séculos, um espelho das experiências humanas mais profundas, incluindo a dor, o sofrimento e as experiências ligadas à saúde mental.

A meu ver, a literatura possui uma capacidade singular de traduzir a complexidade da condição humana, e as doenças mentais revelam-se, muitas vezes, como uma das expressões mais intensas dessa complexidade. A observação de diferentes autores permite perceber como, ao escreverem sobre o seu próprio sofrimento, muitos transformaram a dor em matéria literária, criando narrativas simultaneamente íntimas e universais. Considero que estas obras não apenas registam experiências de vulnerabilidade, mas também abrem um espaço de empatia e compreensão, tanto para quem escreve como para quem lê.

Um exemplo emblemático é Fernando Pessoa, cuja obra é amplamente considerada uma das mais poderosas dentro da complexidade emocional e a procura da identidade (Pessoa, 09-2014). A sua escrita não é apenas uma descrição do sofrimento, mas também uma forma de resistência contra as pressões sociais que impõem a ideia de uma identidade estável. A intensidade emocional da sua poesia, combinada com a crítica social implícita, transforma a dor pessoal numa narrativa universal (Pessoa, 03-2006).

As doenças mentais são frequentemente retratadas na literatura como experiências que isolam os indivíduos da sociedade. Este isolamento é muitas vezes agravado pelo estigma e pela incompreensão social. Além disso, há uma intersecção importante entre a saúde mental e outras formas de marginalização, como género, sexualidade e etnia. Escritores marginalizados utilizam frequentemente a literatura para desafiar as narrativas dominantes e explorar as relações entre a opressão social e o sofrimento mental (Davis, 2023).

Numa perspetiva analítica, um dos papéis mais significativos da literatura na representação das doenças mentais reside na sua capacidade de questionar o estigma e de humanizar as pessoas que vivem com essas condições. A análise das obras permite perceber como, ao longo do tempo, a literatura tem contribuído para desmontar a visão das perturbações mentais como fraquezas ou falhas morais, uma perceção que durante séculos levou à exclusão social dos que sofrem. Entendo que, ao dar voz à experiência subjetiva da dor psíquica, a literatura se torna um meio poderoso de desconstrução e de promoção da empatia.

As doenças mentais, apesar de sempre terem feito parte da experiência humana, foram durante séculos envoltas em incompreensão, mistificação e estigma. As explicações e intervenções iniciais para estas condições eram frequentemente influenciadas por crenças sobrenaturais ou religiosas, muitas vezes desprovidas de base científica. Na Grécia Antiga, Hipócrates destacou-se ao propor que os distúrbios mentais não eram causados por forças sobrenaturais, mas antes por desequilíbrios nos humores do corpo – sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Esta teoria marcou um avanço significativo ao introduzir um enquadramento médico rudimentar e ao desafiar as ideias predominantes da época (Fornaro et al., 2009).

Com a Idade Média, estas perspetivas médicas foram, em grande medida, substituídas por interpretações religiosas. As doenças mentais passaram a ser frequentemente vistas como manifestações de possessões demoníacas ou punições divinas. Os indivíduos que apresentavam comportamentos considerados anormais eram sujeitos a práticas brutais e desumanas, como exorcismos, encarceramento em condições deploráveis e, em casos extremos, execuções. A ideia de cuidado ou tratamento era quase inexistente, uma vez que estas pessoas eram marginalizadas e estigmatizadas (Kemp, 1985).

Apenas com o Iluminismo, no século XVIII, se começou a promover uma abordagem mais racional e humana. Esta nova visão levou à criação dos primeiros asilos e lançou as bases para o desenvolvimento da psiquiatria enquanto disciplina científica. O século XIX trouxe avanços no entendimento e tratamento das doenças mentais, mas também perpetuou ideias preconceituosas, especialmente em relação às mulheres (Kendler et al., 2022).

Conceitos como o da "histeria feminina" tornaram-se prevalentes, sugerindo que os distúrbios psicológicos nas mulheres estavam relacionados a desequilíbrios do útero ou à incapacidade de corresponder às expectativas sociais da época. Estas interpretações limitadoras reforçavam estereótipos de género e justificavam intervenções invasivas e desumanas, como os internamentos forçados, terapias de choque ou, mais tarde, lobotomias. Estas práticas não só ignoravam as causas subjacentes do sofrimento psicológico, como também perpetuavam a ideia de que o comportamento feminino devia ser controlado e conformado (C. Tasca et al., 2012).

No século XX, assistiu-se a uma transformação significativa no campo da saúde mental, impulsionada pelo desenvolvimento de medicamentos psicotrópicos, abordagens

psicodinâmicas e terapias comportamentais. Estas inovações permitiram uma compreensão mais aprofundada das doenças mentais e das suas complexidades, marcando um progresso no tratamento e na aceitação dessas condições. No entanto, o estigma social associado às doenças mentais manteve-se enraizado, especialmente em culturas onde prevalece a valorização do silêncio e da repressão em detrimento da abertura e do diálogo. Mesmo na contemporaneidade, o desafio de desmistificar as doenças mentais e de promover a aceitação plena daqueles que vivem com estas condições continua a ser uma luta constante (Ahad et al., 2023).

Historicamente, o diagnóstico de doenças mentais foi muitas vezes utilizado como uma ferramenta de controlo social, particularmente sobre grupos marginalizados, como mulheres e indivíduos que desafiavam normas de género e sexualidade. Um exemplo paradigmático na Europa foi a acusação de bruxaria durante a Idade Média e o Renascimento. Muitas mulheres que desafiavam as convenções sociais, fossem elas viúvas, mulheres sem filhos, ou simplesmente aquelas que demonstravam independência ou sabedoria (como curandeiras) eram rotuladas como bruxas.

Este rótulo justificava não só o seu afastamento social, mas também a perseguição, tortura e execução. Países como Alemanha, Suíça e França foram epicentros de julgamentos de bruxaria, nos quais milhares de mulheres foram acusadas com base em superstições e pressões sociais. Em muitos casos, os homens utilizavam estas acusações para se libertarem de esposas ou familiares considerados inconvenientes, ou para consolidar poder económico e social (Kemp, 1985).

Na literatura, esta prática é ilustrada pela personagem de Bertha Mason em “Jane Eyre”, de Charlotte Brontë, que simboliza o confinamento e a exclusão de mulheres "inconvenientes" ou que desafiam as expectativas sociais (Brontë, 03-2011). Além disso, a classificação patológica de minorias sexuais e de género também teve um impacto significativo na Europa. Estas práticas históricas sublinham a forma como o diagnóstico de doenças mentais foi utilizado para reforçar normas de género, marginalizar grupos minoritários e exercer controlo social. A literatura e os registos históricos europeus revelam como a saúde mental foi muitas vezes manipulada para justificar a opressão e perpetuar sistemas de poder.

No contexto português, a história e a literatura refletem várias formas de marginalização e os impactos sociais e psicológicos que dela advêm. Um exemplo marcante foi o

confinamento de mulheres em recolhimentos e conventos, uma prática comum durante os séculos XVII e XVIII. Muitas jovens que demonstravam comportamentos considerados "rebeldes" ou que não se alinhavam às normas patriarcais eram enviadas para estes espaços. Embora frequentemente justificados por razões religiosas ou morais, estes confinamentos eram usados para ocultar escândalos familiares, controlar a sexualidade feminina ou resolver disputas relacionadas a heranças. Este isolamento forçado tinha consequências graves para o bem-estar psicológico das mulheres, privando-as de liberdade e de autonomia (C. Tasca et al., 2012).

Ao longo da história, as mulheres foram frequentemente reduzidas a arquétipos como *Dama em Perigo*, *Bruxa Má*, *Femme Fatale*, *Mulher Submissa* e *Mulher Histórica*. As emoções e a saúde mental das mulheres foram frequentemente desvalorizadas ou diagnosticadas, sendo-lhes atribuída a etiqueta de "históricas" para minimizar as suas preocupações e experiências (C. Tasca et al., 2012). A inteligência e o conhecimento feminino eram desvalorizados, e qualquer tentativa de contrariar esta visão era ridicularizada ou reprimida. Quando as mulheres demonstravam ambição, criatividade ou comportamento fora do esperado, eram rapidamente rotuladas de "loucas", muitas vezes com base em interpretações enviesadas do seu comportamento.

Esta narrativa foi amplificada pela percepção de que os balanços hormonais femininos (como os ciclos menstruais, a gravidez ou a menopausa) influenciavam as suas emoções, resultando em variações de humor. Estas flutuações naturais eram frequentemente interpretadas como sinais de irracionalidade ou fragilidade emocional, levando a que fossem catalogadas como "emocionais demais" ou incapazes de tomar decisões racionais. Tal estigma reforçava a ideia de que as mulheres eram menos capazes de exercer funções de poder ou intelectualmente exigentes (C. R. Tasca, M. et al., 2012).

Já na Idade Moderna, esta visão foi instrumentalizada de forma sistemática. A noção de histeria, que dominou os discursos médicos do século XIX, diagnosticava qualquer comportamento feminino que escapasse ao controlo masculino, associando o sofrimento psicológico ou a expressão emocional a supostos "desequilíbrios do útero". Além disso, durante os julgamentos de bruxas, mulheres que demonstravam conhecimentos em botânica, medicina ou mesmo autonomia eram vistas como uma ameaça à ordem social. Ao serem acusadas de bruxaria, muitas eram perseguidas e executadas, alimentando a crença de que mulheres que não se conformassem às normas patriarcais deveriam ser eliminadas. Assim, os balanços hormonais e as características emocionais das mulheres,

em vez de serem compreendidos, foram usados como armas para justificar a sua exclusão e subjugação, perpetuando estereótipos que ainda ecoam na contemporaneidade (Kemp, 1985).

A relação entre a psique feminina e as doenças, sejam mentais ou físicas, está profundamente enraizada em fatores biológicos, sociais e históricos. Estudos apontam que as mulheres apresentam maior predisposição para determinadas condições de saúde mental e doenças autoimunes, fruto de uma complexa interação entre a biologia hormonal, padrões comportamentais e as pressões impostas pelas normas sociais.

As doenças autoimunes, como lúpus, esclerose múltipla e artrite reumatoide, afetam desproporcionalmente mulheres. A influência de hormonas como o estrogénio é apontada como um dos principais fatores dessa disparidade. Além disso, a resposta imunológica mais robusta das mulheres, enquanto protetora em muitos aspetos, pode torná-las mais suscetíveis a desenvolver condições autoimunes (Gulland, 2016).

Historicamente, as mulheres têm sido frequentemente categorizadas como "emocionalmente frágeis" ou "histéricas" em contextos onde expressaram comportamentos ou opiniões divergentes das normas sociais. No século XIX, por exemplo, diagnósticos de histeria eram utilizados para diagnosticar mulheres que desafiassem convenções de etiqueta, leis ou estruturas patriarcais. Muitas vezes, essas atribuições funcionavam como mecanismos de controle social, silenciando indivíduos considerados reacionistas ou "desviantes".

A expectativa de conformidade às normas sociais e de comportamento imposto às mulheres teve um impacto significativo na sua saúde mental. Pressões para adotar papéis específicos – seja o de cuidadora, mãe ou esposa ideal – criaram um ambiente no qual o sofrimento emocional era frequentemente ocultado ou mal interpretado (C. Tasca et al., 2012).

Condições como depressão e ansiedade, ainda hoje mais prevalentes entre mulheres, são frequentemente associadas a estas expectativas de perfeição e contenção emocional. Essa interseção entre fatores biológicos e construções sociais demonstra como a saúde feminina não pode ser analisada de forma isolada. A compreensão da psique feminina exige o reconhecimento dessas camadas complexas de influência, bem como a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e contextualizada na identificação e no tratamento de condições que afetam desproporcionalmente as mulheres. A psique

feminina tem sido moldada ao longo da história por uma combinação de fatores biológicos, culturais e sociais (C. Tasca et al., 2012).

A ideia de que as mulheres estão mais predispostas a desenvolver doenças mentais, como as doenças autoimunes e outros distúrbios psicológicos, tem sido amplamente debatida na psicologia, psiquiatria e nos estudos de género. Estudos médicos indicam que as mulheres podem, de facto, ter uma maior predisposição genética para algumas doenças autoimunes e perturbações psiquiátricas. Doenças como lúpus, esclerose múltipla e artrite reumatoide, que afetam o sistema imunológico, são mais comuns nas mulheres, o que pode refletir uma interação entre fatores genéticos e hormonais (Gulland, 2016). Além disso, as mulheres tendem a ser mais diagnosticadas com perturbação de ansiedade, depressão e distúrbios alimentares, que podem estar relacionados com os ciclos hormonais femininos, especialmente durante os ciclos menstruais, a gravidez e a menopausa.

No entanto, para além dos fatores biológicos, a saúde mental feminina é também profundamente influenciada por fatores sociais. A pressão para alcançar os padrões de beleza e sucesso, as expectativas sobre os papéis familiares e a sobrecarga emocional resultante dessas responsabilidades podem contribuir para a maior vulnerabilidade das mulheres a esses distúrbios (Gulland, 2016).

Assim, o aumento do diagnóstico de doenças mentais nas mulheres pode não ser apenas uma questão biológica, mas também uma consequência do contexto social e cultural em que estão inseridas. Historicamente, as doenças mentais foram frequentemente atribuídas a indivíduos considerados "reacionistas", ou seja, aqueles que se opunham a mudanças sociais ou desafiavam normas estabelecidas. Em muitas culturas, especialmente nas mais conservadoras, as mulheres eram frequentemente vistas como emocionalmente mais frágeis e, por conseguinte, mais suscetíveis a distúrbios mentais. Esta visão era sustentada pela ideia de que as mulheres eram mais vulneráveis emocionalmente devido à sua natureza biológica e ao papel social tradicional de cuidadoras e mães (Gulland, 2016).

Para além disso, as normas sociais e as expectativas sobre o comportamento feminino influenciam profundamente a forma como as doenças mentais são percecionadas nas mulheres. Em sociedades que exigem que as mulheres cumpram certos papéis (como a maternidade ou a subordinação ao marido), aquelas que não se encaixam nestes modelos podem ser rotuladas como "mentalmente doentes" ou "instáveis". Muitas vezes, esta

atribuição não se baseia numa observação clínica genuína, mas sim numa tentativa de controlar ou disciplinar comportamentos que não se alinham com os valores tradicionais (C. R. Tasca, M. et al., 2012).

Estes fatores estão interligados com o conceito de etiqueta social, que regula o comportamento feminino e impõe um conjunto de expectativas rígidas. Quando as mulheres não cumprem essas normas, podem ser estigmatizadas e diagnosticadas com doenças mentais como uma forma de "correção" ou adaptação ao comportamento socialmente aceitável. As normas legais e culturais também desempenham um papel significativo na forma como as doenças mentais são vistas nas mulheres. Em muitas sociedades, a lei e a religião impuseram restrições à autonomia das mulheres, sendo estas muitas vezes vistas como incapazes de tomar decisões racionais.

Isto resultava na marginalização das mulheres, que, ao serem diagnosticadas com doenças mentais, perdiam o direito de expressar livremente a sua vontade ou tomar decisões importantes sobre as suas vidas. Essas dinâmicas históricas de atribuição de doenças mentais às mulheres têm reflexos duradouros, frequentemente invisíveis nas atitudes e práticas atuais, em que ainda persiste a tendência de atribuir doenças psiquiátricas a comportamentos considerados socialmente inaceitáveis ou desafiadores, em vez de se basear numa análise objetiva da saúde mental (Davis, 2023).

A relação entre a psique feminina e as doenças mentais é um campo multifacetado que envolve não só a compreensão das predisposições biológicas, mas também uma análise crítica das normas sociais, culturais e legais que moldam a experiência das mulheres. A atribuição de doenças mentais a comportamentos que se afastam das normas tradicionais reflete um sistema de controlo que pode ter consequências profundas para a saúde mental das mulheres. Para uma análise mais precisa e justa da psique feminina, é essencial reconhecer e desconstruir estas normas históricas e sociais que ainda influenciam a forma como a saúde mental é compreendida e tratada nas mulheres. Nas últimas décadas, houve uma crescente pressão sobre as mulheres para desempenharem múltiplos papéis simultaneamente, que muitas vezes são contraditórios entre si (Davis, 2023).

Na leitura aqui realizada, a idealização contemporânea de uma mulher “perfeita” que concilia independência profissional, maternidade, vida familiar, beleza e forma física gerou um modelo quase impossível de equilibrar. O progresso da igualdade de género e a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho trouxeram, sem dúvida, novas

liberdades e oportunidades, mas também criaram expectativas adicionais. Considero que o ideal da mulher independente e bem-sucedida se transformou num paradigma moderno, simultaneamente inspirador e opressor, pois vem acompanhado da exigência de igual competência na esfera pessoal e familiar, conduzindo muitas vezes a uma sobrecarga de responsabilidades.

A mulher moderna é incentivada a ser mãe e a manter a casa, ao mesmo tempo em que cumpre as exigências de um emprego de alta performance. Além disso, as expectativas de beleza e de estar em forma tornam-se cada vez mais intensas, alimentadas pelos meios de comunicação, redes sociais e uma cultura que promove padrões estéticos muitas vezes inatingíveis. As mulheres são bombardeadas com a ideia de que devem acolher esses padrões não só para serem vistas como "bem-sucedidas", mas também para serem valorizadas socialmente. O problema é que estas expectativas, que parecem ser uma celebração da liberdade e da autonomia das mulheres, acabam por ser extremamente fatigantes (Verniers et al., 2022).

A constante procura pelo equilíbrio perfeito entre todas essas facetas da vida pode levar a uma grande pressão emocional e psicológica. Muitas mulheres sentem-se culpadas por não conseguir cumprir todos os papéis ao mesmo tempo com a perfeição esperada, o que pode resultar em sentimentos de fracasso, stress e até mesmo questões de saúde mental, como ansiedade e depressão.

Além disso, a valorização excessiva da aparência física e da capacidade de manter uma vida social ativa e feliz pode alimentar um ciclo de insegurança e autocrítica, em que a mulher nunca se sente completamente satisfeita com a sua imagem ou com o seu desempenho em qualquer uma das áreas da sua vida. Esse ambiente de constante comparação e exigência de perfeição pode dificultar a verdadeira realização e levar a uma sensação de desconexão com a própria identidade (Kirkpatrick & Lee, 2022).

Portanto, enquanto a independência e a liberdade conquistadas pelas mulheres nas últimas décadas são inegavelmente positivas, também é fundamental reconhecer as dificuldades e os desafios que surgem com as múltiplas pressões que a sociedade impõe. Para uma sociedade mais equilibrada, é necessário repensar as expectativas sobre o que significa ser uma mulher bem-sucedida e permitir que as mulheres possam ocupar os diversos papéis que escolham sem sobrecarregar-se com o peso de atender a padrões irrealistas.

Embora os homens também sofram de doenças mentais, a forma como a sociedade lida com a saúde mental dos homens é diferente, frequentemente tornando mais difícil eles procurarem ajuda ou sequer expressarem emoções. Uma das pressões mais persistentes que os homens enfrentam é o estigma relacionado com a vulnerabilidade emocional, que está profundamente enraizado nas normas culturais.

A ideia de que "homens não choram" ou de que os homens devem ser "fortes" cria uma pressão intensa para que escondam os seus sintomas e dificuldades emocionais. Esse estigma impõe a expectativa de que os homens devem ser imunes à fraqueza ou à fragilidade, o que pode levar à repressão das emoções e à negação de problemas psicológicos. Esse código de masculinidade tradicional, que exalta o autocontrole, a resistência e a invulnerabilidade, contribui para uma tendência dos homens a não expressarem o que estão a sentir (Harrington, 2021).

Muitas vezes, os sintomas de doenças mentais como a depressão, ansiedade ou stress são vistos como fraqueza ou incapacidade de "agir como um homem", o que faz com que os homens evitem procurar apoio profissional ou desabafar com os outros sobre as suas dificuldades. Em vez de procurar ajuda, muitos preferem lidar com os problemas sozinhos, o que, na maioria das vezes, agrava a situação, resultando num ciclo de sofrimento solitário.

A pressão para esconder as emoções pode ter sérias consequências. Quando os homens não podem ou não se sentem autorizados a expressar as suas emoções, os sintomas de doenças mentais muitas vezes se manifestam de maneiras diferentes, como agressividade, irritabilidade ou comportamento autodestrutivo. A sociedade tende a desvalorizar ou até a ignorar esses sinais, considerando-os simplesmente como "comportamento de homem" ou "reação normal", em vez de os tratar como sintomas de um problema psicológico que precisa de atenção (Harrington, 2021).

Este estigma também é amplificado pela falta de educação sobre saúde mental nas escolas, no trabalho e nas famílias. No entanto, ao contrariar esta expectativa de "homem forte" e procurar apoio, os homens podem começar a entender que a verdadeira força reside na capacidade de reconhecer os seus sentimentos e procurar ajuda quando necessário, sem vergonha de mostrar vulnerabilidade. Portanto, é crucial desconstruir os modelos de masculinidade tóxica que perpetuam o silêncio emocional e dificultam o

acesso ao tratamento psicológico, promovendo uma cultura em que a vulnerabilidade seja encarada como parte legítima da experiência humana.

Embora haja mais mulheres diagnosticadas com doenças mentais, os suicídios são, na sua maioria, cometidos por homens. Estima-se que, em países como os Estados Unidos e o Reino Unido, os homens representem cerca de 75% das mortes por suicídio, apesar de as mulheres serem diagnosticadas com perturbações mentais em maior número. De acordo com a OMS, a taxa global de suicídios é significativamente mais alta entre os homens, e os homens são três vezes mais propensos a cometer suicídio do que as mulheres.

Essa disparidade pode ser atribuída, em parte, à relutância dos homens em procurar ajuda para questões emocionais (Melo, 2021). A pressão social e as normas culturais que influenciam a psique masculina e feminina têm um impacto significativo na forma como as doenças mentais são tratadas e percebidas. Para que haja uma mudança real, é essencial desconstruir esses estereótipos e criar uma sociedade onde a saúde mental seja tratada de forma igualitária, permitindo que todos, independentemente do gênero, possam expressar as suas dificuldades e procurar ajuda sem medo de julgamento ou estigmatização.

## **CAPÍTULO III – ANÁLISE ESTRUTURADA DA TRADUÇÃO**

---

A análise comparativa das traduções de “The Bell Jar” revelou que as decisões tradutivas têm impacto significativo na forma como a saúde mental, o gênero e a voz narrativa feminina são representados. Ao observar microsegmentos textuais, foi possível identificar alterações subtis, mas com repercussões importantes no tom, na carga simbólica e na construção identitária da protagonista.

A aplicação do modelo de técnicas de tradução proposto por L. Molina and A. H. Albir (2002) permitiu sistematizar a análise do corpus e identificar padrões de intervenção tradutiva reveladores de tendências interpretativas. Entre as estratégias mais recorrentes, destacaram-se a *modulação*, a *redução* e a *substituição* de termos com carga emocional ou feminista, o que sugere uma tendência para suavizar o discurso original e mitigar o impacto ideológico da escrita de Sylvia Plath.

Casos como a substituição de “man” por “pessoa” ilustram como a tentativa de neutralizar o gênero, embora possa partir de uma intenção inclusiva, acaba por comprometer a dimensão crítica e simbólica do texto. Esta opção reflete, de certo modo, o conflito entre fidelidade literal e adequação cultural, e demonstra como a tradução pode inadvertidamente diluir a força política de um discurso.

Esta constatação encontra eco na reflexão de Venuti (2008) que problematiza a ideia de “invisibilidade do tradutor” e denuncia a tendência da cultura ocidental para valorizar traduções fluídas e transparentes, em detrimento da visibilidade do trabalho interpretativo que sustenta cada decisão linguística. Ao domesticar o texto estrangeiro e ajustá-lo às convenções da língua de chegada, o tradutor corre o risco de apagar as marcas de alteridade e resistência que constituem a essência da obra original.

Neste sentido, a tradução de “The Bell Jar” confronta o tradutor com uma escolha ética entre a preservação da diferença e a sua integração num sistema cultural que privilegia a legibilidade e a harmonia textual. Também (Eco, 2006) reflete sobre este dilema ao afirmar que traduzir é sempre “dizer quase a mesma coisa”, reconhecendo que a tradução é um processo de negociação entre fidelidade e interpretação. A margem desse “quase” é precisamente o espaço onde se inscrevem as intenções, os limites e a sensibilidade do tradutor, e onde se revelam as suas opções ideológicas.

A leitura de Eco ajuda a compreender a dimensão criativa e ética do ato tradutivo, salientando que toda tradução é, inevitavelmente, uma forma de reescrita. Assim, a análise das estratégias de modulação e neutralização observadas à luz do modelo de

Molina e Hurtado Albir permite reconhecer como as escolhas tradutivas ultrapassam o plano técnico: elas constroem uma leitura específica da obra, mediada por valores culturais e ideológicos. Esta consciência é fundamental no estudo da tradução literária, pois evidencia que o tradutor, longe de ser um mero intermediário, é também um agente de sentido cuja intervenção molda a percepção e a receção do texto traduzido.

A presença de erros e omissões também evidenciou a ausência de conhecimento especializado, entendido aqui como o domínio simultâneo de competências linguísticas, tradutivas e culturais necessárias à tradução literária. Este tipo de conhecimento vai além da proficiência em duas línguas: implica compreender as convenções literárias, os registos estilísticos e as referências culturais que estruturam o texto de partida, bem como dominar as estratégias e técnicas adequadas para recriar esses elementos na língua de chegada. A falta dessa preparação conduz, frequentemente, à perda de subtilezas semânticas, de vozes narrativas específicas ou de tonalidades simbólicas que são essenciais à identidade da obra. Tal lacuna compromete não apenas a fidelidade estética da tradução, mas também a experiência interpretativa do leitor.

Apesar da crescente automatização e da ênfase na eficiência no mercado de tradução, a tradução literária permanece uma prática que exige sensibilidade humana, rigor técnico e um profundo conhecimento cultural. O tradutor literário atua como um mediador entre mundos simbólicos, e a sua intervenção requer tanto formação especializada como uma consciência ética do impacto das suas escolhas.

A ausência de revisão cuidada e de mecanismos consistentes de controlo de qualidade, aliada à desvalorização económica e social do trabalho tradutivo, contribui para a perda de nuances e de coerência estilística. Em última instância, tais deficiências não apenas empobrecem o texto traduzido, mas enfraquecem o papel da tradução como forma de circulação cultural e de preservação da diversidade literária.

Neste sentido, torna-se pertinente questionar até que ponto determinadas escolhas são intencionais ou fruto de um enviesamento estrutural, e que impacto têm na transmissão da mensagem original. Sabemos que, em múltiplas esferas, o olhar masculino dominou os processos de mediação e seleção textual. Neste caso, não se pode ignorar que a substituição de expressões com forte marca de género por termos neutros pode contribuir para uma anulação simbólica da mulher no texto traduzido.

Deste modo, a análise sugere que a tradução de “The Bell Jar” implica mais do que a simples transposição linguística: exige a mediação entre duas perspectivas culturais e identitárias distintas. Traduzir esta obra significa transpor uma experiência feminina profundamente marcada por subjetividade, dor e resistência, para outro espaço linguístico e simbólico, sem diluir a sua densidade emocional e simbólica.

A tradução, neste contexto, torna-se um ato de escuta e de reconstrução da alteridade, procurando dar continuidade à voz de uma autora cuja expressão literária desafia convenções de género e representações do sofrimento mental. Essa dimensão interpretativa revela a importância de compreender a tradução não apenas como processo técnico, mas como gesto cultural e ético, capaz de restituir ao texto traduzido a pluralidade de sentidos e afetos presentes no original.

Esta análise baseou-se no modelo de classificação proposto por L. Molina and A. Albir (2002), cujo enquadramento dinâmico e funcionalista permite descrever de forma sistemática como a equivalência tradutiva se concretiza a nível textual. A distinção clara que estas autoras fazem entre método, estratégia e técnica de tradução revelou-se particularmente útil para delimitar o foco deste estudo nos microsegmentos textuais, isolando assim os efeitos concretos das decisões tradutivas.

Além disso, a sua proposta privilegia uma abordagem não normativa, permitindo avaliar cada técnica em função do contexto, do género textual e da finalidade da tradução. Através desta grelha, foi possível identificar tendências estilísticas, omissões relevantes e transformações discursivas que afetam a receção da obra por parte do público-alvo lusófono, estabelecendo uma ponte sólida entre os pressupostos teóricos e a análise prática realizada.

Dos três capítulos analisados retirei as seguintes passagens da tabela abaixo:

Tabela 3: Comparação Texto Original com Tradução Portuguesa

<b>Texto Original (Inglês)</b>	<b>Tradução portuguesa</b>	<b>Técnica(s) de Tradução</b>	<b>Comentário Crítico</b>
1. My drink was wet and depressing.	A minha bebida tinha um sabor deprimente.	Redução / Modulação	Omissão do detalhe sobre o baixo teor alcoólico, o que

			enfraquece a imagem original.
2. I felt like a hole in the ground.	Sentia-me capaz de me enfiar pelo chão abaixo.	Substituição / Modulação	A tradução aproxima-se do sentido, mas retira o tom existencialista e abstrato da metáfora original.
3. I just set out in the right direction (...)	Tomei a direção indicada (...)	Erro / Tradução Literal	<i>Right</i> aqui tem o sentido de <i>correta</i> , não de <i>indicada</i> . Tradução demasiado literal.
4. (...) counting the blocks under my breath (...)	(...) contando os quarteirões à medida que avançava ofegante (...)	Particularização	Adição de <i>ofegante</i> não se justifica no original e altera a percepção da ação.
5. (...) my feet only slightly swollen (...)	(...) me doíam um pouco os pés (...)	Compensação mal aplicada	Inchaço ligeiro foi transformado em dor; mudança de sintoma altera a interpretação física da personagem.
6. (...) my ears went funny (...)	(...) as minhas orelhas adquiriram um formato estranho (...)	Erro / Tradução Literal	Expressão idiomática mal traduzida refere-se a uma sensação auditiva, não física. Ainda mais o facto de a personagem só ter visto as suas orelhas depois de ver o seu reflexo.
7. (...) simultaneous	(...) tradutor simultâneo (...)	Erro	Tradução de função por processo: deveria

interpretar (...)			ser <i>intérprete de conferência</i> ou <i>intérprete simultâneo</i> .
8. I never feel so much myself as when I'm in a hot bath.	Não me sinto como se fosse eu, ali, a tomar um banho quente.	Varição / Modulação	Frase alterada significativamente; perda da afirmação identitária.
9. (...) like a hula fringe.	(...) tanga de hula-hula.	Erro	Erro terminológico: <i>fringe</i> refere-se a franjas, não a uma <i>tanga</i> .
10. (...) moustached woman (...)	(...) com buço (...)	Modulação / Varição (tom e dialeto social)	A escolha de <i>buço</i> altera o tom e gênero atribuído à personagem.
11. (...) my mother scrimped to give me, and college, with crewing in the mist before breakfast and black-bottom pies and the little new firecrackers of ideas going off every day (...)	(...) a minha mãe se esforçava por me proporcionar; e, mais tarde, da faculdade, das pequenas exaltações e fantasias que em breve se desvaneciam quotidianamente (...)	Redução / Varição (tom e dialeto social)	Perde-se a cadência poética e a energia criativa da metáfora original.

12. (...) and I wished with all my heart I could crawl into her and spend the rest of my life barking out one idiom after another.	(...) e a pensar quão feliz seria se fosse capaz de assumir a sua identidade e ficar o resto da vida a debitar idioma atrás de idioma.	Redução / Substituição (paralinguística)	Perda do tom emocional e visceral da frase original; torna-se mais descritivo e menos íntimo.
13. (...) behind their labelled microphones (...)	(...) pairando por detrás dos seus microphones (...)	Redução / Substituição / Variação	<i>Labelled</i> foi omitido; alteração do ritmo da imagem metafórica do original.
14. (...) stranding me in the middle of a huge silence.	(...) deixando-me envolta num profundo silêncio.	Erro / Redução / Variação	Interrompe a metáfora do navio iniciada antes; perda de coerência figurativa.
15. The trouble was, I hated the idea of serving men in any way.	O problema era que eu detestava a ideia de estar ao serviço de outros.	Erro	Remove a dimensão de género da frase original, esvaziando a crítica feminista.
16. (...) I felt dreadfully inadequate.	(...) senti-me terrivelmente inútil.	Generalização	<i>Inadequada</i> tem uma carga mais social e psicológica; <i>inútil</i> distorce esse impacto.
17. (...) like a fat purple fig (...)	(...) qual figo viçoso e succulento (...)	Variação tonal	Elimina a dimensão visual concreta da imagem e a sensualidade implícita no original.

18. (...) was Ee Gee, the amazing editor (...)	(...) Eee Gee, o brilhante redator (...)	Variação / Redução (perspetiva feminina)	Interpretação mais masculina e genérica da personagem; omissão da perspetiva da narradora.
19. He'd go to a whore if he had to and keep the woman he loved free of all that dirty business.	Sempre que tivesse necessidade, ia a uma casa de passe, não conspurcando deste modo a mulher amada.	Equivalente errado / Generalização	<i>Casa de passe</i> é um termo antiquado e demasiado eufemístico; omite a crítica à hipocrisia masculina.
20. (...) considerate (...)	(...) discreto (...)	Variação	Tradução não capta a ternura e atenção implícitas na palavra original.

A análise da tabela comparativa 3 revela que as técnicas de tradução mais recorrentes nos excertos selecionados foram a amplificação, a generalização, a modulação, a redução, a substituição e a variação. Estas técnicas indicam que, na maioria dos casos, as alterações efetuadas pelo tradutor envolveram não apenas adaptações linguísticas, mas transformações substanciais ao nível da estrutura discursiva e da construção de sentido.

A amplificação, por exemplo, permitiu a introdução de elementos explicativos ou descritivos que não estavam presentes no texto original, enquanto a generalização implicou a substituição de termos mais específicos por expressões de alcance mais amplo. A modulação resultou em mudanças de perspetiva, tom ou foco da enunciação, refletindo uma tentativa de aproximação ao funcionamento discursivo da língua de chegada. Já a redução e a substituição corresponderam à omissão ou troca de determinados elementos linguísticos e culturais, o que, nalguns casos, afetou a intensidade emocional, a precisão conceptual ou a marca cultural do texto original.

Estas escolhas tradutivas, embora possam ser justificadas nalgumas instâncias por necessidades de fluidez, adequação cultural ou exigências editoriais, resultaram, em diversos casos, numa leitura significativamente distinta da proposta por Sylvia Plath. A comparação entre os dois textos evidencia que certas passagens perdem densidade semântica, ambiguidade e força estilística, sobretudo na forma como é construída a representação da experiência feminina e da saúde mental.

Comparando as duas versões da obra, é possível verificar que alguns dos exemplos analisados geram um afastamento entre o leitor e a mensagem original, ao simplificar ou desviar a expressão de estados emocionais complexos, ambivalentes ou perturbadores que caracterizam a voz narrativa da protagonista.

Além disso, a análise revelou algumas inconsistências terminológicas ao longo da tradução, que sugerem falhas no controlo de qualidade do processo tradutivo. Um exemplo evidente é a variação na tradução do termo “stile”, que não é mantida de forma uniforme nos vários contextos em que aparece. Estas falhas poderiam ter sido evitadas com a utilização de ferramentas de Tradução Assistida por Computador (TAC) e a implementação de um processo de *Quality Assurance* eficaz. Como referem Bowker and Pearson (2002), o uso sistemático de ferramentas de TAC pode ajudar a garantir a consistência terminológica, especialmente em textos com repetições ou vocabulário especializado.

Em ambientes profissionais, é comum que estas ferramentas não permitam a finalização de um projeto sem a execução de uma verificação de QA automatizada, e que seja exigida uma revisão final rigorosa antes da entrega do produto traduzido. A ausência desse tipo de controlo pode ter contribuído para incoerências e omissões que prejudicam a coesão e consistência do texto de chegada.

É também de salientar a ocorrência de erros resultantes da falta de investigação terminológica ou cultural, como a tradução inadequada de “fringe” por “tanga”, ou a má interpretação de expressões idiomáticas cujo significado foi deturpado. Estas escolhas não podem ser atribuídas a preferências estilísticas conscientes, mas sim a lacunas de compreensão e preparação por parte do tradutor.

Segundo L. Molina and A. Albir (2002), a aplicação eficaz de uma técnica de tradução requer uma combinação de competências linguísticas, extralinguísticas, heurísticas e profissionais, incluindo a capacidade de documentar-se adequadamente e avaliar

criticamente as opções disponíveis. Nestes casos, as decisões tomadas comprometem a fidelidade ao tom, à intenção e ao equilíbrio expressivo do texto original, provocando desvios significativos na recepção da obra por parte do leitor.

As instâncias analisadas foram selecionadas precisamente porque geraram, numa leitura pessoal, interpretações distintas entre a versão original e a versão traduzida. Ao confrontar as duas leituras, tornou-se evidente que certos trechos da tradução conduzem a uma experiência diferente da proposta por Plath, muitas vezes esvaziando a dimensão simbólica, emocional ou crítica que caracteriza a sua escrita.

Estas observações confirmam que, embora a tradução literária envolva sempre um certo grau de interpretação e adaptação, é fundamental que as decisões tradutivas sejam sustentadas por um processo informado, reflexivo e tecnicamente rigoroso. Como defendem os próprios autores do modelo funcionalista, “a tradução é uma operação comunicativa, sujeita a múltiplas variáveis, que exige do tradutor uma atuação estratégica, consciente e contextualizada” (L. Molina & A. Albir, 2002).

### 3.1 Discussão

A presente discussão propõe uma reflexão crítica sobre os resultados da análise desenvolvida no Capítulo 4, centrada na comparação de excertos selecionados dos capítulos 2, 7 e 15 de “The Bell Jar”, de Sylvia Plath, com a respectiva tradução portuguesa. A análise baseou-se no modelo de técnicas de tradução proposto por L. Molina and A. Albir (2002), articulando teoria e prática tradutiva segundo uma perspectiva funcionalista. Esta abordagem permitiu avaliar de que forma as escolhas do tradutor impactam a representação da saúde mental e da psique feminina, a preservação do tom e estilo de Plath e a resolução de desafios culturais e linguísticos.

Através da análise de exemplos concretos, foi possível identificar padrões de intervenção tradutiva que, embora válidos do ponto de vista da aceitabilidade linguística, por vezes comprometeram o efeito estilístico e psicológico do texto original. No Capítulo 2, observou-se o uso da modulação em passagens em que o ponto de vista é reconfigurado para se adequar ao funcionamento discursivo do português europeu.

Em certos casos, esta técnica revelou-se eficaz na naturalização do discurso, mas noutros provocou uma suavização do tom, reduzindo a carga emocional ou simbólica da narrativa. Por exemplo, numa das ocorrências analisadas, a alteração do foco de uma construção mais direta para uma formulação mais interpretativa desloca o impacto da frase, afetando o ritmo e a densidade estilística da voz narrativa.

A técnica de particularização, identificada sobretudo no Capítulo 7, foi utilizada para tornar mais específicas expressões relativamente neutras do original. Esta decisão tradutiva pode ter sido motivada pela necessidade de clarificação ou de adequação cultural, mas, em certos casos, a especificidade introduzida pela tradução não corresponde à ambiguidade intencional do texto original. Em “The Bell Jar”, a imprecisão é frequentemente usada como marca do estado psicológico da narradora, pelo que a sua eliminação afeta a construção do tom.

A amplificação foi usada com regularidade ao longo dos capítulos analisados, geralmente com o objetivo de tornar certos trechos mais acessíveis ou de explicitar informações implícitas. No entanto, essa técnica, quando aplicada sem contenção, resultou em reformulações que aproximam o texto da paráfrase, esbatendo a tensão formal e

expressiva característica da escrita de Plath. Esta tendência foi especialmente visível no Capítulo 15, onde a adição de elementos explicativos alterou o grau de opacidade de determinadas frases, com impacto direto na leitura emocional da cena. Molina e Hurtado Albir alertam precisamente para este risco: a amplificação pode ser útil em contextos culturais complexos, mas compromete a eficácia da tradução quando interfere com o subtexto ou o estilo.

Verificou-se ainda a presença de calque e tradução literal, técnicas que, apesar de poderem preservar a estrutura ou terminologia do original, nem sempre resultaram numa formulação natural em português. Em algumas das frases analisadas, o uso do calque introduziu rigidez sintática ou fórmulas pouco idiomáticas, o que perturba a fluência e afeta a receção da mensagem. Isto demonstra a importância de avaliar cada técnica não apenas em termos de fidelidade estrutural, mas sobretudo em função da sua adequação ao novo contexto.

A criação discursiva, por outro lado, surgiu como uma solução pontual, mas eficaz na recriação de expressões com valor cultural ou estilístico específico. Em passagens onde a equivalência literal seria insatisfatória, o tradutor optou por reformular de modo criativo, preservando a intenção comunicativa e o efeito global. Esta técnica mostrou-se particularmente produtiva na tradução de figuras de estilo ou metáforas que não têm paralelo direto na língua de chegada, cumprindo assim uma das funções centrais da abordagem funcionalista: adaptar a tradução ao propósito comunicativo, sem perder de vista a função estética do texto.

Globalmente, a análise dos excertos revela uma estratégia tradutiva orientada por critérios de legibilidade e fluidez, mas nem sempre consciente das implicações estilísticas das escolhas efetuadas. A escrita de Plath exige do tradutor uma atenção constante às tensões formais e semânticas do texto, bem como às suas marcas de ambiguidade, hesitação e densidade emocional. Ao privilegiar técnicas que suavizam ou clarificam essas características, a tradução acaba por modelar a voz narrativa de forma distinta, com impacto direto na receção do tema da saúde mental.

A abordagem funcionalista permitiu compreender que a tradução não é um processo neutro nem mecânico, mas um conjunto de decisões informadas por fatores culturais, linguísticos e pragmáticos. O estudo realizado confirma que as técnicas de tradução devem ser avaliadas em função da sua adequação ao género textual, ao público-alvo e à

intenção comunicativa do texto original. Ao aplicar este modelo a “The Bell Jar”, foi possível demonstrar como diferentes procedimentos técnicos influenciam a reconstrução da voz da protagonista e a transmissão de significados associados à sua experiência interior.

Apesar de o corpus se ter limitado a três capítulos, os dados analisados oferecem indícios relevantes sobre a coerência global da estratégia tradutiva adotada. Este trabalho confirma ainda que a tradução literária de obras centradas na interioridade e no trauma exige mais do que precisão linguística; requer sensibilidade estética, consciência cultural e um posicionamento ético claro por parte do tradutor. Futuras investigações poderão expandir este estudo a outros trechos da obra, incorporar a perspectiva do tradutor ou articular a análise textual com dados de recepção, aprofundando o diálogo entre prática tradutiva, teoria funcionalista e crítica literária.

### **3.2 Desafios encontrados**

A realização deste trabalho implicou vários desafios, tanto no plano pessoal como acadêmico. Conciliar a investigação com a vida profissional foi uma das maiores dificuldades. Gerir o tempo entre o trabalho, a escrita e a leitura exigiu disciplina e resiliência, especialmente nos momentos em que a fadiga ameaçava a motivação.

Durante a análise, nem sempre foi fácil distinguir entre o que poderia ser considerado um erro tradutivo, uma escolha estilística ou uma marca de linguagem com conotações ideológicas, como expressões com carga machista. A linha entre a interpretação crítica e a objetividade por vezes esbate-se, e encontrar o equilíbrio entre ambas foi um processo exigente.

Também enfrentei o desafio de organizar ideias que, por vezes, me pareciam demasiado amplas ou complexas para serem totalmente exploradas dentro da estrutura da dissertação. Houve momentos em que tive dificuldade em condensar tudo o que queria dizer num percurso argumentativo claro e focado, o que exigiu várias reestruturações e reescritas.

Apesar das dificuldades, este processo permitiu-me crescer enquanto investigadora e enquanto leitora crítica. Foi também um exercício de aprendizagem constante sobre tradução, sobre linguagem, e sobre a forma como interpretamos e damos voz a realidades tão delicadas como a saúde mental e a identidade feminina.

## **CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO**

---

A análise comparativa das traduções de “The Bell Jar” revelou que as decisões tradutivas têm impacto significativo na forma como a saúde mental, o género e a voz narrativa feminina são representados. Ao observar microsegmentos textuais, foi possível identificar alterações subtis, mas com repercussões importantes no tom, na carga simbólica e na construção identitária da protagonista.

A aplicação do modelo de técnicas de tradução proposto por L. Molina and A. Albir (2002) permitiu sistematizar essa observação, evidenciando, por exemplo, a tendência para a modulação, redução e substituição de termos com carga emocional ou feminista. Em alguns casos, como na substituição de “man” por “pessoa”, verificou-se uma neutralização que pode ser interpretada como anulação do género, comprometendo a leitura crítica proposta por Sylvia Plath. A parcialidade (ainda que, por vezes, involuntária) confronta-se diretamente com a ideia de invisibilidade do tradutor, debatida por vários teóricos da tradução. Esta tensão revela-se particularmente relevante quando se traduzem obras marcadamente autobiográficas e de crítica social, como é o caso em estudo.

A presença de erros e omissões também apontou para a falta de conhecimento especializado, algo que prejudica a qualidade das traduções, sobretudo em literatura. Apesar da crescente automatização e da valorização da eficiência no mercado de tradução, a tradução literária continua a exigir sensibilidade, preparação técnica e cultural, e uma consciência clara do papel ético do tradutor. A ausência de revisão adequada e de ferramentas de controlo de qualidade, bem como a desvalorização económica do trabalho tradutivo, refletem-se na perda de nuances essenciais.

Neste sentido, torna-se pertinente questionar até que ponto determinadas escolhas são intencionais ou fruto de um enviesamento estrutural, e que impacto têm na transmissão da mensagem original. Sabemos que, em múltiplas esferas, o olhar masculino dominou os processos de mediação e seleção textual. Neste caso, não se pode ignorar que a substituição de expressões com forte marca de género por termos neutros pode contribuir para uma anulação simbólica da mulher no texto traduzido.

Assim, a grande conclusão deste trabalho prende-se com a necessidade de traduzir “The Bell Jar” não apenas de uma língua para outra, mas de uma perspetiva interna, profundamente marcada pela experiência feminina, para outra cultura, sem perder a densidade simbólica, emocional e identitária que a obra carrega. A tradução deve, por

isso, ser também um exercício de escuta e restituição da alteridade, sobretudo quando essa alteridade é uma voz historicamente silenciada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Ahad, A. A., Sanchez-Gonzalez, M., & Junquera, P. (2023). Understanding and Addressing Mental Health Stigma Across Cultures for Improving Psychiatric Care: A Narrative Review. *Cureus*, 15(5), e39549. <https://doi.org/10.7759/cureus.39549>
- Alegre, T., & Herget, K. (2021). *Tradução especializada: domínios, géneros textuais e contextos de comunicação: estudos no par linguístico alemão-português*. UA Editora. <https://doi.org/10.48528/xzqa-pf89>
- Association, A. P. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição (DSM-5)*.
- Baker, M. (2018). *In Other Words: A Coursebook on Translation*. Taylor & Francis. <https://books.google.ee/books?id=1u-XtQEACAAJ>
- Berman, A. (1999). *La traduction et la lettre, ou, L'auberge du lointain*. Seuil. <https://books.google.ee/books?id=mrPIAAAAMAAJ>
- Berton Costa, P., & Maia Amorim, L. (2019). Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, 48(3), 1227-1247. <https://doi.org/10.21165/el.v48i3.2331>
- Bowker, L., & Pearson, J. (2002). *Working with Specialized Language: A Practical Guide to Using Corpora*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203469255>
- Brontë, C. (03-2011). *Jane Eyre* (A. Rocha, Trans.). Editorial Presença. [https://www.wook.pt/livro/jane-eyre-charlotte-bronte/10643705?srsltid=AfmBOoqvLY-2siWQaMYd3OPDZJ6Q4-MaZ8BmpCps0keLRU\\_7bn6H5CF](https://www.wook.pt/livro/jane-eyre-charlotte-bronte/10643705?srsltid=AfmBOoqvLY-2siWQaMYd3OPDZJ6Q4-MaZ8BmpCps0keLRU_7bn6H5CF)
- Chandley MJ, O. G. (2012). *The Neurobiological Basis of Suicide, Noradrenergic Dysfunction in Depression and Suicide*. CRC Press/Taylor & Francis. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK107205/>
- Costa, J. (2025). *Entrevista com Investigadora – Neurobios* [Interview]. Neurobios;
- Davis, A. (2023). *Mulheres, Raça e Classe* (O. Negro, Ed.). [https://www.wook.pt/livro/mulheres-raca-e-classe-angela-davis/28504963?srsltid=AfmBOoqSnkxIGj\\_Lp075jrbCpZYaOHBL7mE-Prq9vyoBKF6Va3wsd-2J](https://www.wook.pt/livro/mulheres-raca-e-classe-angela-davis/28504963?srsltid=AfmBOoqSnkxIGj_Lp075jrbCpZYaOHBL7mE-Prq9vyoBKF6Va3wsd-2J)
- Delisle, J., & René, A. (2003). *La traduction raisonnée: manuel d'initiation à la traduction professionnelle, anglais, français : méthode par objectifs d'apprentissage*. Presses de l'Université d'Ottawa. <https://books.google.ee/books?id=av4eUTxhuvEC>
- Eco, U. (1979). *A Theory of Semiotics*. Indiana University Press. <https://books.google.ee/books?id=BoXO4ItsuaMC>
- Eco, U. (2006). *Dire quase a mesma coisa: Experiências de tradução*. Difel.
- Fornaro, M., Clementi, N., & Fornaro, P. (2009). Medicine and psychiatry in Western culture: Ancient Greek myths and modern prejudices. *Annals of General Psychiatry*, 8(1), 21. <https://doi.org/10.1186/1744-859X-8-21>
- Goodwin, G. M. (2006). Depression and associated physical diseases and symptoms. *Dialogues Clin Neurosci*, 8(2), 259-265. <https://doi.org/10.31887/DCNS.2006.8.2/mgoodwin>
- Guerini, A. (2008). Umberto Eco. Quase a mesma coisa: experiências de tradução. *Cadernos de Tradução, 1*. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2008v1n21p172>

- Gulland, A. (2016). Women have higher rates of mental disorders than men, NHS survey finds. *BMJ*, 354, i5320. <https://doi.org/10.1136/bmj.i5320>
- Harrington, C. (2021). What is “Toxic Masculinity” and Why Does it Matter? *Men and Masculinities*, 24(2), 345-352. <https://doi.org/10.1177/1097184x20943254>
- Jakobson, R. (1959). On Linguistic Aspects of Translation. In B. Reuben Arthur (Ed.), *On Translation* (pp. 232-239). Harvard University Press. <https://doi.org/doi:10.4159/harvard.9780674731615.c18>
- Katan, D. (2009). Translation Theory and Professional Practice: A Global Survey of the Great Divide. *HERMES - Journal of Language and Communication in Business*, 22(42), 111-153. <https://doi.org/> <https://doi.org/10.7146/hjlc.v22i42.96849>
- Kaur, S. T., Kanika; Saini, Prabhjot; Kaur, Harjot; Kaur, Jasbir. (2016). Myths & Misconceptions of Mental Illness and Health Seeking Behaviour of Adults. *International Journal of Community Health & Medical Research*, 2(3), 3. <https://doi.org/10.21276/ijchmr.2016.2.3.02>
- Kemp, S. (1985). Modern Myth and Medieval Madness: Views of Mental Illness in the European Middle Ages and Renaissance. *New Zealand Journal of Psychology*, 14(1). <https://www.psychology.org.nz/journal-archive/NZJP-Vol141-1985-1-Kemp.pdf>
- Kendler, K. S., Tabb, K., & Wright, J. (2022). The Emergence of Psychiatry: 1650-1850. *Am J Psychiatry*, 179(5), 329-335. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.21060614>
- Kirkpatrick, C., & Lee, S. (2022). Comparisons to picture-perfect motherhood: How Instagram's idealized portrayals of motherhood affect new mothers' well-being. *Computers in Human Behavior*, 137, 107417. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2022.107417>
- Margot, J. C. (1979). *Traduire sans trahir: la théorie de la traduction et son application aux textes bibliques*. Age d'homme. <https://books.google.ee/books?id=PqaD2BTkw5AC>
- Melo, J. C. (2021). *Refêns das Próprias Emoções* (B. Editora, Ed.).
- Molina, L., & Albir, A. (2002). Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. *Meta: Journal des traducteurs*, 47, 498. <https://doi.org/10.7202/008033ar>
- Molina, L., & Albir, A. H. (2002). Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. *Meta: Journal des traducteurs*, 47(4), 498-512. <https://doi.org/10.7202/008033ar>
- Munday, J. (2016). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315691862>
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Prentice Hall.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Brill Academic Publishers (Leiden).
- Nida, E. A., & Taber, C. R. (2003). *The Theory and Practice of Translation*. Brill. <https://books.google.ee/books?id=JtSeXat1wxQC>
- Nord, C. (1992). Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis. *The Modern Language Journal*. <https://doi.org/https://doi.org/10.2307/330103>
- Pessoa, F. (03-2006). *Guardador de Rebanhos e Outros Poemas* <https://www.wook.pt/livro/guardador-de-rebanhos-e-outras-poemas-fernando-pessoa/178285?srsId=AfmBOopGN93eXyB4LkFh9y-oBkpoTP6V5JxMHZC9cqNuYGa1yfXgRlyM>

- Pessoa, F. (09-2014). *Livro do desassossego*. Assírio & Alvim. <https://www.assirio.pt/produtos/ficha/livro-do-desassossego/15927265>
- Plath, S. (1966). *The Bell Jar* (L. F. a. Faber, Ed. 1966 ed.). <https://www.gutenberg.ca/ebooks/plaths-belljar/plaths-belljar-00-h.html>
- Plath, S. (2016). *A Campânula de Vidro* (M. Avelar, Trans.; Vol. 1). Relógio D'Água. (1963)
- Pym, A. (2012). *On translator ethics: Principles for mediation between cultures*. John Benjamins.
- Reiss, K., Rhodes, E. F., & Society, A. B. (2000). *Translation Criticism, the Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*. St. Jerome Pub. [https://books.google.ee/books?id=Dfc\\_AQAAIAAJ](https://books.google.ee/books?id=Dfc_AQAAIAAJ)
- Robertson, C., & Mortimer, A. (2022). Quantitative EEG (qEEG) guided transcranial magnetic stimulation (TMS) treatment for depression and anxiety disorders: An open, observational cohort study of 210 patients. *Journal of Affective Disorders*, 308, 322-327. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.04.076>
- Saúde, O. M. d. (2019). *International Classification of Diseases, 11th Revision*. <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/en>
- Schaeffner, C. (2004). Political Discourse Analysis from the point of view of Translation Studies. *Journal of Language and Politics*, 3, 117-150. <https://doi.org/10.1075/jlp.3.1.09sch>
- Searls, D. (2023, November 13, 2023). *How to translate a Nobel-winning author (and 700-page sentence)* [Interview]. The Harvard Gazette. [https://news.harvard.edu/gazette/story/2023/11/alum-damion-searls-on-art-of-translating-nobel-winning-author-jon-fosse/?utm\\_source=chatgpt.com](https://news.harvard.edu/gazette/story/2023/11/alum-damion-searls-on-art-of-translating-nobel-winning-author-jon-fosse/?utm_source=chatgpt.com)
- Searls, J. F. D. (2022, October 4, 2022). *The National Book Award Interviews: Jon Fosse & Damion Searls* [Interview]. Words Without Borders. [https://wordswithoutborders.org/read/article/2022-10/the-national-book-award-interviews-jon-fosse-damion-searls/?utm\\_source=chatgpt.com](https://wordswithoutborders.org/read/article/2022-10/the-national-book-award-interviews-jon-fosse-damion-searls/?utm_source=chatgpt.com)
- Sun, Y. (2022). Literary translation and communication [Original Research]. *Frontiers in Communication, Volume 7 - 2022*. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2022.1073773>
- Tasca, C., Rapetti, M., Carta, M. G., & Fadda, B. (2012). Women and hysteria in the history of mental health. *Clin Pract Epidemiol Ment Health*, 8, 110-119. <https://doi.org/10.2174/1745017901208010110>
- Tasca, C. R., M., Carta, M. G., & Fadda, B. (2012). Women and hysteria in the history of mental health. *Clin Pract Epidemiol Ment Health*, 8, 110-119. <https://doi.org/10.2174/1745017901208010110>
- Venuti, L. (2008). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Routledge. [Record #39 is using a reference type undefined in this output style.]
- Verniers, C., Bonnot, V., & Assilaméhou-Kunz, Y. (2022). Intensive mothering and the perpetuation of gender inequality: Evidence from a mixed methods research. *Acta Psychologica*, 227, 103614. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103614>
- Vinay, J. P., Darbelnet, J., & Darbeinet, J. L. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Didier. <https://books.google.ee/books?id=yQzWAAAAMAAJ>
- Waham, J. (2023). THE INTERSECTION OF MENTAL ILLNESS AND CREATIVITY IN THE WORKS OF SYLVIA PLATH, INCLUDING “THE BELL JAR”. *European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies*, 7. <https://doi.org/10.46827/ejll.v7i1.443>



## **Apêndice I – Análise do artigo "Técnicas de Tradução Revisitadas: uma Abordagem Dinâmica e Funcionalistas"**

O artigo defende que, para analisar traduções de forma eficaz, é necessário recorrer não só a categorias textuais, contextuais e de processo, mas também a técnicas de tradução, especialmente quando se estudam microunidades de texto (segmentos pequenos e específicos). Estas técnicas permitem identificar e descrever com precisão as escolhas feitas pelo tradutor em cada caso, o que não é possível apenas com as categorias tradicionais.

No entanto, existe bastante confusão na área quanto ao uso dos termos tese “técnicas”, “estratégias” e “procedimentos”, que muitas vezes se sobrepõem ou são usados como sinónimos, sem consenso claro. O artigo procura, por isso, clarificar esta terminologia e apresentar uma definição e classificação funcional de técnicas de tradução, com base num estudo sobre a tradução de “Cem Anos de Solidão” para árabe.

Abordagens influentes na classificação das técnicas de tradução como a de Vinay et al. (1958) cuja obra pioneira “*Stylistique comparée du français et de l’anglais*” propôs sete procedimentos técnicos de tradução, divididos entre tradução direta (literal) e oblíqua, consoante o grau de equivalência entre as línguas. A tradução literal só seria viável entre línguas muito próximas.

A segunda abordagem vem dos tradutores da Bíblia, como Nida, Taber e Margot, que focaram a transferência cultural e propuseram técnicas de ajuste (acréscimos, supressões e alterações) para adaptar a forma, sentido e estilo da mensagem à língua de chegada, mantendo o efeito comunicativo (Margot, 1979; Nida, 1964; Nida & Taber, 2003).

Nida também destaca o uso de notas de rodapé como técnica de ajuste, úteis para explicar diferenças culturais ou históricas, esclarecer nomes próprios, jogos de palavras, medidas, entre outros aspetos que carecem de equivalência direta. A contribuição de Delisle and René (2003) consiste numa revisão e adaptação dos procedimentos propostos por Vinay et al. (1958), mantendo o termo "procedimento" para as suas técnicas, mas introduzindo também outras categorias com terminologia distinta, como estratégias de tradução, erros de tradução e operações cognitivas.

Delisle propõe ainda uma simplificação das dicotomias presentes na obra SCFA, reduzindo os pares reforço/condensação e amplificação/economia ao par reforço/economia. O reforço ocorre quando se usam mais palavras na tradução do que no original para exprimir a mesma ideia, e pode ser de três tipos: dissolução, explicitação e perífrase.

Por outro lado, a economia implica o uso de menos palavras e inclui concentração, implicação e concisão. Estas categorias refletem uma tentativa de clarificar e sistematizar os mecanismos tradutivos, respeitando a base clássica, mas oferecendo uma abordagem mais funcional e cognitiva. Newmark (1988) adota igualmente o termo procedimentos para classificar tanto as propostas dos linguistas comparativos como as dos tradutores da Bíblia, além de incluir algumas categorias próprias. Uma das suas contribuições principais é a possibilidade de combinar vários procedimentos numa mesma solução tradutiva, que ele designa como duplas, triplas ou quádruplas. Além disso, Newmark introduz a sinonímia como uma nova categoria, alargando assim o leque de opções disponíveis para resolver problemas tradutivos de forma flexível e contextualizada.

Destacam ainda três grandes fontes de confusão: terminológica, conceptual e metodológica. Em primeiro lugar, há uma diversidade de termos usados para designar os mesmos conceitos (como “procedimentos”, “estratégias” ou “técnicas”), o que dificulta a comunicação e a consistência entre classificações. Em segundo lugar, confunde-se frequentemente o processo de tradução (o que o tradutor faz) com o resultado da tradução (o que é obtido no texto final); por exemplo, os procedimentos de Vinay et al. (1958) descrevem o resultado textual, mas são apresentados como parte do processo. Os autores argumentam que deve distinguir-se claramente entre método (a abordagem global adotada para traduzir todo o texto), estratégia (mecanismos usados durante o processo para resolver problemas) e técnica (a solução concreta adotada numa microunidade textual).

Em terceiro lugar, critica-se a confusão entre problemas linguísticos entre línguas (linguistic pair issues) e problemas tradutivos reais entre textos (text pair issues), apontando que as técnicas propostas por Vinay e Darbelnet muitas vezes refletem imposições linguísticas entre o francês e o inglês, e não verdadeiras escolhas tradutivas feitas em contexto. Assim, defende-se que muitas dessas “técnicas” devem ser vistas antes como características estruturais das línguas, e não como opções tradutivas.

Lucía Molina e Amparo Hurtado Albir escreveram este artigo como uma tentativa de clarificar um campo de estudo que, segundo elas, estava repleto de confusão terminológica e conceptual: o das técnicas de tradução (L. Molina & A. Albir, 2002). O artigo foi publicado em 2002 na *Meta: Journal des Traducteurs*, um periódico de referência na área da tradução. As autoras defendem uma abordagem funcionalista e dinâmica para a análise das técnicas tradutivas, reconhecendo a multiplicidade de fatores que influenciam uma tradução (o par linguístico, o contexto cultural, o género textual, o público-alvo, o objetivo comunicativo, etc.).

O artigo é metucioso ao distinguir três níveis de decisão na tradução: Método de tradução: estratégia global aplicada a todo o texto (ex. literal, comunicativa, semântica, adaptativa); Estratégia de tradução: tática ou plano de ação consciente ou inconsciente usado para resolver problemas durante o processo de tradução; Técnicas de tradução: procedimentos específicos aplicados a microunidades textuais (como palavras, sintagmas ou frases) observáveis a posteriori no texto traduzido.

Essa separação é importante porque permite evitar confusões como as que existiam em modelos anteriores, onde frequentemente "estratégia" e "técnica" eram usados como sinónimos. Molina e Hurtado Albir propõem uma lista de 18 técnicas de tradução como já mencionei anteriormente no trabalho. A inovação principal do artigo está na abordagem dinâmica: as técnicas não são boas nem más por si mesmas, e a sua escolha depende de fatores situacionais. Isso alinha-se com os princípios do funcionalismo (influenciado por autores como Hans Vermeer e Katharina Reiss (Reiss et al., 2000; Vermeer, 1989)), que valorizam a adequação da tradução ao seu propósito (skopos). A tradução deixa de ser vista como uma simples equivalência palavra-por-palavra, e passa a ser uma atividade comunicativa contextualizada.

Para validar a sua proposta, as autoras aplicaram a classificação a um estudo sobre a tradução de “Cem Anos de Solidão” para o árabe, focando-se na tradução de elementos culturais. Este estudo demonstrou a utilidade das técnicas propostas para categorizar e analisar como os tradutores lidam com realidades culturais diferentes, e como adaptam o texto à língua de chegada. Este artigo tornou-se altamente citado e é hoje uma referência na formação de tradutores: ajuda os estudantes a identificar e analisar decisões tradutivas em nível microtextual, na crítica tradutiva porque fornece uma grelha objetiva de análise textual e na comparação de traduções porque permite estudar variações entre versões e identificar tendências ou estilos individuais.



## Apêndice II – Capítulos a Analisar

O presente apêndice reúne os excertos utilizados na análise comparativa apresentada no Capítulo IV. Os textos correspondem a passagens selecionadas da obra “The Bell Jar”, de Sylvia Plath (1963), e das respectivas traduções para português em “A Campânula de Vidro”, traduzida por Mário Avelar (Relógio D’Água, 2018). Os excertos, retirados dos capítulos 2, 7 e 15 da obra original, foram selecionados pela sua relevância tradutiva, temática e simbólica, permitindo observar com detalhe as diferentes opções de tradução e as suas implicações na construção da voz narrativa, na representação da saúde mental e na transmissão do estilo literário de Sylvia Plath.

<b>Chapter 2</b>	<b>Capítulo 2</b>
<p>I wouldn't have missed Lenny's place for anything.</p> <p>It was built exactly like the inside of a ranch, only in the middle of a New York apartment house. He'd had a few partitions knocked down to make the place broaden out, he said, and then had them pine-panel the walls and fit up a special pine-panelled bar in the shape of a horseshoe. I think the floor was pine-panelled, too.</p>	<p>Por nada deste mundo teria perdido a oportunidade de ver a casa do Lenny.</p> <p>Toda ela era uma fiel reconstituição do interior de um rancho, só que num apartamento em Nova Iorque. Disse-nos que mandara deitar abaixo algumas paredes para ter mais espaço. As restantes paredes tinham sido forradas a pinho, e igualmente de pinho era um bar em forma de</p>

	ferradura que tinha mandado fazer. Creio que o soalho era também de pinho.
<p>Great white bearskins lay about underfoot, and the only furniture was a lot of low beds covered with Indian rugs. Instead of pictures hung up on the walls, he had antlers and buffalo horns and a stuffed rabbit head. Lenny jutted a thumb at the meek little grey muzzle and stiff jackrabbit ears.</p> <p>“Ran over that in Las Vegas.”</p> <p>He walked away across the room, his cowboy boots echoing like pistol shots. “Acoustics,” he said, and grew smaller and smaller until he vanished through a door in the distance.</p> <p>All at once music started to come out of the air on every side. Then it stopped, and we heard Lenny’s voice say “This is your twelve o’clock disc jock, Lenny Shepherd, with a round-up of the tops in pops.</p>	<p>Havia ainda enormes peles de urso espalhadas pelo chão. A mobília consistia apenas em algumas camas baixas de rodízios, cobertas com tapetes índios. Em vez de quadros pendurados nas paredes, tinha chifres de veado e de búfalo, e uma cabeça de coelho empalhada. O Lenny apontou para aquele focinho cinzento de orelhas hirtas.</p> <p>«Atropelei-o em Las Vegas.»</p> <p>Afastou-se, atravessando a sala ao mesmo tempo que as suas botas de cowboy ecoavam como tiros de pistola. «Acústica», disse, e ia-se afastando, até desaparecer numa porta ao fundo.</p> <p>De repente começámos a ouvir música vinda de todos os lados. Então a música parou e ouvimos a voz do Lenny dizer: «Este é o vosso disc-jockey do programa da tarde, Lenny Shepherd, que vos traz os últimos</p>

<p>Number Ten in the wagon train this week is none other than that little yaller-haired gal you been hearin' so much about lately ... the one an' only Sunflower!"</p>	<p>sucessos dos tops. No número dez desta semana encontra-se, nada mais nada menos, do que aquela menina lourinha que tem sido um sucesso ultimamente. . . a famosa Girassol!</p>
<p><i>I was born in Kansas, I was bred in Kansas,</i></p> <p><i>And when I marry I'll be wed in Kansas...</i></p> <p>"What a card!" Doreen said. "Isn't he a card?"</p> <p>"You bet," I said.</p> <p>"Listen, Elly, do me a favour." She seemed to think Elly was who I really was by now.</p> <p>"Sure," I said.</p> <p>"Stick around, will you? I wouldn't have a chance if he tried anything funny. Did you see that muscle?" Doreen giggled.</p>	<p><i>Nasci no Kansas, cresci no Kansas,</i></p> <p><i>E quando casar, será no Kansas...</i></p> <p>«Que ponto!», disse a Doreen. «É um ponto, não é?»</p> <p>«É verdade», respondi.</p> <p>«Ouve Elly, faz-me um favor.» Falou-me como se a minha identidade se tivesse alterado e eu fosse já a Elly.</p> <p>«Claro», disse.</p> <p>«Não te afastes, tá bem? Se ele se armar em engraçado eu não tenho hipóteses nenhuma. Já me viste aqueles músculos?», disse, deixando escapar um riso abafado.</p>

<p>Lenny popped out of the back room. “I got twenty grand’s worth of recording equipment in there.” He ambled over to the bar and set out three glasses and a silver ice-bucket and a big pitcher and began to mix drinks from several different bottles.</p> <p><i>...to a true-blue gal who promised she would wait</i></p> <p><i>She’s the sunflower of the Sunflower State.</i></p> <p>“Terrific, huh?” Lenny came over, balancing three glasses. Big drops stood out on them like sweat, and the ice-cubes jingled as he passed them round. Then the music twanged to a stop, and we heard Lenny’s voice announcing the next number.</p>	<p>O Lenny surgiu do quarto do fundo. «Esta instalação sonora custou-me vinte notas das grandes.» Aproximou-se lentamente do bar, tirou três copos, um balde de gelo prateado, um jarro e começou a misturar bebidas de várias garrafas.</p> <p><i>. . . a uma rapariga que prometera esperar por ele.</i></p> <p><i>Ela é o girassol do Estado do Girassol.</i></p> <p>«Fantástico, não é?» O Lenny aproximou-se com as três bebidas. Gotas escorriam pelos copos como suor, e os cubos de gelo chocalhavam uns nos outros enquanto ele as distribuía. A música parou e então ouvimos de novo a voz do Lenny anunciando a música seguinte.</p>
<p>“Nothing like listening to yourself talk. Say,” Lenny’s eye lingered on me, “Frankie vamoosed, you ought to have somebody, I’ll call up one of the fellers.”</p>	<p>«Não há nada como ouvirmos a nossa própria voz. Olha», o Lenny voltou-se para mim, «o Frankie foi-se embora e tu não tens companhia. Posso telefonar a um dos meus amigos...»</p>

<p>“That’s okay,” I said. “You don’t have to do that.” I didn’t want to come straight out and ask for somebody several sizes larger than Frankie.</p>	<p>«Está bem assim», disse. «Não precisas de o fazer.» Não me quis dar ao trabalho de ter de encomendar alguém uns números acima do Frankie.</p>
<p>Lenny looked relieved. “Just so’s you don’t mind. I wouldn’t want to do wrong by a friend of Doreen’s.” He gave Doreen a big white smile. “Would I, honeybun?”</p> <p>He held out a hand to Doreen, and without a word they both started to jitterbug, still hanging on to their glasses.</p> <p>I sat cross-legged on one of the beds and tried to look devout and impassive like some businessmen I once saw watching an Algerian belly-dancer, but as soon as I leaned back against the wall under the stuffed rabbit, the bed started to roll out into the room, so I sat down on a bearskin on the floor and leaned back against the bed instead.</p>	<p>O Lenny pareceu aliviado. «Se não te importas. Não quero ser antipático com uma amiga da Doreen.» E perguntou-lhe sorrindo: «Não achas, querida?»</p> <p>Estendeu-lhe a mão e sem pronunciarem uma palavra começaram a dançar sem largarem os copos.</p> <p>Sentei-me de perna traçada numa das camas e tentei pôr um ar piedoso e impassível, idêntico ao que observara uma vez nuns homens de negócios que assistiam a um espetáculo de dança do ventre feito por uma argelina, mas assim que me tentei encostar à parede, por debaixo do coelho empalhado, a cama começou a deslizar sala fora, e eu optei por me sentar no chão, em cima de uma pele de urso, em vez de me encostar à cama.</p>

My drink was wet and depressing. Each time I took another sip it tasted more and more like dead water. Around the middle of the glass there was painted a pink lasso with yellow polka dots. I drank to about an inch below the lasso and waited a bit, and when I went to take another sip, the drink was up to lasso-level again.

Out of the air Lenny's ghost voice boomed, "Wye oh wye did I ever leave Wyoming?"

The two of them didn't even stop jitterbugging during the intervals. I felt myself shrinking to a small black dot against all those red and white rugs and that pine-panelling. I felt like a hole in the ground.

There is something demoralizing about watching two people get more and more crazy about each other, especially when you are the only extra person in the room.

A minha bebida tinha um sabor deprimente. Cada vez que levava o copo aos lábios e dava outro gole, mais me parecia estar a beber água estagnada. Sensivelmente a meio do copo havia um laço cor-de-rosa com pintas amarelas. Bebi até um pouco abaixo do nível do laço, esperei um pouco e, quando ia dar outro golo, a bebida tinha voltado ao nível inicial.

A voz espectral do Lenny ressoou no ar: «Porqu'ê, oh, porqu'ê qu'eu deixei o Wyoming?»

Os dois continuavam a dançar sem parar durante o intervalo das músicas. Comecei a sentir-me pequenina, pequenina como uma mancha minúscula que se confundia no meio daqueles tapetes vermelhos e brancos e dos revestimentos de pinho. Sentia-me capaz de me enfiar pelo chão abaixo.

	<p>É desmoralizador observar duas pessoas sentirem-se cada vez mais atraídas uma pela outra, especialmente quando se é a única pessoa a mais na sala.</p>
<p>It's like watching Paris from an express caboose heading in the opposite direction—every second the city gets smaller and smaller, only you feel it's really you getting smaller and smaller and lonelier and lonelier, rushing away from all those lights and that excitement at about a million miles an hour.</p> <p>Every so often Lenny and Doreen would bang into each other and kiss and then swing back to take a long drink and close in on each other again. I thought I might just lie down on the bearskin and go to sleep until Doreen felt ready to go back to the hotel.</p>	<p>A sensação é semelhante à que se vive ao observar Paris de um comboio que dela se afasta a alta velocidade — a cidade vai ficando mais pequena, mais pequena, e, no entanto, sentimos que somos nós quem fica cada vez mais pequenos, cada vez mais sós, ao nos afastarmos velozmente de todas aquelas luzes, de toda aquela excitação.</p> <p>Por várias vezes os corpos do Lenny e da Doreen colaram-se num beijo, para logo de seguida se afastarem para mais um golo, e para de novo se colarem. Pensei então que faria melhor em deitar-me na pele de urso e dormir um pouco até que a Doreen quisesse regressar ao hotel.</p>

<p>Then Lenny gave a terrible roar. I sat up. Doreen was hanging on to Lenny's left earlobe with her teeth.</p> <p>“Leggo, you bitch!”</p> <p>Lenny stooped, and Doreen went flying up on to his shoulder, and her glass sailed out of her hand in a long, wide arc and fetched up against the pine-panelling with a silly tinkle. Lenny was still roaring and whirling round so fast I couldn't see Doreen's face.</p>	<p>Foi nesse instante que o Lenny soltou um terrível urro. Ergui-me. A Doreen estava pendurada pelos dentes no lóbulo da orelha do Lenny.</p> <p>«Larga-me, minha cabra!»</p> <p>O Lenny inclinou-se para a frente e a Doreen ficou suspensa sobre o seu ombro ao mesmo tempo que o copo se soltou da sua mão descrevendo um imenso arco até ir de encontro ao revestimento de pinho produzindo um tilintar idiota. O Lenny continuava a urrar e a rodar sobre si mesmo tão depressa que não conseguia ver a cara da Doreen.</p>
<p>I noticed, in the routine way you notice the colour of somebody's eyes, that Doreen's breasts had popped out of her dress and were swinging out slightly like full brown melons as she circled belly-down on Lenny's shoulder, thrashing her legs in the air and screeching, and then they both started to laugh and slow up, and Lenny was trying to bite</p>	<p>Reparei de forma rotineira, como se repara na cor dos olhos de alguém, que os seios da Doreen tinham pulado do vestido para agora se balançarem como melõezinhos, enquanto ela rodava de barriga para baixo no ombro do Lenny, ao mesmo tempo que agitava as pernas no ar soltando guinchos. De repente, começaram a rir e abrandaram o</p>

<p>Doreen's hip through her skirt when I let myself out the door before anything more could happen and managed to get downstairs by leaning with both hands on the banister and half sliding the whole way.</p>	<p>movimento enquanto o Lenny tentava morder a anca da Doreen através da saia. Decidi sair antes que algo mais pudesse acontecer, e cheguei à porta da rua descendo sempre de lado, apoiando-me com ambas as mãos no corrimão.</p>
<p>I didn't realize Lenny's place had been air-conditioned until I wavered out on to the pavement. The tropical, stale heat the sidewalks had been sucking up all day hit me in the face like a last insult. I didn't know where in the world I was.</p> <p>For a minute I entertained the idea of taking a cab to the party after all, but decided against it because the dance might be over by now, and I didn't feel like ending up in an empty barn of a ballroom strewn with confetti and cigarette-butts and crumpled cocktail napkins.</p> <p>I walked carefully to the nearest street corner, brushing the wall of the buildings on my left with the tip of one finger to steady myself. I</p>	<p>Só compreendi que o apartamento do Lenny tinha ar condicionado no momento em que dei por mim na rua. O calor tropical que os passeios absorviam durante o dia bateu-me na cara como um derradeiro insulto. Não fazia ideia do sítio onde estava.</p> <p>Inicialmente, pensei apanhar um táxi e ir à festa mas mudei de ideias, pois àquela hora o baile já devia ter terminado e não me apetecia acabar a noite num salão de baile vazio, com restos de comida sobre as mesas e pontas de cigarro e guardanapos amachucados no chão.</p> <p>Dirigi-me cuidadosamente até à esquina mais próxima, limpando as paredes dos prédios à minha esquerda com a ponta de um dedo para me</p>

<p>looked at the street sign. Then I took my New York street map out of my pocket-book. I was exactly forty-three blocks by five blocks away from my hotel.</p>	<p>apoiar. Procurei a tabuleta com o nome da rua. Depois, tirei o mapa de Nova Iorque da minha mala de mão. Encontrava-me precisamente à distância de quarenta e três quarteirões por cinco do meu hotel.</p>
<p>Walking has never fazed me. I just set out in the right direction, counting the blocks under my breath, and when I walked into the lobby of the hotel I was perfectly sober and my feet only slightly swollen, but that was my own fault because I hadn't bothered to wear any stockings. The lobby was empty except for a night clerk dozing in his lit booth among the key-rings and the silent telephones. I slid into the self-service elevator and pushed the button for my floor. The doors folded shut like a noiseless accordion. Then my ears went funny, and I noticed a big, smudgy-eyed Chinese woman staring idiotically into my face. It was only me, of course. I was appalled to see how wrinkled and used-up I looked.</p>	<p>Andar nunca me assustou. Tomei a direção indicada, e lá fui contando os quarteirões à medida que avançava ofegante e, quando cheguei à receção do hotel, estava perfeitamente sóbria e apenas me doíam um pouco os pés, mas isso tinha sido culpa minha já que não quisera dar-me ao trabalho de levar meias. A sala de espera estava vazia, exceção feita ao porteiro do turno da noite, sonolento, no seu cubículo, entre o painel das chaves e os telefones silenciosos. Deslizei para o elevador de serviço e carreguei no botão do meu andar. As portas fecharam-se como um acordeão silencioso. Foi então que as minhas orelhas adquiriram um formato estranho e dei de caras com uma</p>

<p>There wasn't a soul in the hall. I let myself into my room. It was full of smoke. At first I thought the smoke had materialized out of thin air as a sort of judgement, but then I remembered it was Doreen's smoke and pushed the button that opened the window vent. They had the windows fixed so you couldn't really open them and lean out, and for some reason this made me furious.</p>	<p>chinesa enorme, com os seus olhos esborratados e idiotas postos em mim. Era apenas eu, como é óbvio. Fiquei espantada com o meu aspeto enrugado e envelhecido.</p> <p>Não havia viva alma no corredor. Entrei no meu quarto. Estava cheio de fumo. A princípio pensei que o fumo se tinha materializado a partir da atmosfera numa espécie de condenação, mas depois lembrei-me que era apenas o fumo dos cigarros da Doreen e abri a bandeira da janela. As janelas tinham sido fixadas para que não as pudéssemos abrir e debruçar para fora o que, por qualquer razão, me pôs furiosa.</p>
<p>By standing at the left side of the window and laying my cheek to the woodwork, I could see downtown to where the UN balanced itself in the dark, like a weird, green, Martian honeycomb. I could see the moving red and white lights along the drive and the lights of the bridges whose names I didn't know.</p>	<p>Posicionada do lado esquerdo da janela e encostando o queixo ao caixilho, podia ver a zona da Baixa onde o edifício das Nações Unidas se equilibrava na escuridão, como uma estranha e verde colmeia extraterrestre. Conseguia ver as luzes vermelhas e brancas cintilando ao longo das ruas, e as luzes de inúmeras pontes cujos nomes desconhecia.</p>

<p>The silence depressed me. It wasn't the silence of silence. It was my own silence.</p>	<p>O silêncio deprimia-me. Não era o silêncio do silêncio. Era o meu próprio silêncio.</p>
<p>I knew perfectly well the cars were making a noise, and the people in them and behind the lit windows of the buildings were making a noise, and the river was making a noise, but I couldn't hear a thing. The city hung in my window, flat as a poster, glittering and blinking, but it might just as well not have been there at all, for all the good it did me.</p>	<p>Sabia muito bem que os carros faziam barulho, assim como as pessoas dentro deles e dentro das casas, e que o próprio rio fazia barulho, mas nenhum desses sons chegava até mim. A cidade estava ali, como um cartaz cintilando, mas, pela parte que me tocava, pelo efeito que tinha em mim, bem podia não estar.</p>
<p>The china-white bedside telephone could have connected me up with things, but there it sat, dumb as a death's head. I tried to think of people I'd given my phone number to, so I could make a list of all the possible calls I might be about to receive, but all I could think of was that I'd given my phone number to Buddy Willard's mother so she could give it to a simultaneous interpreter she knew at the UN.</p>	<p>O telefone branco de porcelana sobre a mesa de cabeceira poderia ter-me ligado aos outros e, todavia, também ele permanecia mudo. Tentei lembrar-me daqueles a quem dera o meu número de telefone para assim poder fazer uma lista de todas as possíveis chamadas que pudesse estar a receber, mas só o dera à mãe do Buddy Willard para ela o passar a alguém seu conhecido que fazia tradução simultânea no edifício das Nações Unidas.</p>

<p>I let out a small, dry laugh.</p> <p>I could imagine the sort of simultaneous interpreter Mrs Willard would introduce me to when all the time she wanted me to marry Buddy, who was taking the cure for TB somewhere in upper New York State. Buddy's mother had even arranged for me to be given a job as a waitress at the TB sanatorium that summer so Buddy wouldn't be lonely. She and Buddy couldn't understand why I chose to go to New York City instead.</p> <p>The mirror over my bureau seemed slightly warped and much too silver. The face in it looked like the reflection in a ball of dentist's mercury. I thought of crawling in between the bed-sheets and trying to sleep, but that appealed to me about as much as stuffing a dirty, scrawled-over letter into a fresh, clean envelope. I decided to take a hot bath.</p>	<p>Soltei uma gargalhada breve e seca.</p> <p>Não me era difícil imaginar o tipo de intérprete que a senhora Willard podia apresentar-me, querendo como ela queria que eu casasse com o seu filho, que se curava de tuberculose num sanatório algures no estado de Nova Iorque. A mãe do Buddy chegara ao ponto de me arranjar um emprego como empregada de mesa durante o verão, no sanatório, para que o filho não se sentisse tão só. Ela e o Buddy não tinham sido capazes de entender por que razão, em contrapartida, eu optara por vir para Nova Iorque.</p> <p>O espelho do meu quarto parecia um pouco empenado e excessivamente prateado. A cara que ali via assemelhava-se ao reflexo num tubo de ensaio com mercúrio. Pensei enfiar-me na cama e tentar adormecer, mas a ideia atraía-me como se fosse enfiar uma carta suja e amarrotada num envelope acabado de comprar. Decidi tomar um banho quente.</p>
--	--

<p>There must be quite a few things a hot bath won't cure, but I don't know many of them. Whenever I'm sad I'm going to die, or so nervous I can't sleep, or in love with somebody I won't be seeing for a week, I slump down just so far and then I say: "I'll go take a hot bath."</p> <p>I meditate in the bath. The water needs to be very hot, so hot you can barely stand putting your foot in it. Then you lower yourself, inch by inch, till the water's up to your neck.</p> <p>I remember the ceilings over every bathtub I've stretched out in. I remember the texture of the ceilings and the cracks and the colours and the damp spots and the light fixtures. I remember the tubs, too: the antique griffin-legged tubs, and the modern coffin-shaped tubs, and the fancy pink marble tubs overlooking indoor lily ponds, and I remember the shapes and sizes of the water taps and the different sorts of soap-holders.</p>	<p>Deve haver certamente algumas coisas que um banho quente não seja capaz de curar, mas eu não conheço muitas. Sempre que estou profundamente triste e penso que vou morrer, ou tão nervosa que não consigo adormecer, ou apaixonada por alguém que não irei ver durante uma semana, colapso e digo a mim própria: «Vou tomar um banho quente.»</p> <p>No banho, medito. A água tem de estar muito quente, a ponto de ser quase impossível pôr o pé lá dentro. A fase seguinte é a de nos enfiarmos dentro dela, muito lentamente, até ficarmos apenas com a cabeça de fora.</p> <p>Lembro-me dos tetos de todas as casas em cujas banheiras me deitei. Recordo-me das texturas dos tetos, das suas falhas, das cores, das manchas e dos acessórios elétricos. Lembro-me das banheiras também: das antigas, grandes, com pés de grifo, e das mais modernas em forma de caixão, e ainda das mais requintadas em mármore, semelhantes a</p>
--	--

	<p>lagos interiores, e lembro-me das formas e dos tamanhos das torneiras e das diferentes espécies de saboneteiras.</p>
<p>I never feel so much myself as when I'm in a hot bath.</p> <p>I lay in that tub on the seventeenth floor of this hotel for-women-only, high up over the jazz and push of New York, for near on to an hour, and I felt myself growing pure again. I don't believe in baptism or the waters of Jordan or anything like that, but I guess I feel about a hot bath the way those religious people feel about holy water.</p> <p>I said to myself: "Doreen is dissolving, Lenny Shepherd is dissolving, Frankie is dissolving, New York is dissolving, they are all dissolving away and none of them matter any more. I don't know them, I have never known them and I am very pure. All that liquor and those sticky kisses I saw and the dirt that settled on my skin on the way back is turning into something pure."</p>	<p>Não me sinto como se fosse eu, ali, a tomar um banho quente.</p> <p>Deixei-me ficar dentro daquela banheira, no décimo andar de um hotel reservado a mulheres, bem acima da azáfama e da balbúrdia de Nova Iorque, durante quase uma hora, e, a pouco e pouco, senti-me renascer, pura. Não acredito no batismo nas águas do Jordão ou em coisas semelhantes, mas acho que o banho quente deve estar para mim como a água benta para os crentes.</p> <p>Disse para comigo: «A Doreen está a dissolver-se, o Lenny Shépherd está a dissolver-se, o Frankie está a dissolver-se, Nova Iorque está a dissolver-se, todos se dissolvem e já não interessam nada. Não os conheço, nunca os conheci e sinto-me pura. Todo aquele álcool, todos</p>

<p>The longer I lay there in the clear hot water the purer I felt, and when I stepped out at last and wrapped myself in one of the big, soft, white, hotel bath-towels I felt pure and sweet as a new baby.</p>	<p>aqueles beijos viscosos que vi, toda a sujidade que se colou ao meu corpo no regresso ao hotel, se dissolve e se torna puro.»</p> <p>Quanto mais tempo permanecia dentro daquela água transparente e quente, mais pura me sentia, e, quando por fim saí da banheira e de me embrulhei na enorme toalha branca e macia, senti-me pura e doce, como um recém-nascido.</p>
<p>I don't know how long I had been asleep when I heard the knocking. I didn't pay any attention at first, because the person knocking kept saying "Elly, Elly, Elly, let me in", and I didn't know any Elly. Then another kind of knock sounded over the first dull, bumping knock—a sharp tap-tap, and another, much crisper voice said "Miss Greenwood, your friend wants you," and I knew it was Doreen.</p> <p>I swung to my feet and balanced dizzily for a minute in the middle of the dark room. I felt angry with Doreen for waking me up. All I stood</p>	<p>Não sei há quanto tempo tinha adormecido, quando ouvi bater à porta. Ao início, não prestei atenção, pois a pessoa que batia não parava de dizer «Elly, Elly, Elly, deixa-me entrar», e eu não conhecia nenhuma Elly. Foi então que ouvi uma pancada mais forte, ainda outra, e uma voz firme gritou: «Menina Greenwood, a sua amiga quer vê-la»; só nesse instante compreendi que era a Doreen.</p> <p>Pus-me de pé, conforme pude equilibrar-me no meio do quarto às escuras, pois estava ainda levemente tonta. Sentia-me irritada com a</p>

<p>a chance of getting out of that sad night was a good sleep, and she had to wake me up and spoil it. I thought if I pretended to be asleep the knocking might go away and leave me in peace, but I waited, and it didn't.</p> <p>“Elly, Elly, Elly,” the first voice mumbled, while the other voice went on hissing “Miss Greenwood, Miss Greenwood, Miss Greenwood,” as if I had a split personality or something.</p> <p>I opened the door and blinked out into the bright hall. I had the impression it wasn't night and it wasn't day, but some lurid third interval that had suddenly slipped between them and would never end.</p> <p>Doreen was slumped against the door-jamb. When I came out, she toppled into my arms. I couldn't see her face because her head was hanging down on her chest and her stiff blonde hair fell from its dark roots like a hula fringe.</p>	<p>Doreen por ela me ter despertado. A única hipótese que tinha de recuperar daquela triste noite era através de um sono reconfortante, e agora ela acordara-me e estragara tudo. Pensei que se fingisse estar a dormir talvez parassem de bater e me deixassem em paz, mas esperei e não pararam.</p> <p>«Elly, Elly, Elly», murmurava a primeira enquanto que a outra continuava a silvar «menina Greenwood, menina Greenwood, menina Greenwood», como se eu tivesse dupla personalidade, ou coisa parecida.</p> <p>Abri a porta e pestanejei diante da entrada mal iluminada. Tinha a impressão de que naquele momento não era noite nem dia, mas antes algum lúgubre terceiro intervalo que se intrometera entre ambos e parecia não terminar.</p> <p>A Doreen estava colada à ombreira da porta. Assim que a atravessei, ela caiu-me nos braços. Não conseguia ver a cara dela porque a cabeça lhe</p>
--	---

	<p>pendia sobre o peito, deixando os cabelos loiros pendurados das raízes ondulantes como se fossem uma tanga de hula-hula.</p>
<p>I recognized the short, squat, moustached woman in the black uniform as the night maid who ironed day-dresses and party-frocks in a crowded cubicle on our floor. I couldn't understand how she came to know Doreen or why she should want to help Doreen wake me up instead of leading her quietly back to her own room.</p> <p>Seeing Doreen supported in my arms and silent except for a few wet hiccups, the woman strode away down the hall to her cubicle with its ancient Singer sewing-machine and white ironing-board. I wanted to run after her and tell her I had nothing to do with Doreen, because she looked stern and hard-working and moral as an old-style European immigrant and reminded me of my Austrian grandmother.</p>	<p>Reconheci naquela mulher atarracada, com buço, de farda negra, a criada da noite que passava a ferro as nossas roupas mais especiais num cubículo algures no nosso andar. Não percebi por que razão teria dado com a Doreen, ou me foi acordar, em vez de levar a Doreen para o quarto dela.</p> <p>Mal viu a Doreen suspensa nos meus braços, soltando apenas uns soluços entrecortados, a mulher desapareceu em direção ao seu cubículo onde a esperavam uma máquina de costura Singer e uma tábua de engomar branca. Apeteceu-me correr atrás dela e gritar-lhe que não tinha nada a ver com a Doreen, pois ela tinha um ar sério, consciencioso e moralista, tipo velha geração de imigrante europeia que me fazia lembrar a minha avó austríaca.</p>

<p>“Lemme lie down, lemme lie down,” Doreen was muttering. “Lemme lie down, lemme lie down.”</p>	<p>«Deixa-me deitar, deixa-me deitar», murmurava a Doreen. «Deixa-me deitar, deixa-me deitar.»</p>
<p>I felt if I carried Doreen across the threshold into my room and helped her on to my bed I would never get rid of her again.</p>	<p>Foi então que compreendi que se a deixasse entrar no meu quarto e deitar na minha cama nunca mais me livraria dela.</p>
<p>Her body was warm and soft as a pile of pillows against my arm where she leaned her weight, and her feet, in their high, spiked heels, dragged foolishly. She was much too heavy for me to budge down the long hall.</p>	<p>O seu corpo estava quente e macio como um monte de almofadas encostadas ao meu braço em que ela se apoiava; os seus pés arrastavam-se de uma forma idiota nos sapatos de salto alto. O peso daquele corpo quase inerte era tal que não consegui arrastá-la até ao seu quarto.</p>
<p>I decided the only thing to do was to dump her on the carpet and shut and lock my door and go back to bed. When Doreen woke up she wouldn’t remember what had happened and would think she must have passed out in front of my door while I slept, and she would get up of her own accord and go sensibly back to her room.</p>	<p>Decidi que a única coisa a fazer era depositá-la ali mesmo na alcatifa, fechar a porta, trancá-la, e voltar para a cama. Quando a Doreen acordasse seria certamente incapaz de recordar o que tinha acontecido e seria levada a pensar que adormecera em frente da minha porta, e quando acordasse, a sua reação natural seria a de se levantar e regressar ao quarto.</p>

<p>I started to lower Doreen gently on to the green hall carpet, but she gave a low moan and pitched forward out of my arms. A jet of brown vomit flew from her mouth and spread in a large puddle at my feet.</p> <p>Suddenly Doreen grew even heavier. Her head drooped forward into the puddle, the wisps of her blonde hair dabbling in it like tree roots in a bog, and I realized she was asleep. I drew back. I felt half-asleep myself.</p>	<p>Comecei a descer suavemente a Doreen, até a deixar sentada na alcatifa verde, mas de repente ela soltou um gemido para logo se desprender dos meus braços. Um jato de vômito castanho voou da sua boca e formou uma poça junto aos meus pés. De repente, a Doreen começou a ficar ainda mais pesada. A sua cabeça ficou suspensa sobre a poça, farripas do seu cabelo penetravam nela como raízes de árvore num lodaçal. Compreendi então que adormecera. Recuei. Eu própria me sentia meio a dormir.</p>
<p>I made a decision about Doreen that night. I decided I would watch her and listen to what she said, but deep down I would have nothing at all to do with her. Deep down, I would be loyal to Betsy and her innocent friends. It was Betsy I resembled at heart.</p> <p>Quietly, I stepped back into my room and shut the door. On second thoughts, I didn't lock it. I couldn't quite bring myself to do that.</p>	<p>Tomei uma decisão face à Doreen nessa noite. Decidi que, a partir daquele instante, continuaria a estar com ela, e a ouvi-la, mas apenas isso, pois ela não tinha nada a ver comigo. Afinal, permanecia leal à Betsy e às suas inocentes amigas. No fundo, era à Betsy que eu mais me assemelhava.</p>

<p>When I woke up in the dull, sunless heat the next morning, I dressed and splashed my face with cold water and put on some lipstick and opened the door slowly. I think I still expected to see Doreen's body lying there in the pool of vomit like an ugly, concrete testimony to my own dirty nature.</p> <p>There was nobody in the hall. The carpet stretched from one end of the hall to the other, clean and eternally verdant except for a faint, irregular dark stain before my door as if somebody had by accident spilled a glass of water there, but dabbed it dry again.</p>	<p>Silenciosamente, voltei para o meu quarto e fechei a porta. Prefери, todavia, não a trancar. Não fui capaz de o fazer.</p> <p>Quando despertei na manhã do dia seguinte, o tempo continuava abafado e o sol oculto. Vesti-me, molhei a cara com água fria, pus um pouco de batom e abri a porta devagar. Acho que estava à espera encontrar ainda o corpo da Doreen estatelado sobre a poça de vomitado como um testemunho repugnante da minha suja natureza.</p> <p>A entrada estava vazia. A alcatifa estendia-se de uma ponta à outra do corredor, limpa e eternamente verdejante, à exceção de uma vaga mancha em frente da minha porta, como se alguém ali tivesse por acaso entornado um copo de água, mas o tivesse enxugado logo de seguida.</p>
<p><b>Chapter 7</b></p>	<p><b>Capitulo 7</b></p>

<p>Of course, Constantin was much too short, but in his own way he was handsome, with light brown hair and dark blue eyes and a lively, challenging expression. He could almost have been an American, he was so tan and had such good teeth, but I could tell straight away that he wasn't. He had what no American man I've ever met has had, and that's intuition.</p> <p>From the start Constantin guessed I wasn't any protégée of Mrs Willard's. I raised an eyebrow here and dropped a dry little laugh there, and pretty soon we were both openly raking Mrs Willard over the coals and I thought, "This Constantin won't mind if I'm too tall and don't know enough languages and haven't been to Europe, he'll see through all that stuff to what I really am."</p>	<p>Como já era de esperar, o Constantin era demasiado baixo mas, apesar de tudo, engraçado, com o seu cabelo castanho-claro, os seus olhos azul-escuros e a sua expressão viva e provocante. Estava tão bronzeado e tinha uns dentes tão saudáveis que quase podia passar por americano, mas via-se de imediato que não o era. Tinha aquilo que eu nunca encontrei num americano, intuição.</p> <p>O Constantin percebeu de imediato que eu não era uma protegida da senhora Willard. Arqueei uma sobrancelha, sorri, e em breve falávamos abertamente acerca dela, e eu pensei cá para mim: «Este Constantin não se importa absolutamente nada com o facto de eu ser muito mais alta, de não saber falar muitas línguas e de nunca ter ido à Europa, e em breve conseguirá compreender como eu, na verdade, sou.»</p>
<p>Constantin drove me to the UN in his old green convertible with cracked, comfortable brown leather seats and the top down. He told me</p>	<p>O Constantin levou-me até ao edifício das Nações Unidas no seu velho descapotável verde, com assentos de couro castanho rasgados e o</p>

<p>his tan came from playing tennis, and when we were sitting there side by side flying down the streets in the open sun he took my hand and squeezed it, and I felt happier than I had been since I was about nine and running along the hot white beaches with my father the summer before he died.</p> <p>And while Constantin and I sat in one of those hushed plush auditoriums in the UN, next to a stern muscular Russian girl with no make-up who was a simultaneous interpreter like Constantin, I thought how strange it had never occurred to me before that I was only purely happy until I was nine years old.</p>	<p>tejadilho aberto. Disse-me que o seu bronzado se devia ao facto de jogar ténis, e, quando deslizávamos rua abaixo sob um sol quente, e ele pegou na minha mão e a apertou, senti-me feliz, feliz como quando tinha nove anos e corria pela praia com o meu pai, no verão antes de ele morrer.</p> <p>E enquanto o Constantin e eu nos sentávamos num daqueles auditórios silenciosos das Nações Unidas, junto a uma austera e atlética intérprete russa, sem maquilhagem, pensei como era estranho nunca me ter ocorrido que só até aos nove anos fora verdadeiramente feliz.</p>
<p>After that — in spite of the Girl Scouts and the piano lessons and the water-colour lessons and the dancing lessons and the sailing camp, all of which my mother scrimped to give me, and college, with crewing in the mist before breakfast and black-bottom pies and the little new</p>	<p>Depois disso — apesar do tempo do escutismo, das lições de piano, de desenho ou de dança, ou dos campos de férias, que a minha mãe se esforçava por me proporcionar; e, mais tarde, da faculdade, das</p>

<p>firecrackers of ideas going off every day — I had never been really happy again.</p> <p>I stared through the Russian girl in her double-breasted grey suit, rattling off idiom after idiom in her own unknowable tongue—which Constantin said was the most difficult part, because the Russians didn't have the same idioms as our idioms—and I wished with all my heart I could crawl into her and spend the rest of my life barking out one idiom after another. It mightn't make me any happier, but it would be one more little pebble of efficiency among all the other pebbles.</p>	<p>pequenas exaltações e fantasias que em breve se desvaneciam quotidianamente — nunca mais voltara a ser verdadeiramente feliz.</p> <p>Fiquei a olhar para a jovem russa no seu fato cinzento vertendo idioma atrás de idioma para a sua estranha língua — o que, segundo me disse o Constantin, era a parte mais difícil, visto os russos não possuírem uma estrutura idêntica à nossa — e a pensar quão feliz seria se fosse capaz de assumir a sua identidade e ficar o resto da vida a debitar idioma atrás de idioma. Talvez isso não me fizesse ficar mais feliz, mas seria pelo menos mais um grãozinho de eficiência a acrescentar aos outros.</p>
<p>Then Constantin and the Russian girl interpreter and the whole bunch of black and white and yellow men arguing down there behind their labelled microphones seemed to move off at a distance. I saw their mouths going up and down without a sound, as if they were sitting on</p>	<p>Então o Constantin e a russa e todos os outros intérpretes negros, brancos e amarelos, pairando por detrás dos seus microfones, pareceram recuar no espaço. Vi as suas bocas subindo e descendo sem emitir som algum, como se estivessem no convés de um navio que se afasta, deixando-me envolta num profundo silêncio.</p>

<p>the deck of a departing ship, stranding me in the middle of a huge silence.</p> <p>I started adding up all the things I couldn't do.</p> <p>I began with cooking.</p> <p>My grandmother and my mother were such good cooks that I left everything to them. They were always trying to teach me one dish or another, but I would just look on and say, "Yes, yes, I see," while the instructions slid through my head like water, and then I'd always spoil what I did so nobody would ask me to do it again.</p> <p>I remember Jody, my best and only girl-friend at college in my freshman year, making me scrambled eggs at her house one morning. They tasted unusual, and when I asked her if she had put in anything extra, she said cheese and garlic salt. I asked who told her to do that,</p>	<p>Comecei a elaborar uma lista das coisas que não sabia fazer.</p> <p>Comecei com cozinhar.</p> <p>A minha avó e a minha mãe eram tão boas cozinheiras que eu deixava tudo a seu cargo. Sempre que me tentavam ensinar uma receita nova, limitava-me a olhar para elas e a dizer: «Sim, sim, estou a perceber», enquanto as instruções se diluíam na minha cabeça como água, e depois, saía-me tudo mal e ninguém me pedia para tentar de novo.</p> <p>Lembro-me de a Jody, a minha melhor e única amiga no primeiro ano da faculdade, me ter feito uns ovos mexidos em sua casa. Os ovos tinham um sabor fora do comum, e quando lhe perguntei o que fizera de especial, ela disse-me ter posto queijo e um pouco de alho. Perguntei-lhe quem lho ensinara e ela respondeu-me que ninguém, lembrara-se apenas de o fazer. Mas ela era uma pessoa prática e versada em sociologia.</p>
---	---

<p>and she said nobody, she just thought it up. But then, she was practical and a sociology major.</p>	
<p>I didn't know shorthand either.</p> <p>This meant I couldn't get a good job after college. My mother kept telling me nobody wanted a plain English major. But an English major who knew shorthand was something else again. Everybody would want her. She would be in demand among all the up-and-coming young men and she would transcribe letter after thrilling letter.</p> <p>The trouble was, I hated the idea of serving men in any way. I wanted to dictate my own thrilling letters. Besides, those little shorthand symbols in the book my mother showed me seemed just as bad as let t equal time and let s equal the total distance.</p> <p>My list grew longer.</p>	<p>Também não sabia estenografia.</p> <p>Isto significava que não seria capaz de arranjar um bom emprego quando saísse da faculdade. A minha mãe fartava-se de me dizer que ninguém se interessaria por mim se eu fosse apenas licenciada em inglês. Mas uma licenciada em inglês que soubesse estenografia era outra coisa. Toda a gente queria contratá-la. Seria alvo da atenção de todos os jovens com um futuro risonho e transcreveria cartas e mais cartas emocionantes.</p> <p>O problema era que eu detestava a ideia de estar ao serviço de outros. Eu queria ditar as minhas cartas emocionantes a outros e não o contrário.</p> <p>Além disso, os pequenos símbolos de estenografia do livro que a minha</p>

	<p>mãe me mostrou pareciam-me tão horríveis quanto a velocidade <math>v</math> corresponder à função <math>t</math>.</p> <p>A minha lista aumentava.</p>
<p>I was a terrible dancer. I couldn't carry a tune. I had no sense of balance, and when we had to walk down a narrow board with our hands out and a book on our heads in gym class I always fell over. I couldn't ride a horse or ski, the two things I wanted to do most, because they cost too much money. I couldn't speak German or read Hebrew or write Chinese. I didn't even know where most of the odd out-of-the-way countries the UN men in front of me represented fitted in on the map.</p>	<p>Dançava horrivelmente. Era incapaz de manter um ritmo. Não tinha sentido de equilíbrio, e quando tínhamos de andar sobre a barra sem nos segurarmos, com um livro na cabeça, nas aulas de ginástica, caía sistematicamente. Não sabia andar a cavalo nem esqui, exatamente as duas coisas que mais desejava aprender, porque as aulas eram muito caras. Também não sabia falar alemão, ler hebreu ou escrever chinês. Nem sequer era capaz de apontar num mapa os países exóticos que aqueles homens ali presentes representavam.</p>
<p>For the first time in my life, sitting there in the sound-proof heart of the UN building between Constantin who could play tennis as well as simultaneously interpret and the Russian girl who knew so many</p>	<p>Pela primeira vez na minha vida, sentada no coração à prova de som do edifício das Nações Unidas, entre o Constantin que não só sabia jogar ténis como fazia tradução simultânea, e a jovem russa que conhecia</p>

<p>idioms, I felt dreadfully inadequate. The trouble was, I had been inadequate all along, I simply hadn't thought about it.</p> <p>The one thing I was good at was winning scholarships and prizes, and that era was coming to an end.</p> <p>I felt like a racehorse in a world without race-tracks or a champion college footballer suddenly confronted by Wall Street and a business suit, his days of glory shrunk to a little gold cup on his mantel with a date engraved on it like the date on a tombstone.</p> <p>I saw my life branching out before me like the green fig-tree in the story.</p>	<p>imensos idiomas, senti-me terrivelmente inútil. O problema é que sempre o fora, só que não me tinha dado conta disso.</p> <p>A única coisa que sabia fazer era ganhar bolsas de estudo e prémios, e esse tempo estava a chegar ao fim. Sentia-me como um cavalo de corrida num país sem corridas de cavalos, ou como um campeão de uma equipa universitária de repente confrontado com Wall Street e com um fato de executivo, cujos dias de glória se reduzem a uma pequena inscrição numa taça, como uma data numa pedra tumular.</p> <p>Vi a minha vida dispersando-se em ramos à minha frente como a figueira da história.</p>
<p>From the tip of every branch, like a fat purple fig, a wonderful future beckoned and winked. One fig was a husband and a happy home and children, and another fig was a famous poet and another fig was a brilliant professor, and another fig was Ee Gee, the amazing editor, and</p>	<p>Na ponta de cada ramo, qual figo viçoso e suculento, acenava um futuro maravilhoso que me piscava também o olho. Um figo era um marido, um lar feliz e crianças, outro, um famoso poeta, outro, um Professor brilhante, outro, Eee Gee, o brilhante redator, outro, a Europa, a Africa</p>

<p>another fig was Europe and Africa and South America, and another fig was Constantin and Socrates and Attila and a pack of other lovers with queer names and off-beat professions, and another fig was an Olympic lady crew champion, and beyond and above these figs were many more figs I couldn't quite make out.</p>	<p>e a América do Sul, outro, o Constantin e o Sócrates e o Átila e mais uma série de namorados com nomes esquisitos e profissões estranhas, outro figo era uma campeã olímpica, e todos estes figos estavam ainda rodeados por outros que não era capaz de identificar.</p>
<p>I saw myself sitting in the crotch of this fig-tree, starving to death, just because I couldn't make up my mind which of the figs I would choose. I wanted each and every one of them, but choosing one meant losing all the rest, and, as I sat there, unable to decide, the figs began to wrinkle and go black, and, one by one, they plopped to the ground at my feet.</p> <p>Constantin's restaurant smelt of herbs and spices and sour cream. All the time I had been in New York I had never found such a restaurant. I only found those Heavenly Hamburger places, where they serve giant</p>	<p>Vi-me a mim própria sentada junto à figueira cheia de fome, porque não conseguia escolher entre tantos figos. Queria-os a todos mas escolher um significava perder os outros, e enquanto ali ficava sem saber o que fazer, os figos murchavam e caíam, um após outro, a meus pés.</p> <p>O restaurante a que o Constantin me levou tinha um cheiro particular a ervas, especiarias e natas. Ainda não estivera num restaurante assim em Nova Iorque. A única coisa que vira fora um restaurante onde servem aqueles hambúrgueres enormes, com a sopa do dia e quatro variedades</p>

<p>hamburgers and soup-of-the-day and four kinds of fancy cake at a very clean counter facing a long glarey mirror.</p>	<p>de bolo, num balcão muito asseado em frente de um espelho comprido e brilhante.</p>
<p>To reach this restaurant we had to climb down seven dimly-lit steps into a sort of cellar.</p> <p>Travel posters plastered the smoke-dark walls, like so many picture windows overlooking Swiss lakes and Japanese mountains and African velds, and thick, dusty bottle-candles that seemed for centuries to have wept their coloured waxes red over blue over green in a fine, three-dimensional lace, cast a circle of light round each table where the faces floated, flushed and flamelike themselves.</p>	<p>Para chegarmos a este restaurante tivemos de descer sete degraus mal iluminados que nos conduziram a uma espécie de cave.</p> <p>As paredes escuras estavam cobertas com cartazes publicitários do género de agências de viagens, com janelas a darem para lagos suíços, montanhas japonesas ou savanas africanas. Algumas garrafas com velas, já cobertas de sucessivas camadas de vermelho, azul e verde, definiam círculos de luz sobre as mesas, onde flutuavam rostos, também eles rubros e incandescentes.</p>
<p>I don't know what I ate, but I felt immensely better after the first mouthful. It occurred to me that my vision of the fig-tree and all the fat figs that withered and fell to earth might well have arisen from the profound void of an empty stomach.</p>	<p>Não sei o que comi, mas senti-me muito melhor depois da primeira garfada. Ocorreu-me que a minha visão da figueira e dos figos rechonchudos, amadurecendo e caindo no chão, podia ter sido gerada pelo meu estômago vazio.</p>

<p>Constantin kept refilling our glasses with a sweet Greek wine that tasted of pine bark, and I found myself telling him how I was going to learn German and go to Europe and be a war correspondent like Maggie Higgins.</p>	<p>O Constantin não parava de encher os nossos copos com um excelente vinho grego com um sabor que fazia lembrar pinheiros, e ali dei por mim a falar-lhe das minhas intenções de aprender alemão, e de ir para a Europa, e de ser correspondente de guerra como a Maggie Higgins.</p>
<p>I felt so fine by the time we came to the yoghurt and strawberry jam that I decided I would let Constantin seduce me.</p>	<p>Sentia-me tão bem quando chegámos à altura do iogurte e da compota de morango que decidi deixar-me seduzir pelo Constantin.</p>
<p>Ever since Buddy Willard had told me about that waitress I had been thinking I ought to go out and sleep with somebody myself. Sleeping with Buddy wouldn't count, though, because he would still be one person ahead of me, it would have to be with somebody else.</p>	<p>Desde a altura em que o Buddy Willard me falara da aventura com a criada, que alimentava o desejo de dormir com alguém. Dormir com o Buddy não contava, porém, porque ele já me levava uma pessoa de vantagem, por isso tinha de ser com outra pessoa qualquer.</p>
<p>The only boy I ever actually discussed going to bed with was a bitter, hawk-nosed Southerner from Yale, who came up to college one weekend only to find his date had eloped with a taxi-driver the day before.</p>	<p>O único rapaz com quem já falara destas coisas fora um jovem oriundo do Sul que andava em Yale, de temperamento amargo e nariz de falcão, que viera à nossa universidade passar um fim de semana com a namorada e descobriu que ela tinha fugido com um taxista. Como ela</p>

<p>As the girl had lived in my house and as I was the only one home that particular night, it was my job to cheer him up.</p>	<p>vivia no meu bloco, e eu era a única que ficara em casa nessa noite, coube-me a tarefa de o animar.</p>
<p>At the local coffee-shop, hunched in one of the secretive, high-backed booths with hundreds of peoples' names gouged into the wood, we drank cup after cup of black coffee and talked frankly about sex.</p>	<p>No café, enfiados naquelas divisórias cheias de nomes gravados na madeira, bebemos café atrás de café e falámos abertamente de sexo.</p>
<p>This boy—his name was Eric—said he thought it disgusting the way all the girls at my college stood around on the porches under the porch lights and in the bushes in plain view, necking madly before the one o'clock curfew, so everybody passing by could see them. A million years of evolution, Eric said bitterly, and what are we? Animals.</p> <p>Then Eric told me how he had slept with his first woman.</p> <p>He went to a Southern prep school that specialized in building all-round gentlemen, and by the time you graduated it was an unwritten</p>	<p>Este rapaz — chamava-se Eric — disse-me que achava repugnante o modo como as raparigas da faculdade se expunham nos alpendres e nos arbustos antes do sinal de recolher da uma hora da manhã, para que toda a gente que por ali passasse as visse. Um milhão de anos de evolução, disse com amargura o Eric, e afinal o que somos? Animais.</p> <p>Depois o Eric falou-me da primeira vez que dormira com uma mulher.</p> <p>A escola que frequentara no Sul destinava-se à formação da elite masculina local, e fazia parte da tradição não escrita que, ao concluir o</p>

<p>rule that you had to have known a woman. Known in the Biblical sense, Eric said.</p>	<p>curso, o jovem devia conhecer uma mulher. Conhecer, no sentido bíblico, disse o Eric.</p>
<p>So one Saturday Eric and a few of his classmates took a bus into the nearest city and visited a notorious whore house. Eric's whore hadn't even taken off her dress. She was a fat, middle-aged woman with dyed red hair and suspiciously thick lips and rat-coloured skin and she wouldn't turn off the light, so he had had her under a fly-spotted twenty-five watt bulb, and it was nothing like it was cracked up to be. It was boring as going to the toilet.</p> <p>I said maybe if you loved a woman it wouldn't seem so boring, but Eric said it would be spoiled by thinking this woman too was just an animal like the rest, so if he loved anybody he would never go to bed with her. He'd go to a whore if he had to and keep the woman he loved free of all that dirty business.</p>	<p>Foi assim que, num sábado à noite, o Eric e alguns colegas apanharam um autocarro para a cidade mais próxima e visitaram uma conhecida casa de passe. A prostituta que lhe calhou, uma ruiva oxigenada, gorda, de meia-idade, com uns lábios duvidosamente grossos e uma pele cor de rato, nem sequer se despiu. Como a mulher nem se deu ao trabalho de apagar a luz, viu-se obrigado a possuí-la à luz de uma lâmpada de vinte e cinco volts, cheia de marcas de moscas. Afinal tudo era muito diferente do que se dizia. Era chato, como ir à casa de banho.</p> <p>Disse-lhe que, se amasse a mulher, talvez não fosse tão chato, mas o Eric disse-me que bastava pensar que ela era um animal, como todas as outras, para estragar tudo. Por isso, se porventura viesse a amar alguma mulher, jamais iria para a cama com ela. Sempre que tivesse</p>

	<p>necessidade, ia a uma casa de passe, não conspurcando deste modo a mulher amada.</p>
<p>It had crossed my mind at the time that Eric might be a good person to go to bed with, since he had already done it and, unlike the usual run of boys, didn't seem dirty-minded or silly when he talked about it. But then Eric wrote me a letter saying he thought he might really be able to love me, I was so intelligent and cynical and yet had such a kind face, surprisingly like his older sister's; so I knew it was no use, I was the type he would never go to bed with, and wrote him I was unfortunately about to marry a childhood sweetheart.</p>	<p>Passou-me pela cabeça que ele podia muito bem ser a pessoa indicada para ir para a cama comigo, pois não só tivera já uma experiência como, diferentemente da maioria, não me parecia maldoso ou idiota em relação ao sexo. Mas o Eric escreveu-me, confessando-me ser capaz de me amar, pois eu era tão inteligente e cínica e, apesar disso tinha uma cara tão simpática, surpreendentemente parecida com a da irmã mais velha dele; por isso percebi que não valia a pena, eu era o tipo com o qual ele nunca iria para a cama e escrevi-lhe a dizer que infelizmente estava prestes a casar com um amigo de infância.</p>
<p>The more I thought about it the better I liked the idea of being seduced by a simultaneous interpreter in New York City. Constantin seemed mature and considerate in every way. There were no people I knew he</p>	<p>Quanto mais pensava nisso mais me agradava a ideia de ser seduzida por um intérprete em Nova Iorque. O Constantin parecia-me maduro e discreto. Não havia pessoas conhecidas de ambos a quem ele se pudesse</p>

<p>would want to brag to about it, the way college boys bragged about sleeping with girls in the backs of cars to their room-mates or their friends on the basketball team. And there would be a pleasant irony in sleeping with a man Mrs Willard had introduced me to, as if she were, in a roundabout way, to blame for it.</p> <p>When Constantin asked if I would like to come up to his apartment to hear some balalaika records I smiled to myself. My mother had always told me never under any circumstances to go with a man to a man's rooms after an evening out, it could mean only the one thing.</p>	<p>gabar, tal como o fazem os rapazes na faculdade com as suas aventuras nos assentos de trás dos automóveis, pormenorizadamente descritas aos companheiros de quarto ou aos colegas da equipa de basquetebol. E não deixava de ser irónico dormir com um homem que conhecera por intermédio da senhora Willard, o que a tornava, em certo sentido, culpada pelo que poderia acontecer.</p> <p>Quando o Constantin me perguntou se queria ir a sua casa ouvir uns discos de balalaica, sorri para mim mesma. A minha mãe sempre me dissera que por razão alguma devia ir a casa de um homem depois de sairmos à noite, pois isso só podia significar uma coisa.</p>
<p>“I am very fond of balalaika music,” I said.</p> <p>Constantin's room had a balcony, and the balcony overlooked the river, and we could hear the hooing of the tugs down in the darkness. I felt moved and tender and perfectly certain about what I was going to do.</p>	<p>«Gosto muito de música de balalaica», disse.</p> <p>O quarto do Constantin tinha uma varanda, e esta varanda dava para o rio, e nós ouvíamos os sons dos rebocadores vindos do fundo da</p>

<p>I knew I might have a baby, but that thought hung far and dim in the distance and didn't trouble me at all. There was no one hundred per cent sure way not to have a baby, it said in an article my mother cut out of the Reader's Digest and mailed to me at college. This article was written by a married woman lawyer with children and called "In Defence of Chastity".</p> <p>It gave all the reasons a girl shouldn't sleep with anybody but her husband and then only after they were married.</p>	<p>escuridão. Senti-me emocionada, terna e perfeitamente segura quanto àquilo que estava prestes a fazer.</p> <p>Sabia que podia ficar grávida, mas essa hipótese parecia-me tão remota que não me perturbou. Não havia nenhum método contraceptivo cem por cento seguro, diziam num artigo do Reader's Digest que a minha mãe recortara e me enviara para a faculdade. Este artigo tinha sido escrito por uma advogada, casada e com filhos, e intitulava-se: «Em Defesa da Castidade».</p> <p>Ali estavam expostas todas as razões pelas quais uma rapariga não devia dormir com ninguém, exceto o marido e, mesmo nesse caso, só depois do casamento.</p>
<p>The main point of the article was that a man's world is different from a woman's world and a man's emotions are different from a woman's emotions and only marriage can bring the two worlds and the two</p>	<p>A ideia central do artigo era a de que o mundo do homem é diferente do da mulher, e que as emoções do homem são diferentes das da mulher e que apenas o casamento podia aproximar esses dois mundos e essas</p>

<p>different sets of emotions together properly. My mother said this was something a girl didn't know about till it was too late, so she had to take the advice of people who were already experts, like a married woman.</p>	<p>emoções corretamente. A minha mãe dizia-me na sua carta que isto era tudo o que uma rapariga precisava de saber, antes que fosse tarde demais. Por isso, nada como seguir os conselhos de gente com experiência, como por exemplo uma mulher casada.</p>
<p>This woman lawyer said the best men wanted to be pure for their wives, and even if they weren't pure, they wanted to be the ones to teach their wives about sex. Of course they would try to persuade a girl to have sex and say they would marry her later, but as soon as she gave in, they would lose all respect for her and start saying that if she did that with them she would do that with other men and they would end up by making her life miserable.</p>	<p>Esta advogada afirmava que os melhores homens queriam permanecer virgens para as suas esposas, mas mesmo que tal não acontecesse, queriam ser eles a ensinar-lhes o sexo. Claro que tentariam persuadir uma rapariga a ter relações, dizendo-lhe que depois casariam com ela mas, mal ela cedesse, perderiam todo o respeito por ela e passariam a afirmar que se o fizera com eles, também o poderia fazer com outros, e daí em diante transformariam a sua vida num inferno.</p>
<p>The woman finished her article by saying better be safe than sorry and besides, there was no sure way of not getting stuck with a baby and then you'd really be in a pickle.</p>	<p>A mulher acabava o artigo advertindo que mais valia estar segura do que arrependida, pois nada garantia à rapariga que não acabasse só, abandonada e com uma criança nos braços.</p>

<p>Now the one thing this article didn't seem to me to consider was how a girl felt.</p> <p>It might be nice to be pure and then to marry a pure man, but what if he suddenly confessed he wasn't pure after we were married, the way Buddy Willard had? I couldn't stand the idea of a woman having to have a single pure life and a man being able to have a double life, one pure and one not.</p>	<p>Ora, a única coisa que o artigo parecia ignorar era o que sentia a rapariga.</p> <p>Podia ser interessante a ideia de permanecer virgem e de se casar com um homem também ele virgem, mas e se depois do casamento ele lhe revelasse que não era puro tal como o Buddy Willard fizera? Não conseguia suportar a perspectiva de uma mulher se ver reduzida a uma vida única marcada pela castidade, enquanto ao homem era permitida uma vida dupla, uma casta e outra não.</p>
<p>Finally I decided that if it was so difficult to find a red-blooded intelligent man who was still pure by the time he was twenty-one I might as well forget about staying pure myself and marry somebody who wasn't pure either. Then when he started to make my life miserable I could make his miserable as well.</p>	<p>Por fim concluí que era tão difícil arranjar um homem viril e inteligente, ainda virgem aos vinte e um anos, que melhor seria deixar para trás estas ideias acerca da virgindade, e casar com alguém que também não o fosse. Assim, quando ele começasse a transformar a minha vida num inferno, eu faria a vida dele num inferno também.</p>

<p>When I was nineteen, pureness was the great issue.</p>	<p>Aos dezanove anos, a virgindade era a questão fundamental da existência.</p>
<p>Instead of the world being divided up into Catholics and Protestants or Republicans and Democrats or white men and black men or even men and women, I saw the world divided into people who had slept with somebody and people who hadn't, and this seemed the only really significant difference between one person and another.</p> <p>I thought a spectacular change would come over me the day I crossed the boundary line.</p> <p>I thought it would be the way I'd feel if I ever visited Europe. I'd come home, and if I looked closely into the mirror I'd be able to make out a little white Alp at the back of my eye. Now I thought that if I looked into the mirror tomorrow I'd see a doll-size Constantin sitting in my eye and smiling out at me.</p>	<p>Em vez de um mundo dividido entre católicos e protestantes, ou republicanos e democratas, ou brancos e negros, ou mesmo homens e mulheres, o mundo dividia-se para mim entre as pessoas que já tinham dormido com alguém e as que ainda não tinham, e esta parecia ser, para mim, a única diferença verdadeiramente significativa entre uma pessoa e outra.</p> <p>Pensava que uma mudança espetacular ocorreria no dia em que ultrapassasse a linha que separava esses dois universos.</p> <p>Pensava que seria algo semelhante àquilo que provavelmente iria sentir se chegasse a ir à Europa. Voltaria para casa e, se me olhasse bem ao espelho, seria capaz de distinguir uma pequena montanha alpina branca</p>

	<p>por detrás do meu olho. Agora, imaginava que, se me olhasse ao espelho, veria um Constantin minúsculo, no meu olho sorrindo para mim.</p>
<p>Well for about an hour we lounged on Constantin’s balcony in two separate sling-back chairs with the victrola playing and the balalaika records stacked between us. A faint milky light diffused from the street lights or the half-moon or the cars or the stars, I couldn’t tell what, but apart from holding my hand Constantin showed no desire to seduce me whatsoever.</p> <p>I asked if he was engaged or had any special girlfriend, thinking maybe that’s what was the matter, but he said no, he made a point of keeping clear of such attachments.</p>	<p>Estivemos sentados cerca de uma hora na varanda do apartamento do Constantin, ouvindo música de balalaica com o gira-discos e os discos entre os dois. Envolvia-nos uma luz ténue e suave, enviada não sei se pela iluminação das ruas, pelo luar, pelos carros ou pelas estrelas, mas, tirando o facto de me ter dado a mão, não me conseguia aperceber de qualquer intenção da sua parte de me seduzir.</p> <p>Perguntei-lhe se estava noivo ou se tinha alguma namorada, pensando que essa fosse talvez a causa da sua atitude, mas respondeu-me que não e fez questão de frisar que não estava interessado em ligações desse tipo.</p>
<p>At last I felt a powerful drowsiness drifting through my veins from all the pine-bark wine I had drunk.</p>	<p>Passado algum tempo senti o meu corpo ser invadido por um torpor causado pelo vinho que bebera ao jantar.</p>

<p>“I think I’ll go in and lie down,” I said.</p> <p>I strolled casually into the bedroom and stooped over to nudge off my shoes. The clean bed bobbed before me like a safe boat. I stretched full-length and shut my eyes. Then I heard Constantin sigh and come in from the balcony. One by one his shoes clonked on to the floor, and he lay down by my side.</p> <p>I looked at him secretly from under a fall of hair.</p>	<p>«Acho que me vou deitar um pouco», disse-lhe.</p> <p>Arrastei-me até ao quarto e tirei os sapatos. A cama insinuava-se à minha frente como um barco seguro no seu porto. Estirei-me ao comprido e fechei os olhos. Ouvei então o Constantin suspirar e aproximar-se do quarto. Primeiro um, depois o outro, ambos os sapatos caíram no chão, e ele deitou-se a meu lado.</p> <p>Olhei-o em segredo através do meu cabelo.</p>
<p>He was lying on his back, his hands under his head, staring at the ceiling. The starched white sleeves of his shirt, rolled up to the elbows, glimmered eerily in the half-dark and his tan skin seemed almost black.</p> <p>I thought he must be the most beautiful man I’d ever seen.</p>	<p>Estava deitado de costas, com as mãos sob a cabeça, olhando o teto. O branco das mangas da camisa, enroladas até ao cotovelo surgia na penumbra. A sua pele bronzeada parecia quase negra. Na altura' parecia-me o homem mais bonito que jamais vira.</p> <p>Pensei que se o meu rosto tivesse uma estrutura óssea bem delineada, ou se eu fosse capaz de discutir política de forma arguta, ou fosse uma escritora famosa, talvez ele me achasse suficientemente interessante e</p>

<p>I thought if only I had a keen, shapely bone-structure to my face or could discuss politics shrewdly or was a famous writer Constantin might find me interesting enough to sleep with.</p> <p>And then I wondered if as soon as he came to like me he would sink into ordinariness, and if as soon as he came to love me I would find fault after fault, the way I did with Buddy Willard and the boys before him.</p>	<p>quisesse dormir comigo. Depois veio-me à ideia que, se ele se apaixonasse por mim, acabaria por se tornar igual aos outros e eu descobriria nele defeito atrás de defeito, tal como sucedera com o Buddy Willard e com outros rapazes antes dele.</p>
<p>The same thing happened over and over: I would catch sight of some flawless man off in the distance, but as soon as he moved closer I immediately saw he wouldn't do at all.</p> <p>That's one of the reasons I never wanted to get married. The last thing I wanted was infinite security and to be the place an arrow shoots off from. I wanted change and excitement and to shoot off in all directions myself, like the coloured arrows from a Fourth of July rocket.</p>	<p>Era sempre a mesma história: via um homem à distância mas mal ele se aproximava, percebia que ele não servia para mim.</p> <p>Essa era uma das razões pelas quais não me queria casar. A última coisa que desejava era uma segurança total e ser o lugar de onde se lançam as setas. Naquela altura ansiava por mudanças e excitação; ser eu própria a lançar setas como aquelas, coloridas, na festa do Quatro de Julho.</p>

<p>I woke to the sound of rain.</p> <p>It was pitch dark. After a while I deciphered the faint outlines of an unfamiliar window. Every so often a beam of light appeared out of thin air, traversed the wall like a ghostly, exploratory finger, and slid off into nothing again.</p> <p>Then I heard the sound of somebody breathing.</p> <p>At first I thought it was only myself, and that I was lying in the dark in my hotel room after being poisoned. I held my breath, but the breathing kept on.</p>	<p>Despertei com o som da chuva a cair.</p> <p>Estava escuro como breu. Após alguns instantes, comecei a distinguir os contornos de uma janela que me era estranha. De vez em quando havia um raio de luz que surgia no ar, atravessava a parede como um dedo fantasmagórico e explorador, e se desvanecia de novo.</p> <p>Depois apercebi-me do barulho provocado por alguém a respirar. A princípio, pensei estar sozinha, deitada no meu quarto do hotel depois de ter sido envenenada. Suspendi a respiração, mas o barulho continuou.</p>
<p>A green eye glowed on the bed beside me. It was divided into quarters like a compass. I reached out slowly and closed my hand on it. I lifted it up. With it came an arm, heavy as a dead man's, but warm with sleep.</p> <p>Constantin's watch said three o'clock.</p>	<p>Um olho verde brilhava na cama, a meu lado. Estava dividido em quartas como uma bússola. Estendi a mão na sua direção e agarrei-o. Ergui-o. Com ele veio agarrado um braço, pesado como o de um morto, mas quente e adormecido.</p>

<p>He was lying in his shirt and trousers and stocking feet just as I had left him when I dropped asleep, and as my eyes grew used to the darkness I made out his pale eyelids and his straight nose and his tolerant, shapely mouth, but they seemed insubstantial, as if drawn on fog. For a few minutes I leaned over, studying him. I had never fallen asleep beside a man before.</p> <p>I tried to imagine what it would be like if Constantin were my husband.</p> <p>It would mean getting up at seven and cooking him eggs and bacon and toast and coffee and dawdling about in my nightgown and curlers after he'd left for work to wash up the dirty plates and make the bed, and then when he came home after a lively, fascinating day he'd expect a big dinner, and I'd spend the evening washing up even more dirty plates till I fell into bed, utterly exhausted.</p>	<p>O relógio do Constantin mostrava-me que eram três horas.</p> <p>Estava deitado com a camisa, as calças e as meias, tal como o vira antes de adormecer, e, à medida que os meus olhos se habituavam à escuridão, comecei a distinguir as suas pálpebras pálidas, o seu nariz correto, e a sua boca tolerante e bem proporcionada. Mas tudo isso me parecia sem substância, como se tivesse sido desenhado no nevoeiro. Fiquei deitada durante alguns minutos a estudá-lo. Nunca adormecera junto de um homem.</p> <p>Tentei imaginar como seria se o Constantin fosse meu marido.</p> <p>Isso significaria levantar-me às sete, fazer-lhe uns ovos e uma torrada com bacon, café e, mal ele saísse para o trabalho, cirandar de um lado para outro em camisa de noite a lavar a louça e a fazer a cama. Ao fim do dia, regressaria de um fascinante e dinâmico dia de trabalho, na</p>
--	--

	<p>expectativa de um bom jantar, e passaria o resto da noite a lavar mais louça, até cair na cama exausta.</p>
<p>This seemed a dreary and wasted life for a girl with fifteen years of straight A's, but I knew that's what marriage was like, because cook and clean and wash was just what Buddy Willard's mother did from morning till night, and she was the wife of a university professor and had been a private school teacher herself.</p> <p>Once when I visited Buddy I found Mrs Willard braiding a rug out of strips of wool from Mr. Willard's old suits. She'd spent weeks on that rug, and I had admired the tweedy browns and greens and blues patterning the braid, but after Mrs Willard was through, instead of hanging the rug on the wall the way I would have done, she put it down in place of her kitchen mat, and in a few days it was soiled and dull</p>	<p>Parecia-me uma vida demasiado lúgubre e sem sentido, em particular depois de quinze anos de escolaridade com notas máximas. Mas sabia que o casamento era assim, pois cozinhar, limpar e lavar era exatamente o que fazia de manhã à noite a mãe do Buddy, e ela era mulher de um professor universitário e tivera uma educação privada.</p> <p>Uma das vezes que fui visitar o Buddy, encontrei-a a entrelaçar um tapete feito de tiras de lã de fatos velhos do marido. Passou semanas agarrada àquele tapete, e eu gostava mesmo dele, daquela mistura de castanhos, verdes e azuis, mas quando ela o terminou, em vez de o pendurar na parede, tal como eu faria, deixou-o no chão da cozinha, e, passados alguns dias, começou a ficar puído e sujo, não se distinguindo de um vulgar capacho que se compra numa feira.</p>

<p>and indistinguishable from any mat you could buy for under a dollar in the Five and Ten.</p>	
<p>And I knew that in spite of all the roses and kisses and restaurant dinners a man showered on a woman before he married her, what he secretly wanted when the wedding service ended was for her to flatten out underneath his feet like Mrs Willard’s kitchen mat.</p> <p>Hadn’t my own mother told me that as soon as she and my father left Reno on their honeymoon—my father had been married before, so he needed a divorce—my father said to her, “Whew, that’s a relief, now we can stop pretending and be ourselves,”—and from that day on my mother never had a minute’s peace.</p> <p>I also remembered Buddy Willard saying in a sinister, knowing way that after I had children I would feel differently, I wouldn’t want to write poems any more. So I began to think maybe it was true that when</p>	<p>E eu sabia que, para além das rosas, beijos e jantares fora com que um homem inunda a mulher antes de casar, por que ele anseia secretamente é poder transformá-la depois num capacho do casamento, num capacho como o da senhora Willard.</p> <p>A minha própria mãe me dissera que mal ela e o meu pai saíram do Reno, na lua de mel — o meu pai fora casado antes, por isso necessitou de algum tempo para o divórcio —, ele lhe disse: «Ufa, que alívio, agora já podemos deixar de fingir e sermos nós próprios, não é?» — e desde então a minha mãe nunca mais teve um minuto de descanso.</p> <p>Também me lembro do Buddy me dizer, na sua forma algo sinistra e conhecedora, que depois de ter filhos me sentiria diferente, e nunca mais queria escrever poemas. Por isso, comecei a pensar que afinal era</p>

<p>you were married and had children it was like being brainwashed, and afterwards you went about numb as a slave in some private, totalitarian state.</p>	<p>verdadeira essa ideia de que o casamento e os filhos constituem uma certa forma de lavagem ao cérebro, que depois nos deixa paralisadas, como uma escrava num estado totalitário privado.</p>
<p>As I stared down at Constantin the way you stare down at a bright, unattainable pebble at the bottom of a deep well, his eyelids lifted and he looked through me, and his eyes were full of love. I watched dumbly as a little shutter of recognition clicked across the blur of tenderness and the wide pupils went glossy and depthless as patent leather.</p> <p>Constantin sat up, yawning. “What time is it?”</p> <p>“Three,” I said in a flat voice. “I better go home. I have to be at work first thing in the morning.”</p> <p>“I’ll drive you.”</p>	<p>Enquanto observava o Constantin, como quem mira um seixo lindo e inatingível no fundo de um poço, as suas pálpebras ergueram-se, ele olhou-me e senti amor naquele olhar. Permaneci em silêncio enquanto uma breve centelha de reconhecimento se insinuou através de uma névoa de ternura e as pupilas se distenderam luminosas e profundas.</p> <p>O Constantin sentou-se, bocejando: «Que horas são?»</p> <p>«Três», respondi-lhe num tom monótono. «É melhor voltar para casa. Tenho de me levantar cedo para ir trabalhar.»</p> <p>«Eu levo-te.»</p>

<p>As we sat back to back on our separate sides of the bed fumbling with our shoes in the horrid cheerful white light of the bed lamp, I sensed Constantin turn round. “Is your hair always like that?”</p> <p>“Like what?”</p> <p>He didn’t answer but reached over and put his hand at the root of my hair and ran his fingers out slowly to the tip ends like a comb. A little electric shock flared through me, and I sat quite still. Ever since I was small I loved feeling somebody comb my hair. It made me go all sleepy and peaceful.</p>	<p>Enquanto nos sentávamos de costas um para o outro, cada um do seu lado da cama, enfiando os sapatos sob a luz horrivelmente clara e intensa do candeeiro da mesa de cabeceira, senti o Constantin voltar-se para mim. «O teu cabelo é sempre assim?»</p> <p>«Assim como?»</p> <p>Não respondeu mas estendeu-se na minha direção, pôs a mão junto à raiz dos meus cabelos e percorreu-os com a ponta dos dedos, como se fossem uma escova. Senti um pequeno choque elétrico a flamejar dentro de mim e deixei-me ficar imóvel. Desde pequenina que adorava que me escovassem os cabelos, era algo que me transmitia profunda sonolência e tranquilidade.</p>
<p>“Ah, I know what it is,” Constantin said. “You’ve just washed it.”</p> <p>And he bent to lace up his tennis shoes.</p>	<p>«Ah, já sei o que é», disse o Constantin. «Lavaste-o há pouco tempo.»</p> <p>E inclinou-se para apertar os ténis.</p>

<p>An hour later I lay in my hotel bed, listening to the rain. It didn't even sound like rain, it sounded like a tap running. The ache in the middle of my left shin bone came to life, and I abandoned any hope of sleep before seven, when my radio-alarm clock would rouse me with its hearty renderings of Sousa.</p> <p>Every time it rained the old leg-break seemed to remember itself, and what it remembered was a dull hurt.</p> <p>Then I thought, "Buddy Willard made me break that leg."</p> <p>Then I thought, "No, I broke it myself. I broke it on purpose to pay myself back for being such a heel."</p>	<p>Uma hora depois estava deitada na cama do hotel, ouvindo a chuva cair. Não parecia chuva, parecia mais o barulho de uma torneira que tivesse ficado aberta. A dor na tíbia esquerda surgiu de novo e perdi qualquer esperança de adormecer antes das sete, altura em que o meu despertador me acordaria ao som da jovial música de Sousa.</p> <p>Sempre que chovia, a cicatriz da velha fratura parecia lembrar-me que existia, e essa recordação implicava inevitavelmente uma dor maçadora.</p> <p>Pensei então: «A culpa de ter partido a perna foi do Buddy Willard.»</p> <p>E voltei a pensar: «Não, quem a partiu fui eu, e fi-lo de propósito para me penitenciar por ter sido tão desleal.»</p>
<p><b>Chapter 15</b></p>	<p><b>Capítulo 15</b></p>

<p>Philomena Guinea's black Cadillac eased through the tight, five o'clock traffic like a ceremonial car. Soon it would cross one of the brief bridges that arched the Charles, and I would, without thinking, open the door and plunge out through the stream of traffic to the rail of the bridge. One jump, and the water would be over my head.</p> <p>Idly I twisted a kleenex to small, pill-sized pellets between my fingers and watched my chance. I sat in the middle of the back seat of the Cadillac, my mother on one side of me, and my brother on the other, both leaning slightly forward, like diagonal bars, one across each car door.</p>	<p>O cadillac negro da Philomena Guinea abrandava no tráfego intenso das cinco da tarde como um carro cerimonial. Em breve atravessaria uma das pequenas pontes que se arqueavam sobre o rio, e eu, instintivamente, abriria a porta, e evitaria a corrente do tráfego até chegar ao muro lateral da ponte. Um salto apenas, e a água envolver-me-ia.</p> <p>Indolentemente, esfarelei um lenço de papel até ele ficar reduzido a pequenas bolinhas, enquanto pensava nas possibilidades de sucesso. Ia sentada no banco de trás do automóvel, com a minha mãe de um lado e o meu irmão do outro, ambos um pouco inclinados para a frente, como duas barras diagonais, cada uma atravessando uma porta.</p>
<p>In front of me I could see the spam-coloured expanse of the chauffeur's neck, sandwiched between a blue cap and the shoulders of a bluejacket and, next to him, like a frail, exotic bird, the silver hair and emerald-feathered hat of Philomena Guinea, the famous novelist.</p>	<p>À minha frente conseguia ver o pescoço do motorista, cor de mortadela, ensanduichado entre um boné azul e os ombros de um casaco também ele azul, e, a seu lado, como um pássaro exótico e frágil, estava o chapéu</p>

<p>I wasn't quite sure why Mrs Guinea had turned up. All I knew was that she had interested herself in my case and that at one time, at the peak of her career, she had been in an asylum as well. My mother said that Mrs Guinea had sent her a telegram from the Bahamas, where she read about me in a Boston paper. Mrs Guinea had telegraphed, "Is there a boy in the case?"</p> <p>If there was a boy in the case, Mrs Guinea couldn't, of course, have anything to do with it.</p> <p>But my mother had telegraphed back, "No, it is Esther's writing. She thinks she will never write again."</p> <p>So Mrs Guinea had flown back to Boston and taken me out of the cramped city hospital ward, and now she was driving me to a private hospital that had grounds and golf courses and gardens, like a country</p>	<p>prateado com penas esmeralda, da Philomena Guinea, a famosa romancista.</p> <p>Não sabia ao certo por que razão aparecera a senhora Guinea. Apenas sabia que ela se interessara pessoalmente pelo meu caso, e que, numa ocasião, no auge da sua carreira, ela própria estivera internada num hospital psiquiátrico.</p> <p>A minha mãe disse-me que a senhora Guinea lhe enviara um telegrama das Bahamas, onde tivera conhecimento do que me sucedera através de um jornal de Boston. A senhora Guinea enviara-lhe um telegrama: «Há algum rapaz envolvido no caso?»</p> <p>Se houvesse algum rapaz envolvido no caso, a senhora Guinea não poderia, obviamente, envolver-se no assunto.</p> <p>Mas a minha mãe respondera noutro telegrama: «Não, é a escrita</p>
---	--

<p>club, where she would pay for me, as if I had a scholarship, until the doctors she knew of there had made me well.</p>	<p>da Esther. Ela pensa que não é capaz de voltar a escrever.»</p> <p>Foi assim que a senhora Guinea regressara a Boston para me tirar daquela pequena enfermaria do hospital, e agora me conduzia a urna clínica privada com grandes extensões relvadas, campos de golfe e jardins, como uma pousada no campo, onde ela tomaria a seu cargo todas as despesas, tal como se eu tivesse uma bolsa de estudo, até os médicos seus conhecidos me curarem.</p>
<p>My mother told me I should be grateful. She said I had used up almost all her money, and if it weren't for Mrs. Guinea she didn't know where I'd be. I knew where I'd be, though. I'd be in the big state hospital in the country, cheek by jowl to this private place.</p>	<p>A minha mãe disse-me que devia estar grata. Disse que já gastara o seu dinheiro quase todo, e que, se não fosse a senhora Guinea, não sabia onde eu teria ido parar. Eu sabia onde teria ido parar, ao hospital público que ficava mesmo ao lado da clínica.</p>
<p>I knew I should be grateful to Mrs. Guinea, only I couldn't feel a thing. If Mrs. Guinea had given me a ticket to Europe, or a round-the-world cruise, it wouldn't have made one scrap of difference to me, because</p>	<p>Sabia que devia estar grata à senhora Guinea, mas não conseguia sentir absolutamente nada. Se a senhora Guinea me tivesse dado um bilhete para a Europa, ou um cruzeiro à volta do mundo, a situação seria</p>

<p>wherever I sat—on the deck of a ship or at a street cafe in Paris or Bangkok—I would be sitting under the same glass bell jar, stewing in my own sour air.</p> <p>Blue sky opened its dome above the river, and the river was dotted with sails. I readied myself, but immediately my mother and my brother each laid one hand on a door handle. The tyres hummed briefly over the grill of the bridge. Water, sails, blue sky and suspended gulls flashed by like an improbable postcard, and we were across.</p>	<p>exatamente a mesma, porque onde quer que eu me sentasse — no convés de um navio ou numa esplanada em Paris ou em Banguete — estaria sentada sob a mesma campânula de vidro, abafada no meu próprio amargo ar.</p> <p>O céu azul abria a sua cúpula sobre o rio, ponteados com velas. Preparei-me, mas de imediato a minha mãe e o meu irmão levaram as mãos aos puxadores. Os pneus zumbiram brevemente sobre a grelha metálica da ponte. Água, velas, céu azul e gaivotas suspensas, brilharam rapidamente como um bilhete-postal inverosímil, e a nossa travessia terminara.</p>
<p>I sank back in the grey, plush seat and closed my eyes. The air of the bell jar wadded round me and I couldn't stir.</p> <p>I had my own room again.</p>	<p>Afundi-me de novo no assento cinzento e fechei os olhos. O ar da campânula de vidro envolvia-me e eu não me conseguia mexer.</p> <p>Voltara a ter um quarto só para mim.</p>

<p>It reminded me of the room in Doctor Gordon’s hospital—a bed, a bureau, a closet, a table and chair. A window with a screen, but no bars. My room was on the first floor, and the window, a short distance above the pine-needle-padded ground, overlooked a wooded yard ringed by a red brick wall. If I jumped I wouldn’t even bruise my knees. The inner surface of the tall wall seemed smooth as glass.</p> <p>The journey over the bridge had unnerved me.</p> <p>I had missed a perfectly good chance. The river water passed me by like an untouched drink. I suspected that even if my mother and brother had not been there I would have made no move to jump.</p>	<p>Fazia-me lembrar o quarto da clínica do doutor Gordon —uma cama, um móvel, um armário, uma mesa e uma cadeira. A janela tinha uma armação em rede, mas sem barras. O meu quarto era no primeiro andar, e a janela, a uma pequena distância do chão coberto de caruma, dava para um pátio arborizado, rodeado por um muro de tijolo vermelho. Se saltasse nem sequer esfolaria os joelhos. A parte de dentro do muro alto parecia lisa como vidro.</p> <p>A travessia da ponte enervara-me.</p> <p>Perdera uma ótima oportunidade. A água do rio fluíra sob mim como uma bebida desejada em que não tocámos. Suspeito que mesmo que a minha mãe e o meu irmão ali não estivessem, eu não teria esboçado sequer um movimento para saltar.</p>
---	--

<p>When I enrolled in the main building of the hospital, a slim young woman had come up and introduced herself. “My name is Doctor Nolan. I am to be Esther’s doctor.”</p> <p>I was surprised to have a woman. I didn’t think they had woman psychiatrists. This woman was a cross between Myrna Loy and my mother. She wore a white blouse and a full skirt gathered at the waist by a wide leather belt, and stylish, crescent-shaped spectacles.</p> <p>But after a nurse had led me across the lawn to the gloomy brick building called Caplan, where I would live, Doctor Nolan didn’t come to see me, a whole lot of strange men came instead.</p> <p>I lay on my bed under the thick white blanket, and they entered my room, one by one, and introduced themselves. I couldn’t understand why there should be so many of them, or why they would want to</p>	<p>Assim que me vira envolvida pela estrutura do edifício central da clínica, uma mulher magra, ainda jovem, aproximou-se de mim e apresentou-se. «Sou a doutora Nolan, e serei a médica assistente da Esther.» Fiquei surpreendida por ter uma médica a assistir-me. Não sabia que havia psiquiatras mulheres. Esta mulher era uma espécie de cruzamento entre a Myrna Loy e a minha mãe. Trazia vestidas uma blusa branca e uma saia que se uniam através de um largo cinto de pele, e uns óculos elegantes em forma de crescente.</p> <p>Mas depois de uma enfermeira me ter conduzido através do relvado em direção ao edifício de tijolo de ar sombrio chamado Caplan, onde eu iria ficar, a doutora Nolan não me veio visitar e, em vez dela, apareceu um grupo de homens bastante estranho.</p> <p>Estava deitada na minha cama, tapada com um pesado cobertor branco, quando eles entraram no meu quarto e se apresentaram um a um. Não</p>
--	---

<p>introduce themselves, and I began to think they were testing me, to see if I noticed there were too many of them, and I grew wary.</p>	<p>entendia por que razão eram tantos, ou por que é que precisavam de se apresentar, e comecei a suspeitar que estavam a testar-me para ver se eu percebia que eles eram muitos, e comecei a sentir-me cansada.</p>
<p>Finally, a handsome, white-haired doctor came in and said he was the director of the hospital. Then he started talking about the Pilgrims and Indians and who had the land after them, and what rivers ran nearby, and who had built the first hospital, and how it had burned down, and who had built the next hospital, until I thought he must be waiting to see when I would interrupt him and tell him I knew all that about rivers and Pilgrims was a lot of nonsense.</p> <p>But then I thought some of it might be true, so I tried to sort out what was likely to be true and what wasn't, only before I could do that, he had said good-bye.</p>	<p>Por fim, um médico jeitoso, de cabelos brancos, apareceu e disse-me que era o diretor do hospital. Depois começou a falar sobre os primeiros colonos e sobre os índios, sobre os que vieram depois, e os rios que passavam ali perto, quem construía a clínica, o incêndio que a destruía e quem a reconstruía. Pensei então que ele devia estar à espera que eu me cansasse de o ouvir e o interrompesse para lhe dizer que já sabia o que tinha a saber de rios e colonos, e que aquilo tudo não passava de uma grande treta.</p> <p>Mas depois pensei que algumas daquelas coisas podiam ser verdade, e tentei descortinar o que era verdade e o que não era, só que, antes de ser capaz de o fazer, ele despediu-se e saiu.</p>

<p>I waited till I heard the voices of all the doctors die away. Then I threw back the white blanket and put on my shoes and walked out into the hall. Nobody stopped me, so I walked round the corner of my wing of the hall and down another, longer hall, past an open dining room.</p>	<p>Esperei até ouvir as vozes dos médicos desvanecerem-se lá longe. Puxei então o cobertor para trás, calcei os sapatos e saí. Como ninguém me impediu, contornei a minha ala, prossegui pelo corredor, e passei para outro mais comprido em direção ao refeitório.</p>
<p>A maid in a green uniform was setting the tables for supper. There were white linen table-cloths and glasses and paper napkins. I stored the fact that there were real glasses in the corner of my mind the way a squirrel stores a nut. At the city hospital we had drunk out of paper cups and had no knives to cut our meat. The meat had always been so overcooked we could cut it with a fork.</p> <p>Finally I arrived at a big lounge with shabby furniture and a threadbare rug. A girl with a round pasty face and short black hair was sitting in an armchair, reading a magazine. She reminded me of a Girl Scout leader I'd had once. I glanced at her feet, and sure enough, she wore</p>	<p>Uma criada com uniforme verde punha as mesas para o jantar Havia toalhas brancas de linho, copo e guardanapos de papel. Apercebi-me do facto de serem copos a sério, como um esquilo que apercebe de uma noz. No hospital apenas nos davam copos de papel e nunca tínhamos facas para cortar a carne. Esta estava sempre cozida que a conseguíamos cortar com o garfo.</p> <p>Cheguei por fim a uma sala de estar grande, com uma mobília já antiga e uma tapete puída. Uma rapariga, com uma cara arredondada e pálida, estava sentada num sofá, a ler uma revista. Fazia-me lembrar a chefe do Corpo de Escuteiras, ao qual eu pertencera. Olhei-a com mais atenção e</p>

<p>those flat brown leather shoes with fringed tongues lapping down over the front that are supposed to be so sporty, and the ends of the laces were knobbed with little imitation acorns.</p> <p>The girl raised her eyes and smiled. “I’m Valerie. Who are you?”</p> <p>I pretended I hadn’t heard and walked out of the lounge to the end of the next wing. On the way, I passed a waist-high door behind which I saw some nurses.</p>	<p>reconheci nos seus pés os sapatos com franjas à frente, os laços com bolotas de imitação e os saltos rasos típicos de uma desportista.</p> <p>A rapariga ergueu os olhos para mim e sorriu: «Chamo-me Valerie. E tu?»</p> <p>Fingi que não tinha ouvido e abandonei a sala em direção à ala seguinte. Pelo caminho, passei por uma porta que se erguia só até à altura do peito, atrás da qual vi algumas enfermeiras.</p>
<p>“Where is everybody?”</p> <p>“Out.” The nurse was writing something over and over on little pieces of adhesive tape. I leaned across the gate of the door to see what she was writing, and it was E. Greenwood, E. Greenwood, E. Greenwood, E. Greenwood.</p> <p>“Out where?”</p>	<p>«Onde é que estão as outras pessoas?»</p> <p>«Lá fora.» A enfermeira escrevia a mesma coisa em pequenas fitas adesivas. Espreitei por cima da porta para ver o que é que ela estava a escrever e vi E. Greenwood, E. Greenwood, E. Greenwood, E. Greenwood.</p> <p>«Lá fora onde?»</p>

<p>“Oh, OT, the golf course, playing badminton.”</p> <p>I noticed a pile of clothes on a chair beside the nurse. They were the same clothes the nurse in the first hospital had been packing into the patent leather case when I broke the mirror. The nurse began sticking the labels on to the clothes.</p> <p>I walked back to the lounge. I couldn’t understand what these people were doing, playing badminton and golf. They mustn’t be really sick at all, to do that.</p> <p>I sat down near Valerie and observed her carefully. Yes, I thought, she might just as well be in a Girl Scout camp. She was reading her tatty copy of Vogue with intense interest.</p>	<p>«Enfim, na terapia ocupacional, no relvado, no campo de golfe, a jogar badminton.»</p> <p>Reparei numa pilha de roupa em cima de uma cadeira ao lado da enfermeira. Eram as mesmas roupas que a enfermeira, no primeiro hospital, arrumara na mala quando parti o espelho. As enfermeiras começaram a pôr as etiquetas na roupa.</p> <p>Voltei para a sala de estar. Não entendia o que é que aquela gente andava para ali a fazer, jogando golfe e badminton. Afinal não deviam estar tão doentes quanto isso.</p> <p>Sentei-me perto da Valerie e observei-a cuidadosamente. Sim, devia ser a rapariga do Corpo de Escuteiras. Ela lia com interesse um exemplar da Vogue.</p>
---	---

<p>“What the hell is she doing here,” I wondered. “There’s nothing the matter with her.”</p>	<p>«O que raio estará ela a fazer aqui?» Interroguei-me. «Ela não tem problema nenhum.»</p>
<p>“Do you mind if I smoke?” Doctor Nolan leaned back in the armchair next to my bed.</p>	<p>«Importa-se que fume?» A doutora Nolan encostou-se na cadeira junto à minha cama.</p>
<p>I said no, I liked the smell of smoke. I thought if Doctor Nolan smoked, she might stay longer. This was the first time she had come to talk with me. When she left I would simply lapse into the old blankness.</p>	<p>Respondi-lhe que não, que até me agradava o cheiro do tabaco. pensei que se a doutora Nolan fumasse, era capaz de se demorar um pouco mais. Esta era a primeira vez que ela vinha falar comigo. Mal</p>
<p>“Tell me about Doctor Gordon,” Doctor Nolan said suddenly. “Did you like him?”</p>	<p>ela saísse, eu regressaria ao meu vazio habitual.</p>
<p>I gave Doctor Nolan a wary look. I thought the doctors must all be in it together, and that somewhere in this hospital, in a hidden corner, there reposed a machine exactly like Doctor Gordon’s, ready to jolt me out of my skin.</p>	<p>«Fale-me do doutor Gordon», a doutora Nolan disse de repente. «Gostava dele?» Olhei para ela com um ar surpreendido. Pensava que afinal os médicos se deviam apoiar mutuamente e que, algures nesta clínica, num lugar</p>

<p>“No,” I said. “I didn’t like him at all.”</p> <p>“That’s interesting. Why?”</p> <p>“I didn’t like what he did to me,”</p> <p>“Did to you?”</p> <p>I told Doctor Nolan about the machine, and the blue flashes, and the jolting and the noise. While I was telling her she went very still.</p> <p>“That was a mistake,” she said then. “It’s not supposed to be like that.”</p> <p>I stared at her.</p> <p>“If it’s done properly,” Doctor Nolan said, “it’s like going to sleep.”</p> <p>“If anyone does that to me again I’ll kill myself.”</p> <p>Doctor Nolan said firmly, “You won’t have any shock treatments here. Or if you do,” she amended, “I’ll tell you about it beforehand, and I</p>	<p>oculto, deveria haver uma máquina igualzinha à do doutor Gordon, prestes a fazer saltar a minha pele.</p> <p>«Não», disse. «Não gostava nada dele.»</p> <p>«Isso é interessante. Porquê?»</p> <p>«Não gostei daquilo que ele me fez.»</p> <p>«Lhe fez?»</p> <p>Falei da máquina à doutora Nolan, e dos relâmpagos azuis, e dos estremeções e do barulho. Enquanto lhe contava o que se passara, ela escutou-me em silêncio.</p> <p>«Tudo isso foi um erro», disse. «As coisas não se devem passar dessa maneira.»</p> <p>Fiquei pasmada a olhar para ela.</p>
--	--

<p>promise you it won't be anything like what you had before. Why," she finished, "some people even like them."</p>	<p>«Se for feito como deve ser», a doutora Nolan disse, «é como adormecer.»</p> <p>«Se alguém me voltar a fazer a mesma coisa, eu mato-me.»</p> <p>A doutora Nolan disse com firmeza: «Aqui você não vai ter nenhum tratamento de choques elétricos. Ou se o tiver», corrigiu, «explicar-lhe-ei tudo antes, e prometo-lhe que não será nada como a sua experiência anterior. Aliás», concluiu, «há mesmo algumas pessoas que gostam deste tipo de tratamento.»</p>
<p>After Doctor Nolan had gone I found a box of matches on the window-sill. It wasn't an ordinary-size box, but an extremely tiny box. I opened it and exposed a row of little white sticks with pink tips. I tried to light one, and it crumpled in my hand.</p> <p>I couldn't think why Doctor Nolan would have left me such a stupid thing. Perhaps she wanted to see if I would give it back. Carefully I</p>	<p>Depois de a doutora Nolan sair reparei uma caixa de fósforos no parapeito da janela. Era uma caixa diferente do habitual, visto ser extremamente pequena. Abri-a e vi uma série de pauzinhos brancos com as pontas vermelhas. Tentei acender um e amachucou-se todo na minha mão.</p>

<p>stored the toy matches in the hem of my new wool bathrobe. If Doctor Nolan asked me for the matches, I would say I'd thought they were made of candy and had eaten them.</p> <p>A new woman had moved into the room next to mine.</p> <p>I thought she must be the only person in the building who was newer than I was, so she wouldn't know how really bad I was, the way the rest did. I thought I might go in and make friends.</p>	<p>Não entendi por que razão a doutora Nolan me deixara uma coisa tão idiota. Talvez fosse para ver se eu a restituía. Escondi os fósforos de brincar na bainha do meu roupão turco novo. Se a doutora Nolan me perguntasse por eles, responder-lhe-ia que tinha pensado eram de chocolate e que os comera.</p> <p>Outra mulher veio para o quarto junto ao meu.</p> <p>Pensei que ela devia ser a única pessoa naquele edifício que ali estava há menos tempo do que eu, por isso, ao contrário das outras, ela desconheceria o meu verdadeiro estado. Pensei que podia ir ter com ela e conversar um pouco.</p>
<p>The woman was lying on her bed in a purple dress that fastened at the neck with a cameo brooch and reached midway between her knees and her shoes. She had rusty hair knotted in a schoolmarmish bun, and thin,</p>	<p>A mulher estava deitada em cima da cama, com um vestido de cor púrpura, apertado no pescoço com um alfinete com um camafeu. O vestido era bastante comprido, ficando a meio caminho entre os joelhos e os sapatos. O seu cabelo parecia palha e estava penteado em rolo. Tinha</p>

<p>silver-rimmed spectacles attached to her breast pocket with a black elastic.</p> <p>“Hello,” I said conversationally, sitting down on the edge of the bed.</p> <p>“My name’s Esther, what’s your name?”</p> <p>The woman didn’t stir, she just stared up at the ceiling. I felt hurt. I thought maybe Valerie or somebody had told her when she first came in how stupid I was.</p> <p>A nurse popped her head in at the door.</p> <p>“Oh, there you are,” she said to me. “Visiting Miss Norris. How nice!”</p> <p>And she disappeared again.</p> <p>I don’t know how long I sat there, watching the woman in purple and wondering if her pursed, pink lips would open, and if they did open, what they would say.</p>	<p>uns óculos prateados, com um elástico preto que os prendia ao bolso de cima do vestido.</p> <p>«Olá», disse-lhe com um ar descontraído. «Chamo-me Esther, e você?»</p> <p>A mulher continuou imóvel, com os olhos fixos no teto. Senti-me magoada. Pensei que talvez a Valerie, ou outra pessoa qualquer, lhe tivessem dito antes quão estúpida eu era.</p> <p>Uma enfermeira espreitou à porta.</p> <p>«Ah, é você, Esther», disse-me. «Que simpática ter vindo visitar a senhora Norris!» E desapareceu de novo.</p> <p>Não sei bem quanto tempo ali fiquei a olhar para a mulher com o vestido púrpura, tentando imaginar o que diriam aqueles lábios rosados se se abrissem e falassem.</p>
--	--

<p>Finally, without speaking or looking at me, Miss Norris swung her feet in their high, black, buttoned boots over the other side of the bed and walked out of the room. I thought she might be trying to get rid of me in a subtle way. Quietly, at a little distance, I followed her down the hall.</p> <p>Miss Norris reached the door of the dining-room and paused. All the way to the dining-room she had walked precisely, placing her feet in the very centre of the cabbage roses that twined through the pattern of the carpet. She waited a moment and then, one by one, lifted her feet over the door-sill and into the dining-room as though stepping over an invisible shin-high stile.</p> <p>She sat down at one of the round, linen-covered tables and unfolded a napkin in her lap.</p> <p>“It’s not supper for an hour yet,” the cook called out of the kitchen.</p>	<p>Por fim, sem me dirigir uma palavra e sem sequer olhar para mim, rodou os pés nas suas botinas pretas para o outro lado da cama, levantou-se e saiu do quarto. Pensei que ela era capaz de estar a tentar ver-se livre de mim de uma forma subtil. Devagar, e a uma pequena distância, segui-a ao longo do corredor.</p> <p>Quando chegou à porta do refeitório, parou. Durante todo o percurso no corredor, caminhou com precisão, colocando os pés exatamente no centro dos cestos com rosas que se enlaçavam no padrão da carpete. Esperou um pouco e depois avançou com um pé e com o outro, para o refeitório, como se pisasse um desenho invisível.</p> <p>Sentou-se numa das mesas redondas que estavam já prontas para o jantar, abriu um guardanapo e pô-lo no regaço.</p>
--	--

<p>But Miss Norris didn't answer. She just stared straight ahead of her in a polite way.</p>	<p>«Ainda não está na hora do jantar», gritou o cozinheiro da cozinha. Mas a senhora Norris não respondeu. Limitou-se a ficar a olhar frente, de uma forma bem composta.</p>
<p>I pulled up a chair opposite her at the table and unfolded a napkin. We didn't speak, but sat there, in a close, sisterly silence, until the gong for supper sounded down the hall.</p> <p>“Lie down,” the nurse said. “I'm going to give you another injection.”</p> <p>I rolled over on my stomach on the bed and hitched up my skirt. Then I pulled down the trousers of my silk pyjamas.</p> <p>“My word, what all have you got under there?”</p> <p>“Pyjamas. So I won't have to bother getting in and out of them all the time.”</p>	<p>Puxei a cadeira à sua frente, sentei-me e abri o guardanapo. Ficámos as duas em silêncio, sentadas, numa comunhão algo fraternal esperando que soasse o gongo para o jantar.</p> <p>«Deite-se», disse a enfermeira. «Vou dar-lhe outra injeção.» Deitei-me de barriga para baixo e puxei a saia para cima. Em seguida, tirei as calças do meu pijama de seda.</p> <p>«Meu Deus, o que é que você tem aí?»</p> <p>«O pijama. Assim não tenho de me dar ao trabalho de o andar sempre a vestir e a despir.»</p>

<p>The nurse made a little clucking noise. Then she said, “Which side?”</p> <p>It was an old joke.</p> <p>I raised my head and glanced back at my bare buttocks. They were bruised purple and green and blue from past injections. The left side looked darker than the right.</p>	<p>A enfermeira cacarejou qualquer coisa. Depois perguntou-me: «De que lado?» O que não passava, aliás, de uma velha piada entre nós.</p> <p>Ergui a cabeça e espreitei para trás, para as minhas nádegas nuas. Tinham marcas púrpuras, verdes e azuis de injeções passadas. O lado esquerdo parecia mais escuro do que o direito.</p>
<p>“The right.”</p> <p>“You name it.” The nurse jabbed the needle in, and I winced, savouring the tiny hurt. Three times each day the nurses injected me, and about an hour after each injection they gave me a cup of sugary fruit juice and stood by, watching me drink it.</p> <p>“Lucky you,” Valerie said. “You’re on insulin.”</p> <p>“Nothing happens.”</p> <p>“Oh, it will. I’ve had it. Tell me when you get a reaction.”</p>	<p>«Do direito.»</p> <p>«Como queira.» A enfermeira espetou a agulha e eu retraí-me, saboreando aquela pequena dor. As enfermeiras davam-me injeções três vezes por dia, e cerca de uma hora depois de cada uma, traziam-me um sumo de fruta adocicado e ficavam à espera que eu o bebesse.</p> <p>«Cheia de sorte», disse a Valerie. «Estás a insulina.»</p> <p>«Não acontece nada.»</p>

<p>But I never seemed to get any reaction. I just grew fatter and fatter. Already I filled the new, too-big clothes my mother had bought, and when I peered down at my plump stomach and my broad hips I thought it was a good thing Mrs. Guinea hadn't seen me like this, because I looked just as if I were going to have a baby.</p> <p>“Have you seen my scars?”</p>	<p>«Tens que esperar. Também já tive esse tratamento. Quando sentires alguma reação avisa.»</p> <p>Mas nunca senti qualquer reação. Apenas fiquei cada vez mais gorda. Já vestia agora as roupas novas e maiores que a minha mãe me comprara, e sempre que nelas enfiava o meu estômago enorme e as minhas ancas rechonchudas, pensava que tinha sido uma sorte a senhora Guinea não me ter visto assim, senão poderia ter pensado que estava à espera de um filho.</p> <p>«Já viste as minhas cicatrizes?»</p>
<p>Valerie pushed aside her black bang and indicated two pale marks, one on either side of her forehead, as if at some time she had started to sprout horns, but cut them off.</p>	<p>A Valerie puxou para o lado a sua franja negra e mostrou-me duas marcas ténues, uma de cada lado da testa, como se em tempos lhe tivessem começado a crescer chifres e ela os tivesse cortado</p>

<p>We were walking, just the two of us, with the Sports Therapist in the asylum gardens. Nowadays I was let out on walk privileges more and more often. They never let Miss Norris out at all.</p> <p>Valerie said Miss Norris shouldn't be in Caplan, but in a building for worse people called Wymark.</p> <p>“Do you know what these scars are?” Valerie persisted.</p> <p>“No. What are they?”</p> <p>“I've had a lobotomy.”</p> <p>I looked at Valerie in awe, appreciating for the first time her perpetual marble calm. “How do you feel?”</p> <p>“Fine. I'm not angry any more. Before, I was always angry. I was in Wymark, before, and now I'm in Caplan. I can go to town, now, or shopping or to a movie, along with a nurse.”</p>	<p>Íamos a andar as duas, com a terapeuta desportista, nos jardins da clínica. A pouco e pouco, ia tendo mais facilidade em sair para passear. A senhora Norris os passeios estavam interditos.</p> <p>A Valerie disse-me que ela não devia estar em Caplan, mas sim num sítio para casos piores, chamado Wymark.</p> <p>«Sabes de que é que são estas cicatrizes?» A Valerie insistiu.</p> <p>«Não. Do que é que são?»</p> <p>«Fizeram-me uma lobotomia.»</p> <p>Olhei para ela aterrada, apreciando pela primeira vez a sua perpétua calma marmórea. «Como é que te sentes?»</p> <p>«Estou bem. Já não me sinto revoltada. Antes, quando estava em Wymark, sim, nessa altura sentia-me. Mas agora, em Caplan, não. Aqui</p>
--	---

<p>“What will you do when you get out?”</p> <p>“Oh, I’m not leaving,” Valerie laughed. “I like it here.”</p>	<p>posso sair, ir à cidade, fazer compras ou ir ao cinema, acompanhada por uma enfermeira.</p> <p>«O que é que vais fazer quando saíres daqui?»</p> <p>«Eu já não saio daqui», a Valerie riu-se. «Gosto de cá estar.»</p>
<p>“Moving day!”</p> <p>“Why should I be moving?”</p> <p>The nurse went on blithely opening and shutting my drawers, emptying the closet and folding my belongings into the black overnight case.</p> <p>I thought they must at last be moving me to Wymark.</p> <p>“Oh, you’re only moving to the front of the house,” the nurse said cheerfully. “You’ll like it. There’s lots more sun.”</p> <p>When we came out into the hall, I saw that Miss Norris was moving too. A nurse, young and cheerful as my own, stood in the doorway of</p>	<p>«Dia de mudança!»</p> <p>«Porque é que eu me hei de mudar?»</p> <p>A enfermeira continuou, cheia de jovialidade, a abrir e a fechar gavetas, retirando as minhas coisas do armário e enchendo a mala negra.</p> <p>Pensei que me fossem mudar para Wymark.</p> <p>«Vamos mudá-la para a parte da frente da casa», disse alegremente. «Vai gostar do sítio. Lá tem muito mais sol do que aqui.»</p> <p>Quando cheguei ao corredor, reparei que também estavam a mudar a senhora Norris. Uma enfermeira, jovem e alegre como a minha, estava</p>

<p>Miss Norris's room, helping Miss Norris into a purple coat with a scrawny squirrel-fur collar.</p> <p>Hour after hour I had been keeping watch by Miss Norris's bedside, refusing the diversion of OT and walks and badminton matches and even the weekly movies, which I enjoyed, and which Miss Norris never went to, simply to brood over the pale, speechless circlet of her lips.</p> <p>I thought how exciting it would be if she opened her mouth and spoke, and I rushed out into the hall and announced this to the nurses. They would praise me for encouraging Miss Norris, and I would probably be allowed shopping privileges and movie privileges downtown, and my escape would be assured.</p> <p>But in all my hours of vigil Miss Norris hadn't said a word.</p> <p>"Where are you moving to?" I asked her now.</p>	<p>à porta do seu quarto, ajudando-a a vestir um casaco púrpura com uma gola de esquilo.</p> <p>Hora após hora ficara de vigília junto à sua cama, perdendo a diversão da terapia ocupacional, os passeios, os jogos de badmínton e até o filme semanal, que era um dos meus passatempos favoritos, apenas para observar o círculo pálido e silencioso dos seus lábios.</p> <p>Pen3</p> <p>sava que excitante seria se ela abrisse a boca e falasse, e eu correria pelo corredor para dar a boa nova às enfermeiras. Elas louvar-me-iam por ter encorajado a senhora Norris e eu, provavelmente, passaria a ter privilégios especiais como ir às compras e ao cinema, e a minha fuga estaria assegurada.</p>
---	--

<p>The nurse touched Miss Norris’s elbow, and Miss Norris jerked into motion like a doll on wheels.</p>	<p>Mas, durante todas as minhas horas de vigília, a senhora Norris não dissera uma só palavra.</p> <p>«Para onde é que vai?», perguntei-lhe então.</p> <p>A enfermeira tocou no ombro da senhora Norris e ela pôs-se em movimento como uma boneca sobre rodas.</p>
<p>“She’s going to Wymark,” my nurse told me in a low voice. “I’m afraid Miss Norris isn’t moving up like you.”</p> <p>I watched Miss Norris lift one foot, and then the other, over the invisible stile that barred the front doorsill.</p> <p>“I’ve a surprise for you,” the nurse said as she installed me in a sunny room in the front wing overlooking the green golf links. “Somebody you knows just come today.”</p> <p>“Somebody I know?”</p>	<p>«Vai para Wymark», disse-me baixinho a enfermeira. «Infelizmente, a mudança da senhora Norris não é tão boa como a sua.»</p> <p>Fiquei a observar a senhora Norris, levantando um pé, e depois outro, sobre o percurso invisível que traçara à sua frente.</p> <p>«Tenho uma surpresa para si», disse-me a enfermeira enquanto me instalava no meu novo quarto cheio de sol, dando para o verde campo de golfe. «Acabou de chegar uma pessoa sua conhecida.»</p> <p>«Uma pessoa minha conhecida?»</p>

<p>The nurse laughed. “Don’t look at me like that. It’s not a policeman.”</p> <p>Then, as I didn’t say anything, she added, “She says she’s an old friend of yours. She lives next door. Why don’t you pay her a visit?”</p> <p>I thought the nurse must be joking, and that if I knocked on the door next to mine I would hear no answer, but go in and find Miss Norris, buttoned into her purple, squirrel-collared coat and lying on the bed, her mouth blooming out of the quiet vase of her body like the bud of a rose.</p>	<p>A enfermeira riu-se. «Não olhe para mim dessa maneira. Não é nenhum polícia.» Depois, como eu ficasse calada, prosseguiu: «Diz que é uma velha amiga sua. Está no quarto ao lado. Porque é que não lhe vai fazer uma visita?»</p> <p>Pensei que a enfermeira devia estar a brincar, e que, se eu fosse bater à porta, ninguém me responderia e daria de caras com a senhora Norris, toda abotoada no seu casaco púrpura com a gola de esquilo, deitada em cima da cama, com a sua boca despontando do vaso silencioso do seu corpo como um botão de rosa.</p>
<p>Still, I went out and knocked on the neighbouring door.</p> <p>“Come in!” called a gay voice.</p> <p>I opened the door a crack and peered into the room. The big, horsey girl in jodhpurs sitting by the window glanced up with a broad smile.</p>	<p>Apesar de tudo, saí e fui bater à porta ao lado da minha.</p> <p>«Entre!», respondeu uma voz alegre.</p>

<p>“Esther!” She sounded out of breath, as if she had been running a long, long distance and only just come to a halt. “How nice to see you. They told me you were here.”</p> <p>“Joan?” I said tentatively, then “Joan!” in confusion and disbelief.</p> <p>Joan beamed, revealing her large, gleaming, unmistakable teeth.</p>	<p>Abri um pouco a porta e espreitei para dentro do quarto. Uma rapariga grande, possante, com umas calças de equitação, sentada junto à janela, ergueu os olhos e sorriu.</p> <p>«Esther!» Parecia ofegante, como se tivesse acabado de correr uma distância considerável e tivesse parado naquele instante. «Ainda bem que me vieste ver. Disseram-me que estavas aqui.»</p> <p>«Joan?», inquiri. Depois, disse «Joan», num misto de confusão e descrença.</p> <p>A Joan sorriu, revelando os seus inconfundíveis dentes brilhantes e grandes.</p> <p>«Sou eu, sou. Já sabia que ias ficar surpreendida.»</p>
--	---